Repositório Institucional da UFPI

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI

1. Identificação do material bibliográfico:

[ ]Tese [X]Dissertação [ ]Monografia [ ]TCC Artigo [ ]Livro

[ ]Capítulo de Livro [ ]Material Cartográfico ou Visual [ ]Música

[ ]Obra de Arte [ ]Partitura [ ]Peça de Teatro [ ]Relatório de pesquisa

[ ]Comunicação e Conferência [ ]Artigo de periódico [ ]Publicação seriada

[ ]Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura Plena em História

Programa de pós-graduação: Mestrado em História do Brasil

Outro: _____

Autor(a): Sabrina Thays Bezerra Santos

E-mail: sabrinathays@hotmail.com

Orientador (a) Pedro Pio Fontineles Filho

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Membro da banca: Fernando Bagiotto Botton

Instituição: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI

Membro da banca: Joseanne Zingleara Soares Marinho

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Digitalizado com CamScanner

Titulação obtida: MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

Data da defesa: 03/04/2023

Título do trabalho: Com a boca no mundo: História, Música e Gênero na obra de Rita Lee - 1970 a 1980.

Agência de fomento (em caso de aluno bolsista): _____

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [X]

Parcial: [ ]. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados:_____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 264/2016 de 05 de dezembro de 2016, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Teresina Data: 25/05/2023

Assinatura do(a) autor(a): Sabrina Thays Bezerra Santos

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).

Digitalizado com CamScanner

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PREPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

SABRINA THAYS BEZERRA SANTOS

COM A BOCA NO MUNDO:

HISTÓRIA, MÚSICA E GÊNERO NA OBRA DE RITA LEE - 1970 a 1980

Teresina – PI
2023

SABRINA THAYS BEZERRA SANTOS

COM A BOCA NO MUNDO:

HISTÓRIA, MÚSICA E GÊNERO NA OBRA DE RITA LEE - 1970 a 1980

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Linha de pesquisa: História, Cultura e Arte

Orientador: Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho

Teresina – PI
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

S237c Santos, Sabrina Thays Bezerra.
Com a boca no mundo : história, música e gênero na obra de Rita Lee – 1970 a 1980 / Sabrina Thays Bezerra Santos. -- 2023.
159 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2023.
"Orientador: Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho"

1. História. 2. Música. 3. Gênero. 4. Autobiografia. I. Fontineles Filho, Pedro Pio. II. Título.

CDD 981.063

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

SABRINA THAYS BEZERRA SANTOS

COM A BOCA NO MUNDO:

HISTÓRIA, MÚSICA E GÊNERO NA OBRA DE RITA LEE - 1970 a 1980

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Linha de pesquisa: História, Cultura e Arte

Orientador: Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho

Aprovada em,_____de_____de 2023.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho - UFPI
(Presidente)

_____
Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton - UESPI
(1º Examinador - Externo)

_____
Profa. Dra. Joseanne Zingleara Soares Marinho - UFPI
(2º Examinador - Interno)

_____
Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito - UFPI
(Suplente)

Teresina – PI
2023

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim deste ciclo e consciente de que toda conquista se dá de maneira coletiva, deixo aqui registrado os meus mais sinceros votos de agradecimentos a todos que me acompanharam até a aqui, de maneira direta ou indireta.

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre abençoar o meu caminho e ser minha força nos momentos difíceis.

Agradeço aos meus pais, Marlúcia Liar Bezerra e José Martinho dos Santos, por todo amor, afeto, suporte psicológico e material ao longo desses dois anos. Obrigada por, desde sempre, terem me incentivado para o melhor caminho: o dos estudos e do conhecimento. Sem vocês nada disso seria possível.

Ao meu irmão, Felipe Wanderson, pelos momentos únicos compartilhados em família, que deixaram meus dias mais leves e agradáveis.

Ao meu irmão, Matheus Wallison, por todo incentivo e conselhos compartilhados que contribuíram para minha escrita. Os dias regados à música e cantoria foram minha válvula de escape no meio das adversidades.

Ao meu parceiro de vida, Bruniel Cardoso, que, com todo amor e paciência, abraçou comigo minhas inseguranças e esteve sempre ao meu lado me dando apoio. Obrigada por ter sido compreensível com minhas ausências nos momentos de dedicação à escrita. Amo você!

À minha querida sobrinha, Dulce Maria, por trazer alegria para minha vida com todo o seu encanto e sorriso contagiante em meio ao caos pandêmico. Você é a luz da nossa família e renova dia a dia minha esperança, minha doce Dulce.

A todos os meus colegas de turma, que, de maneira efetiva, tornaram esse processo afetuoso e acolhedor, compartilhando dia a dia os prazeres e desprazeres de se fazer pesquisa, tornando-se um ponto de união e apoio que desejo levar para a vida. Em especial, ao meu amigo Gabriel Rocha, que desde o início esteve sempre presente dividindo os bons e maus momentos, além de todo suporte psicológico e conversas cotidianas que enriqueceram este percurso.

Agradeço também a todos os meus amigos fora do meio universitário, em especial a Daiane Mesquita, que considero como uma irmã e que me deu força em todos os momentos, mesmo na distância e a Herika Oliveira, por sempre estar presente na minha vida, dividindo os dramas pessoais e acadêmicos.

Agradeço ao Programa de Mestrado em História do Brasil, pela organização e disponibilidade, mesmo diante das adversidades ocasionadas pelo meio remoto devido à pandemia. A todos os professores do Programa, que contribuíram ricamente para minha

formação através das disciplinas ministradas e lições de vida compartilhadas, que se tornaram uma força motriz diante das dificuldades do ensino remoto.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por nos últimos meses de pesquisa ter me concedido bolsa e permitido o meu foco exclusivo à pesquisa para os ajustes finais de escrita.

Aos professores Dr. Fábio Leonardo e Dra. Joseanne Marinho, que estiveram presentes em minha banca de Exame de Qualificação. Suas contribuições foram de fundamental importância para o aprofundamento desta pesquisa.

Ao professor Dr. Fernando Bagiotto, que aceitou gentilmente fazer parte da minha banca de Defesa, assim como à professora Dra. Joseanne Marinho, por, além de compor minha banca de Defesa da Dissertação, acompanhar minha tragétória há anos, com seu olhar atento e dicas valiosas.

De modo especial, agradeço ao Professor Dr. Pedro Pio Fontineles Filho, amigo e orientador, competente e responsável, que sempre se mostrou disposto e me ajudou integralmente na construção desse trabalho, que sem dúvida não teria sido possível sem a especial atenção recebida e sem o seu caráter solidário. Obrigada por tudo, sou extremamente grata.

E, por fim, deixo aqui também meu muito obrigada a Rita Lee, por representar tão bem a força feminina através de suas canções. A ela, minha total admiração.

O pior inimigo da criatividade é o bom-senso, mudar, mudar, mudar, nem que seja para pior. Dói mais sorrir na frente dos outros do que chorar sozinha, mas não devo levar a vida tão a sério porque ninguém sai dela vivo. Debochar de mim mesma é uma estratégia que sempre dá resultado positivo. Uma das coisas que mais me dão prazer é fazer o que não devo, tipo fumar na frente de quem faz campanha anticigarro. Não é tarde para ser o que eu deveria ter sido. Eis-me aqui, uma pós famosa anônima observando os macro e micro-omniversos dentro e fora de mim.

(LEE, Rita, 2016)

RESUMO

A música produzida e elaborada por Rita Lee está imersa, como todo produto humano, em um sistema de relações, dentre as quais as de gênero ganharam maior repercussão, não somente pelas suas músicas, mas por ser uma mulher que se destacou em um segmento musical com predominância da atuação masculina – o rock. Observando esses paradigmas no meio musical e social essencialmente conservador, o presente estudo busca estudar os processos alternativos de subjetivação de Rita Lee e sua contribuição para o entendimento do ser mulher no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, revelando-se como uma figura feminina forte e de personalidade transgressora. Assim, o presente trabalho teve como objetivo principal compreender historicamente a vida e a obra da artista brasileira Rita Lee, para, com esta compreensão, problematizar as condições históricas de existir no interior das quais a citada artista referenciou, para toda uma geração, as noções de corpo, gênero, sexualidade, juventude e família entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil. Além disso, tomar Rita Lee como um signo histórico, através do qual se procurará derivar a história da classe média brasileira no período em estudo, buscou-se indagar sobre o processo de recepção da arte de Rita Lee, tanto pela crítica de música como pelo público em geral; bem como desenvolver estudos teóricos sobre as categorias juventude, sexualidade, família, gênero e indagar sobre as condições de fazer e consumir arte no Brasil da ditadura militar. Dessa forma, buscando discutir as relações de corpo, gênero e sexualidade, serão revisados os seguintes autores: Carla Bassanezi Pinsky (2012), Mary Del Priore (2011), Rachel Sohiet (1997) e Joan Scott (1992). Referentes às discussões de Biografia e Autobiografia, foram utilizados autores tais como Schmidt (2000), Ricoeur (1994) e Bourdieu (1986). No tocante às discussões sobre História e Música, foram utilizadas as proposições de Marcos Napolitano (2006, 2005), Paulo Chacon (1982) e Tatit (2004). Além da revisão bibliográfica citada, foram levantadas análises de sua autobiografia, entrevistas disponíveis na internet, assim como leituras e interpretações de reportagens disponíveis em revistas digitais com o objetivo de analisar a trajetória musical e vida pessoal da cantora Rita Lee, também foi realizada a análise de fotografias e capas de álbuns que marcaram sua carreira para o entendimento do contexto em que estavam inseridas e seu posicionamento diante disso. Dessa forma, considera-se que sendo dotada de uma transgressão orientada, Rita Lee consegue, através de suas canções, elencar novas formas de ser mulher, o que se evidencia como uma forma de ligação na construção de novos padrões de corpo, gênero, sexualidade, família e juventude, tornando-se assim um símbolo de representatividade.

Palavras-chave: História. Música. Gênero. Autobiografia.

ABSTRACT

The music produced and elaborated by Rita Lee is immersed, like every human product, in a system of relationships, among which those of gender gained greater repercussion, not only for her songs, but for being a woman who stood out in a musical segment. with a predominance of male performance – rock. Noting these paradigms in the essentially conservative musical and social milieu, the present study seeks to study Rita Lee's alternative processes of subjectivation and her contribution to the understanding of being a woman in Brazil in the 1970s and 1980s, revealing herself as a strong female figure and transgressive personality. Thus, the main objective of the present work was to historically understand the life and work of the Brazilian artist Rita Lee in order, with this understanding, to problematize the historical conditions of existence within which the aforementioned artist referenced, for an entire generation, the notions of body, gender, sexuality, youth and family between the 1970s and 1980s in Brazil.
In addition, taking Rita Lee as a historical sign, through which the history of the Brazilian middle class will be derived in the period under study, we sought to inquire about the process of reception of Rita Lee's art by both music critics and the public. in general, to develop theoretical studies on the categories of youth, sexuality, family, gender and to investigate the conditions of making and consuming art in Brazil during the military dictatorship. Thus, seeking to discuss the relationships of body, gender and sexuality, the following authors will be reviewed: Carla Bassanezi Pinsky (2012), Mary Del Priore (2011), Rachel Sohiet (1997) and Joan Scott (1992). Regarding the discussions of Biography and Autobiography, authors such as Schmidt (2000), Ricouer (1994) and Bourdieu (1986) were used. With regard to discussions on History and Music, propositions by Marcos Napolitano (2006, 2005), Paulo Chacon (1982) and Tatit (2004) were used. In addition to the cited bibliographic review, analyzes of her autobiography, interviews available on the internet, as well as readings and interpretations of reports available in digital magazines were raised in order to analyze the musical trajectory and personal life of the singer Rita Lee. from photographs and album covers that marked their career to understanding the context in which they were inserted and their positioning in this regard. In this way, it is considered that being endowed with an oriented transgression, Rita Lee manages, through her songs, to list new ways of being a woman, which is evidenced as a form of connection in the construction of new standards of body, gender, sexuality , family and youth, thus becoming a symbol of representativeness.

Keywords: History. Music. Gender. Autobiography.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01: Emilinha Borba é eleita Rainha do Rádio em 1953.....35
Figura 02: Capa do disco O Encantamento do Bolero, de Dalva de Oliveira.....37
Figura 03: Capa do álbum Dolores Duran no ano de 1958.....39
Figura 04: Capa do álbum Convite para ouvir Maysa de 1958.....40
Figura 05: Foto de matéria na Revista do Rádio em 1952.....41
Figura 06: Capa do Livro Rita Lee: uma autobiografia.....47
Figura 07: Rita Lee no lançamento do "Rita Lee: uma autobiografia".....48
Figura 08: Ronnie Von prestigiando Rita Lee no lançamento de sua autobiografia.....49
Figura 09: Capa do livro "favoRita" lançado no ano de 2018.....51
Figura 10: Rita Lee em sua primeira comunhão.....54
Figura 11: Rita Lee na infância (1ª foto) e durante show na década de 1970.....57
Figura 12: Rita Lee lambendo microfone em um dos seus shows.....59
Figura 13: Rita Lee na capa da Revista Rolling Stones (2007).....60
Figura 14: Wanderléa, Erasmo e Roberto Carlos: o trio de apresentadores da Jovem Guarda.....68
Figura 15: Capa do albúm Tropicália ou Panis et Circensis em 1968.....70
Figura 16: Torquato Neto, Gilberto Gil e Nana Caymmi na Passeata dos 100 Mil em 1968.....71
Figura 17: Depois das vaias, Caetano conquistou o público do festival da Record de 1967 com a música "Alegria, alegria".....73
Figura 18: A canção "Domingo no parque", de Gilberto Gil ficou em segundo lugar no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record.....75
Figura 19: Caetano, Gil e Mutantes enfrentaram vaias e tomates na plateia do Tuca na apresentação de "É proibido proibir".....76
Figura 20: Liminha, Gil e Os Mutantes defenderam "2001" no festival Record de 1968.....79
Figura 21: Capa do segundo álbum da banda Os Mutantes (Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias).....80
Figura 22: Capa do disco *A Divina comédia ou Ando meio desligado,* de 1970.....81
Figura 23: Contra capa do disco *A Divina comédia ou Ando meio desligado*.....82
Figura 24: Capa do disco " Build up", lançado no ano de 1970.....85

Figura 25: Primeira formação da banda *Tutti Frutti* em 1974 (Luis Sérgio Carlini Lee Marcucci, Emilson Colantonio, Rita Lee e Lúcia Turnbull).....88
Figura 26: Capa do albúm *"Fruto Proibido",* no ano de 1975.....89
Figura 27: Capa do disco Babilônia, no ano de 1978.....91
Figura 28: Rita Lee no seu primeiro show pós prisão. 95
Figura 29: Capa e contra capa do álbum *Rita Lee,* 1979 98
Figura 30: Capa e contra capa do álbum Rita Lee, 1979.....100
Figura 31: Capa do álbum "Rita Lee e Roberto de Carvalho (1982) 102
Figura 32: Capa do Disco Todas as Mulheres do mundo, no ano de 1991.....113
Figura 33: Manifestação protagonizada por mulheres durante a ditadura militar.....117
Figura 34: Principais nomes do movimento Tropicalista. 118
Figura 35: Capa do disco "Índia" de Gal Costa lançado, no ano de 1973. 123
Figura 36: Parecer de censura da Música *Gente Fina é outra coisa (*1973). 125
Figura 37: Parecer de censura da música *As duas faces de eva (*1981) 129
Figura 38: Parecer de censura da Música *Arrombou a festa III ou Arrombou o cofre*..... 131
Figura 39: Parecer de censura da Música Papai me empresta o carro (1978).....132
Figura 40: Rita Lee abraçada à bandeira de São Paulo em seu último show, em 2013..... 146

LISTA DE SIGLAS

AI-5 – Ato Institucional Nº5

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

DCDP – Divisão de Censura de Diversões PúblicasMPB– Música Popular Brasileira

CCM – Campus Clóvis Moura

DEIC – Departamento Estadual de Investigações Criminais

FIC - Festival Internacional da Canção

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

SNI – Serviço Nacional de Informação

USP – Universidade de São Paulo

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 13

2. "**Foi lá que avistei o meu primeiro disco voador":** a história pessoal de Rita Lee como signo histórico do ser mulher nos meados do século XX no Brasil 23

2.1- A materialidade da existência feminina entre as décadas de 1950 e 1960 no Brasil 23

2.2 - Rita Lee: quando a ovelha virou negra 26

3. Rita Jeep: as parcerias musicais de Rita Lee 65

3.1- Música, sociedade e cultura no Brasil: o tropicalismo de Rita Lee 65

3.2- A atuação de Rita Lee a partir de *Os Mutantes* 83

3.3- Contra o rebanho: A trajetória da carreira solo 91

4. A ovelha negra: corpo, gênero e sexualidade na arte de Rita Lee 107

4.1- Ser mulher no Brasil no período de ditadura militar 108

4.2- Para além do "amor e sexo": relações de gênero na música de Rita Lee 133

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 148

6. REFERÊNCIAS E FONTES 151

1 - INTRODUÇÃO

Levava uma vida sossegada
Gostava de sombra
E água fresca
Meu Deus!
Quanto tempo eu passei
Sem saber!
Uh! Uh!...

Foi quando meu pai
Me disse:
"Filha, você é a Ovelha Negra
Da família"
Agora é hora de você assumir
Uh! Uh!
E sumir!...

(Rita Lee. Fruto Proibido, 1975)[1]

Rita Lee Jones de Carvalho, ou simplesmente Rita Lee, é uma cantora brasileira com larga inserção na história da Música Popular Brasileira. Já vendeu cerca de 50 milhões de discos[2], o que a torna uma artista de muito sucesso e bastante conhecida em todo o Brasil, sendo sua arte consumida e admirada por brasileiros de diferentes extratos sociais. Oriunda da classe média paulistana, o início da popularização da cantora se deu quando a mesma era membro da banda "Mutantes"[3], também bastante famosa nas décadas 1960 e 1970.

Vivendo uma vida fora das regras, com dias regados a sexo, álcool, drogas e rock'n'roll, Rita Lee assume bem o papel de ovelha negra da família. Nascida no ano de 1947, a mais nova entre duas irmãs, desfrutou sua infância e adolescência em um período em que ser mulher tinha certos endereçamentos e prescrições, com os quais Rita colide. A "ovelha negra" assume inúmeros significados, oriundos de uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, pelo machismo e por inúmeros preconceitos. Situação ainda mais crítica, quando da instauração do regime autoritário e ditatorial no país. As liberdades, inclusive de expressão corporal e sexual, eram

[1] LEE, Rita; FRUITT, Tutti. Ovelha Negra. In: **Fruto Proibido**. Eldorado, São Paulo: Som Livre, 1975. 1. Disco sonoro, Faixa 9.
[2] Com o LP Rita Lee e Roberto de Carvalho, lançado em 1982, a artista vendeu mais de 2 milhões de cópias. De acordo com a Amazon, a cantora alcançou a marca de 55 milhões de discos vendidos ao longo da carreira, sendo a quarta artista mais bem-sucedida na história da música no país, ficando atrás apenas de Tonico & Tinoco, Roberto Carlos e Nélson Gonçalves. Disponível em: https://www.dci.com.br/dci-mais/celebridades/rita-lee-10-curiosidades-sobre-a-rainha-do-rock-brasileiro/135207/.
[3] *Os Mutantes* gravaram juntos 6 discos: Os Mutantes (1968), Tropicália: ou Panis et Circencis (1968), Mutantes (1969), A divina comédia ou Ando meio desligado (1970), Jardim Elétrico (1971) e Mutante e seus cometas no país do bauretz (1972).

repreendidas com o pretexto da defesa da moral, dos bons costumes e da "família tradicional brasileira". Rita Lee é a ovelha, que tem suas origens em tal família tradicional, e, por isso, sua trajetória pessoal e artística deve ser compreendida por contradições, revoluções, permanências, mudanças. Rita Lee é tomada como um sujeito histórico plural, marcado pelas referências sociais e artísticas que ela ora transgredia, ora reproduzia, mesmo que inconscientemente. "Assumir e sumir" se constituem como ações recorrentes na própria vida de Rita Lee, pois assumiu suas escolhas e as consequências delas, bem como sumiu de alguns espaços sociais, para surgir em outros, especialemente nos espaços do cenário musical brasileiro.

Enquanto uma parcela das mulheres da época tinha como principal preocupação o casamento e os cuidados com o lar, Rita Lee já se apresenta destoante desde a infância, na qual aprontava todo tipo de travessura, enquanto crescia no casarão localizado na Vila Mariana, em São Paulo.[4] Filha de uma descendente de italianos com um imigrante norte-americano, Rita era uma pequena transgressora de limites. Seguindo sua rebeldia, Rita Lee logo demonstrou interesse pela música que tornou-se sua grande paixão. Apesar da música fazer parte da sua vida desde cedo, sua família considerava apenas um passatempo, mas ainda assim, durante o colegial, estudando no colégio francês paulistano Liceu Pasteur, Rita Lee, inpirada por sua paixão à banda os Beatles, montou um grupo musical só de meninas, com o qual apresentava-se nos festivais escolares que ocorriam no teatro João Caetano e teria sido o pontapé inicial para o início de sua grande carreira musical.

As músicas de Rita Lee, assim como sua postura transgressora nos palcos e na vida, sempre me chamaram atenção. Sendo fã de Rita Lee desde a adolescência e influenciada por uma amiga de infância, jamais imaginei que em algum momento ela se tornaria um objeto de pesquisa e me acompanharia por alguns anos. Ao entrar na Universidade Estadual do Piauí - UESPI, no Campus Clóvis Moura - CCM, no ano de 2014, para cursar Licenciatura em História, tive o primeiro contato com ideais feministas e os estudos sobre História das Mulheres, despertando assim meu interesse pelo universo feminino.

Dessa forma, seguindo o interesse pela temática, no ano de 2016, ano de lançamento da autobiografia de Rita Lee, recebi como sugestão do professor Dr. Pedro Pio Fontineles Filho estudar Rita Lee como forma de compreender a sua relevância no meio cultural e social, sendo estes atravessados pelos estudos de gênero, corpo e sexualidade. Inicialmente, a pesquisa se deu através de um projeto de Pibic e consequentemente a realização da pesquisa de Monografia[5].

[4] LEE, Rita. 2016. p. 9.
[5] Título de Projeto de Pibic e Monografia apresentada no ano de 2018: (Re) pensando a "Ovelha Negra": História, música e gênero na obra de Rita Lee – 1972 à 1990. Apresentações em eventos tais como: IV Colóquio

Assim, com o aprofundamento das leituras e contatos com novas fontes, estudar Rita Lee na pesquisa de Mestrado tornou-se viável.

Neste sentido, esta pesquisa toma a trajetória artística de Rita Lee como um objeto histórico através do qual se imagina ser possível conhecer as condições de existir de parcela da juventude brasileira nas décadas marcadas pela ditadura militar[6]. Assim, ao apropriar-se historicamente da vida e da obra da artista brasileira Rita Lee, é possível narrar as condições históricas de existir no interior das quais a citada artista referenciou, para toda uma geração, as noções de corpo, gênero, sexualidade, juventude e família entre as décadas de 1970 e 1980, no Brasil.

Dessa forma, a partir de sua obra, iremos indagar o processo de recepção da arte de Rita Lee, tanto pela crítica de música como pelo público em geral, além de desenvolver estudos teóricos sobre as categorias que a atravessam e sobre o tratamento que tais categorias têm recebido no âmbito da história. Dessa forma, entende-se sua relevância e seus processos de subjetivação no período em questão para indagar sobre as condições de fazer arte no Brasil da ditadura militar. A pretexto da vida e da obra de Rita Lee se procurará conhecer historicamente as questões que pautavam a existência dos brasileiros no período em estudo, dando destaque às questões de gênero, ao feminismo, ao machismo, às relações entre pais e filhos e ao papel da arte juvenil no período.

Para melhor compreensão deste estudo, o recorte temporal da pesquisa visa analisar a fase da carreira da cantora entre as décadas de 1970 e 1980, no Brasil, sendo possível através deste período apropriar-se historicamente da vida e da obra da artista brasileira Rita Lee, para, com esta apropriação, narrar as condições históricas de existir no interior das quais a citada artista referenciou as noções de corpo, gênero, sexualidade, juventude e família. Porém, mesmo com esse recorte, a pesquisa não impedirá que sejam feitos alguns avanços e recuos para a melhor compreensão da trajetória da cantora estudada e de sua produção musical.

Diante disso, as questões norteadoras desse trabalho buscam entender os seguintes quetionamentos: Quais eram as condições de existir no período que Rita Lee se destacou no meio musical? Como Rita Lee se fez o sujeito Rita Lee? Qual a importância das parcerias

Internacional de Literatura e Gênero (2018), I Congresso Internacional Faces De Eros, I Seminário Nacional de Gênero e Direitos Humanos. Disponível em: https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/25.

[6] Os militares no poder procuraram sempre atuar a partir de uma "legalidade autoritária". Mas para combater qualquer um que contestasse o regime mais diretamente, os chamados "subversivos", não deveria haver limite jurídico, ético ou moral. Assim, principalmente a partir de 1968, o Estado brasileiro patrocinou uma repressão ao mesmo tempo legal e ilegal, baseada em censura, vigilância, tortura sistemática, prisões ilegais e desaparecimentos. Fonte: http://memoriasdaditadura.org.br/repressao/index.html.

musicais de Rita Lee na formação de suas subjetividades? Qual o papel da arte de Rita Lee na luta contra a Ditadura Militar?

Neste sentido, objetiva-se tomar Rita Lee como um signo histórico, através do qual se procurará derivar as condições históricas da classe média brasileira, especialmente paulista, no período em estudo, desenvolver estudos teóricos sobre as categorias juventude, sexualidade, família e gênero, indagando sobre o tratamento que tais categorias tem recebido no âmbito da história, além de mapear, nas canções de Rita Lee, aquelas que tematizem os temas em estudo.

Assim, destacamos que como "ovelha negra"[7] em seu estilo musical e visual, bem como em seus posicionamentos sociais e culturais, Rita Lee se constituiu como figura emblemática e conflitante no cenário musical brasileiro, sobretudo no rock, com alargamentos do que se compreende como música popular e com os conservadorismos em alta, a cantora e compositora Rita Lee enfrentou limitações relacionadas à questão do gênero e assume o papel subversivo, distanciando-se dos padrões de comportamento ditos femininos. Destacada no seio de uma sociedade essencialmente conservadora, tornando-se um grande ícone do rock brasileiro nos anos de 1970, imagem esta que se perpetua até os dias atuais.

Neste sentido, embora Rita Lee não seja uma teórica de gênero ou feminista acadêmica, suas canções e sua persona artística abordou questões relacionadas ao gênero e ao empoderamento feminino ao longo de sua carreira. Em várias de suas músicas, Rita Lee expressa uma postura feminista e de questionamento das normas de gênero. Suas letras frequentemente desafiam estereótipos e expectativas tradicionais sobre o que é ser uma mulher na sociedade, abordando temas como a liberdade sexual, o empoderamento feminino, a rejeição dos papéis tradicionais impostos às mulheres e a busca pela autonomia.

Dessa forma, podemos destacar que, como abordado pela teórica Judith Butler[8], gênero é uma construção social e performativa, em oposição à ideia de que é algo inato ou biologicamente determinado, sendo assim, o gênero não é uma característica fixa ou essencial das pessoas, mas sim uma série de práticas e performances repetidas que constituem a nossa compreensão e experiência do que significa ser homem ou mulher. Diante disso, para Butler, gênero não é simplesmente algo que as pessoas têm, mas algo que elas fazem, através de suas ações e comportamentos, e ao repetir atos e comportamentos socialmente reconhecidos como masculinos ou femininos, reforçamos as normas de gênero existentes.

---

[7] Referência à música *Ovelha Negra* composta por Rita Lee em 1975.
[8] BUTLER, Judith**. Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Neste contexto, Rita Lee destaca-se então por apresentar uma imagem artística forte e subversiva que desafiava as convenções de gênero e expressava sua individualidade. Tornando-se um ícone de estilo, transgredindo as normas de aparência e comportamento esperadas das mulheres na época em que surgiu como artista, Rita Lee contribuiu para a discussão e questionamento das normas de gênero por meio de suas letras e de sua própria imagem artística. Assim, com suas músicas e atitude na vida e nos palcos, desafiou estereótipos de gênero e promoveu uma visão mais aberta e libertadora sobre o que significa ser uma mulher na sociedade.

Tomando para si a metáfora de "ovelha negra", uma expressão bastante popular e utilizada para caracterizar as subjetivações daqueles sujeitos à margem da sociedade, que se denominavam fora dos padrões conservadores impostos pelas famílias de classe média no Brasil daquele contexto, a roqueira se coloca como uma figura que destoa da ordem social vigente a partir de uma perspectiva alternativa, pois ser a "ovelha negra da família" significa desinvestir numa linha de desejo padrão e investir numa linha de fuga[9], revelando o desejo juvenil por espaços de maior expressão e liberdade por meio de corpos que se faziam transgressores naquele momento da história brasileira.

Dando início a sua carreira ainda nos anos de 1966, Rita Lee vivenciou o regime militar autoritário vigente, marcado pela violência, tortura aos opositores do regime, restrição aos direitos políticos e à liberdade de expressão. Nesse mesmo ano, visando a manter o controle do poder sobre a população, foi decretado o Ato Institucional 5, considerado um dos mais duros do regime militar, além de dar passagem livre para a punição de quem se declarasse contra o governo, o jornalismo e as artes de modo geral, sendo considerados uns dos principais meios de comunicação, também sofreram censura.

Dessa forma, com suas letras provocadoras e controversas, levou-se dentre vários aspectos, a uma reflexão sobre o papel dos indivíduos na sociedade e sobre suas diferentes formas de relacionamento. Por esse viés, o corpo e a sexualidade marcaram boa parte de seu repertório, incidindo sobre a pluralidade da temática das relações de gênero e de como isso pode ser percebido, também, nas múltiplas relações de poder e de micro poderes.

A música produzida e elaborada por Rita Lee está imersa, como todo produto humano, em um sistema de relações, dentre as quais as de gênero ganharam maior repercussão, não

[9] Para Deleuze e Guattari, a linha de fuga pode ser compreendida como uma maneira que os agentes têm de dissociar-se do que são, e encaminharem-se para uma nova criação, mas que não é conclusiva já que devir é movimento, nada é definitivo. A propagação é uma transmissão e uma forma de povoar as coisas com novas relações. Encontra-se aí uma concepção perfeita para como surge o devir, por transmissão ou povoamento, e não por algo que se filia ou repete.

somente pelas suas músicas, mas por ser uma mulher que se inseriu em um segmento musical com predominância da atuação masculina.

Com base nisso, o estudo do corpo também se mostra relevante na análise de gênero e sexualidade proposta por esta pesquisa, na qual o corpo é pensado como "produzido na e pela cultura"[10]. Neste sentido, o corpo encontra-se relacionado com o meio social deixando de lado uma interpretação física superficial e dando ênfase para as discussões relacionadas ao gênero dentro de uma sociedade com diferentes perspectivas do modo de ser, viver e sentir.

A partir da perspectiva musical, é possível levantar questionamentos que envolvem o corpo, o gênero e a sexualidade, discutidos a partir das letras de música compostas na época em análise. Partindo desta premissa, observa-se diretamente a falta das discussões de gênero ao fazer uma conexão da ausência da figura feminina dentro do meio musical por ser considerado um ambiente predominantemente formado pela figura masculina, tornando o papel da mulher mais difícil, pois além da dedicação com o meio musical, necessita também um gerenciamento do corpo feminino em um campo que gira em torno de homens.[11]

Destacando a forma que Rita Lee enfrenta esses paradigmas e enfrenta o meio musical essencialmente conservador, o presente estudo busca estudar os processos alternativos de subjetivação de Rita Lee e sua contribuição para o entendimento do ser mulher no Brasil no período em destaque, revelando-se como uma figura feminina forte e de personalidade transgressora.

Como analisado por Paranhos[12] nos anos de 1970, o erotismo e a sensualidade invadiam a canção popular brasileira, fenômeno que, evidentemente, não se desconectava do que acontecia à volta do mundo da música, com os feminismos em alta. Nesse sentido, as diversas transformações guardam uma íntima relação com a conjuntura social e política, em que as músicas de Rita Lee apresentam uma grande relevância na compreensão dos fenômenos relacionados à representação social de corpo, gênero e sexualidade.

Desse modo, Rita é a precursora de uma "nova personagem feminina da canção brasileira que compõe, canta, executa o acompanhamento, concebe arranjos para a banda, dirige o próprio espetáculo e responde pelo disco enquanto produto final"[13]. Assim, Rita Lee tornou-

---

[10] LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100014. Acesso em: 01/11/2021.

[11] GOHL, J. W**. Meu trabalho é o roque enrow:** A alteridade de Rita Lee nas narrativas da imprensa. Caderno Espaço Feminino, [S. l.], v. 28, n. 1, 2015. .

[12] PARANHOS, Adalberto. **Mulher, Políticas do Corpo e Sexualidade na Música Popular (Brasil:1970 – 1980).** XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis – 2015.

[13] TATIT, Luiz. **O século da Canção.** Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

se uma estrela do rock nacional, quebrando os paradigmas existentes em um país de governo militar autoritário, apresentou-se nos palcos, quebrou regras e cantou suas músicas com personalidade, tornando-se uma figura emblemática.

Assim, estudar Rita Lee é uma forma de conhecer o seu tempo, levando em conta sua relevância nos estudos das categorias em questão. Sendo uma mulher que quebrou muitas regras, revolucionou a música brasileira sendo uma das primeiras mulheres a encarar o palco sozinha, tomando para si o papel principal. Com suas músicas cheias de ritmo e figurinos coloridos, conquistou todos os tipos de público, inclusive conquistando um público internacional.

Neste sentido, o estudo discute as relações entre História, Música e Gênero e, para a sua realização, foram analisadas diversas fontes físicas e/ou digitais, tais como pesquisas bibliográficas, focadas nas discussões sobre a vida da cantora e compositora Rita Lee. Assim, para entender o processo de constituição de Rita Lee como sujeito histórico, se estudará "Rita Lee: uma autobiografia"[14], "FavoRita"[15], "Rita Lee mora ao lado: uma Biografia Alucinada da Rainha do Rock"[16], "Ditadura no Brasil e a censura nas canções de Rita Lee"[17]. Também se tomarão fontes paralelas, tais como "A Divina Comédia dos Mutantes"[18], "Tropicália: a história de uma revolução musical"[19].

Além disso, foi analisada também sua Discografia completa[20], dando destaque às diversas letras que foram compostas por ela. Suas composições mostram sua "persona" como uma mulher forte dentro de um meio musical masculinizado - o rock. Com base nisso, serão escolhidas para análise algumas de suas músicas, com o intuito de fazer a relação entre suas letras e as discussões de gênero, corpo, os aspectos sociais, políticos e estéticos pretendidos por esta pesquisa.

As entrevistas realizadas por Rita Lee também foram selecionadas e analisadas para dar base a esta pesquisa, sendo estas entrevistas encontradas disponíveis na internet e no youtube,

[14] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.
[15] LEE, Rita. **favoRita.** São Paulo: Editora Globo, 2018.
[16] BARTSCH, Henrique. **Rita Lee Mora ao Lado:** Uma Biografia Alucinada da Rainha do Rock. 2006.
[17] LIMA, Norma. **Ditadura no Brasil e a censura nas canções de Rita Lee**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019, p.14.
[18] CALADO, Carlos. **A Divina Comédia dos Mutantes**. São Paulo: Editora 34, 1995.
[19] CALADO, Carlos. **Tropicália:** a história de uma revolução musical. São Paulo, Editora 34, 1997, 333 p.
[20] A Divina Comédia dos Mutante (1970), Build up (1970), Tutti frutti (1973), Fruto Proibido (1975), Entradas e Bandeiras (1976), Babilônia (1978), Rita Lee (1979), Rita Lee e Roberto de Carvalho (1982), Bombom (1983), Bossa' n' roll (1991), Todas as Mulheres do Mundo (1993), 3001 (2000), Balacobaco (2003), Reza (2012).

tais como a que concedeu para o jornal *O Globo*[21], a *Folha de São Paulo*[22], *GNT*[23], Geraldo Mayrink[24], entre outras. Além disso, as leituras e interpretações de reportagens disponíveis em revistas digitais como *Marie Claire*, *Rolling Stone* e *Música*, também auxiliaram esta pesquisa.

Dessa forma, buscando discutir as relações de corpo, gênero e sexualidade foram revisados os seguintes autores: Carla Bassanezi Pinsky[25], Céli Pinto[26], Rachel Sohiet[27], Joan Scott[28]. Referentes às discussões de Biografia e Autobiografia, foram utilizados autores tais como Schmidt[29], Ricoeur[30] e Bourdieu[31]. No tocante às discussões sobre História e Música, foram utilizadas as proposições de Marcos Napolitano[32], Paulo Chacon[33] e Tatit[34].

Para isso, a exposição do trabalho está disposta em três capítulos interdependentes. O primeiro capítulo, intitulado **"Foi lá que avistei o meu primeiro disco voador": a história pessoal de Rita Lee como signo histórico do ser mulher nos meados do século XX no Brasil",** abordará a formação social de Rita Lee, analisando seus aspectos biográficos e autobiográficos. Nesta seção, não se deixará de abordar a história de Rita Lee, mas ela será apenas um pretexto para responder quais eram as condições de existir para as mulheres brasileiras nas décadas de 1950 e 1960, período em que Rita transita entre a infância e a adolescência.

Neste sentido, no segundo capítulo, intitulado **"Rita Jeep: as parcerias musicais de Rita Lee"**, se indagará basicamente sobre a carreira musical de Rita Lee, dando continuidade, portanto, à compreensão de sua formação histórica. Iniciando seu contato com a música ainda na infância, ao longo de sua vida, Rita Lee estabeleceu inúmeras parcerias musicais, algumas muito duradouras, como aquela que travou com o atual companheiro, Roberto de Carvalho, mas

[21]https://oglobo.globo.com/ela/gente/em-rara-entrevista-rita-lee-fala-sobre-libido-aos-73-anos-tenho-mais prazer na-alma-25212674
[22] https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/10/rita-lee-a-folha-em-1978-sou-representante-de-muitas-perguntas.shtml
[23] https://www.youtube.com/watch?v=gOhpvixOoyI
[24] https://geraldomayrink.com.br/entrevista/rita-lee-entrevista/
[25] PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
[26] PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista de sociologia e política, v. 18, p. 15-23, 2010
[27] SOHIET, Rachel. **História, mulheres, gênero:** contribuições para um debate. 1997.
[28] SCOTT, Joan W. Usos e abusos do gênero. **Revista do programa de estudos pós-graduados de História.** Vol. 45. 2012
[29] SCHMIDT, Benito Bisso**.** A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção de "contexto**".** In: GUAZZELLI, César B.; et al. **Questões de teoria e metodologia da História.** Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.
[30] RICOEUR, Paul et al. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.
[31] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
[32] NAPOLITANO, Marcos. **História e música**: história cultural da música popular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005
[33] CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo: Brasiliense/Nova Cultural, 1982.
[34] TATIT, Luiz. **O século da Canção.** Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

também outras bastante efêmeras, como a que que teve com Guilherme Arantes. Ela mereceu, inclusive, uma canção de Jorge Benjor, que lhe dedicou "Rita Jeep". Outras relações, tais como aquela com Os Mutantes, foram longas e conturbadas. Há, ainda, uma intersecção da "rainha do rock" com o tropicalismo.

O terceiro capítulo, intitulado **"A ovelha negra: corpo, gênero e sexualidade na arte de Rita Lee",** será dedicado a estudar as questões referidas ao corpo, à sexualidade, ao gênero, ao feminismo, etc, sem perder de vista as inter-conexões com as reflexões sociais e culturais da época. A pretexto da vida e da obra de Rita Lee se indagará sobre o ser mulher, no Brasil, no período da ditadura militar. Trata-se, portanto, de um capítulo em que se estudará a discografia de Rita Lee.

No ano de 1976, em seu álbum *Entradas e Bandeiras*, Rita Lee lançou a canção de nome *"Com a boca no mundo"*, o qual foi escolhido como título desta Dissertação. Em seus versos, Rita Lee defende a liberdade de expressar ao mundo suas vontade e desejos, independente das críticas que virão. Tendo sido questionada diversas vezes após a saída da banda *Os Mutantes* no ano de 1972, de que modo viveria esta nova fase, compõe esta música para reafirmar seu talento e a importância da sua arte.

Nos versos da canção: "*Quantas vezes eles vão me perguntar/ Se eu não faço nada a não ser cantar/ Quantas vezes, eles vão me responder/ Que não há saída a não ser morrer! / Isso não tem mais jeito/ Foi tudo dito e feito/ Agora não é tempo/ Da gente se esconder/ Tenho mais é que botar a boca no mundo/Como faz o tico-tico quando quer comer/ Essa fome é vontade de viver/ Chamar atenção pra você me ver! / Em pleno movimento/Meu corpo é um instrumento/ Eu sopro aos sete ventos/ Pra você me escutar/ Pra você me ver/ Pra me ouvir falar/Disso tudo/ Essa melodia não acaba/ Quando eu resolver parar de cantar!".*[35]

Assim, com a boca no mundo, Rita Lee, com suas contradições, fragilidades e conflitos, fez história na música brasileira. Em pleno movimento e com o uso de seu corpo como instrumento, sua voz, seus gestos e seu comportamento transgressor, Rita Lee tornou- se um símbolo feminino e como reafirma na canção, sua melodia não acaba nem quando ela resolve parar de cantar, pois apesar do fim de sua carreira, sua mensagem ainda é passada por gerações.

Através dessas discussões, a pesquisa apropria-se historicamente da vida e da obra da artista brasileira Rita Lee, para, com esta apropriação, narrar as condições históricas de existir no interior das quais a citada artista referenciou, para toda uma geração, as noções de corpo, gênero, sexualidade, juventude e família. Assim, analisando seus traços biográficos e

[35] Trecho da música *"Com a boca no mundo",* lançada no ano de 1976 no álbum *Entradas e bandeiras*.

autobiográficos, além das relações familiares, destacando tanto suas composições como o seu modo de se comportar, espera-se aprofundar e relacionar as temáticas levantadas e realçar a relevância da atuação feminina no meio musical e trazer à tona a força da figura do sexo feminino.

Dessa forma, a eterna ovelha negra, destacando-se como um símbolo feminino e com sua personalidade singular e transgressora, bateu recordes de vendas de discos. Rita foi uma das únicas cantoras que, apesar de seus altos e baixos, nunca saiu das paradas musicais desde os anos de 1960. Como uma mulher livre, irônica e autêntica fez o seu nome na e pela históriada música.

2. **“FOI LÁ QUE AVISTEI O MEU PRIMEIRO DISCO VOADOR”**: A HISTÓRIA PESSOAL DE RITA LEE COMO SIGNO HISTÓRICO DO SER MULHER EM MEADOS DO SÉCULO XX NO BRASIL

> *Os relatos autobiográficos, evidentemente, não são escritos somente para ‘transmitir a memória’ (o que se faz pela palavra e pelo exemplo em todas as classes). Eles são o lugar onde se elabora, se reproduz e se transforma uma identidade coletiva, as formas de vida próprias às classes dominantes. Essa identidade se impõe a todos aqueles que pertencem ou que se assimilam a essas classes e rejeitam as outras numa espécie de insignificância.*[36]

A autobiografia é uma fonte para se conhecer a História, assumindo um papel importante ao destacar memórias individuais de uma pessoa sem deixar de lado o contexto em que ela viveu. Neste sentido, os relatos autobiográficos são vistos como uma forma de entender a vida de uma pessoa e suas mudanças ao percorrer de uma grande variedade de espaços e tempos diferentes. Assim, enquanto historiadores, construímos representações do passado e a história se torna uma construção de narrativas pessoais, considerando o contexto vivenciado de cada indivíduo. Como mencionado por Pereira,

> Cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o circunda. E é por isto mesmo que se pode conhecer o social partindo da especificidade irredutível de uma prática individual. Esta perspectiva diverge daquela em que o contexto social aparece como algo imóvel, coerente, e que tem a única função de servir de pano de fundo para explicar a biografia, sem consideração pela ação transformadora do indivíduo sobre ele.[37]

Nesse sentido, é possível destacar o conceito de ipseidade discutido por Paul Ricoeur, no qual compreende a identidade como “a identidade de um si mesmo relacional marcado pela abertura de um ser afetado pelo mundo, em contraste com uma identidade fixa do mesmo”[38]. Assim, ao contar a história da própria vida, o sujeito está sendo atravessado por movimentos culturais e sociais do contexto em que está inserido.

Ao reconstituir uma história de vida, é possível perceber o sujeito a ser biografado a partir de sua interação social, sabe-se portando que, como indivíduo, o narrador pode narrar ou

---

[36] LEJEUNE, P. **Je Est un Autre.** Paris: Éditions du Seuil, 1980.
[37] PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **Revista História Oral,** 3, 2000, p. 117-27.
[38] RICOEUR, Paul et al. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

ser narrado, levando em conta que o ser é construído socialmente em meio de suas redes de contato, sendo formados pelas estruturas narrativas dominantes de seu tempo e particularmente dos campos de ação onde estão inseridos.[39]

Diante disso, como apontado por Bourdieu[40], é indispensável levar em conta a pluralidade de campos em que o indivíduo se insere, dando destaque para as coerências e incoerências do sujeito. Assim, ao se fazer uma pesquisa biográfica, deve-se atentar ao perigo de buscar narrativas orientadas pela cronologia, sendo fundamental trazer à tona as incertezas, oscilações, incoerências e o próprio acaso[41].

Dessa forma, ao analisar o ato biográfico como narrativo, proporciona ao sujeito uma nova forma de contar sua história, na qual é possível destacar a distância entre o sujeito e o sujeito narrado por si mesmo. Entende-se, portanto, que "um relato biográfico não representa o sujeito, mas o produz"[42], sendo este atravessado pelas experiências.

Assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a vida e obra de Rita Lee, sua autobiografia lançada no ano de 2016 e suas diversas biografias publicadas, são tomadas como fonte para o entendimento do ser mulher no período em que se torna um grande destaque dentro do cenário da música popular brasileira. Diante disso, podemos destacar que é necessário entender a autobiografia como uma sinalização das práticas discursivas que se instauram em meio a configurações e aspectos sócio-históricos, nos quais há variações perante o entendimento de si mesmo.[43] A autobiografia assume, além de tudo, uma tentativa do sujeito em construir memórias sobre si mesmo e, em larga medida, direcionando ou condicionando as imagens que os outros deveriam ter de si. Perceber os traços biográficos e autobiográficos é compreender os diferentes mecanismos utilizados pelos sujeitos, para se inscreverem na história e na memória. Vale destacar que "as diferentes formas de dizer e escrever produzem sentidos e significações que (re) criam as trajetórias de uma pessoa, em suas múltiplas relações com os espaços nos quais se insere e com os quais dialoga e conflitua"[44]. Como destaca Fontineles Filho, os indícios biográficos e autobiográficos devem ser compreendidos no interior das

---

[39] CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Biografia, identidade e narrativa**: elementos para uma análise hermenêutica. Horizontes antropológicos, v. 9, p. 283-302, 2003.
[40] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
[41] SCHMIDT, Benito Bisso**.** A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção de "contexto". In: GUAZZELLI, César B.; et al. **Questões de teoria e metodologia da História.** Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.
[42] Ibidem, p.16
[43] FONTINELES FILHO, Pedro Pio**.** Intelectualidade e escritas de si: traços (auto) biográficos na obra de O. G Rego de Carvalho. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, **v**. 28, n. 4, p. 167-194. 2019.
[44] FONTINELES FILHO, Pedro Pio. **A Letra e o Tempo**: a escrita de O. G. Rego de Carvalho entre a ficção e a história da literatura. Teresina: EDUFPI, 2017, p. 36.

diferentes redes e associações, pois os projetos individuais "mantêm relação com outros projetos, imersos em um campo de possibilidades"[45].

Por esse prisma, compreende-se que ao fazer este tipo de ánalise, não se deve tomar o texto autobiográfico como uma verdade absoluta e sim como uma variação de perspectiva de quem conta ou narra esta história. Destaca-se, dessa forma, que:

> A autobiografia busca, também, certa lógica para o "caos" das vivências de uma pessoa, norteando, dessa forma, os olhares e leituras que são feitas sobre o autor e sua obra. Limites de interpretação, ou interpretação direcionada, podem ser objetivos de autobiografias, pois organizam a vida de alguém em uma sequência narrativa.[46]

Diante disso, vale ressaltar que a partir da história de vida narrada por Rita Lee é possível refletir sobre sua relevância no meio musical e cultural, assim como analisar os períodos vivenciados por ela, sendo necessário fazer análises sobre todos os contextos políticos,sociais e culturais em que a grande compositora e cantora de música popular brasileira estava inserida e destacou-se como uma figura feminina, tornando o "estudo da relação entre Música e História é uma das articulações possíveis"[47]

Nesse sentido, é necessário destacar a importância do estudo da música, levando em consideração não somente suas partes, mas também todo o contexto social no qual ela está inserida, compreendendo assim a relevância da análise temporal da música a ser discutida. Como afirma Marcos Napolitano,

> Minha perspectiva aponta para a necessidade de compreendermos as várias manifestações e estilos musicais dentro da sua época, da cena musical na qual está inserida, sem consagrar e reproduzir hierarquias de valores herdadas ou transformar o gosto pessoal em medida para a crítica histórica.[48]

Dessa forma, a discussão da análise musical se destaca por acompanhar as mudanças sofridas ao longo dos anos na sociedade, sendo estas refletidas nas letras de músicas. Assim, a música popular brasileira destaca-se mundialmente apresentando variedade tanto em seus estilos como em suas letras e mais do que seus sons contagiantes, a música popular brasileira traz consigo também letras marcantes que vão além da poesia. A partir disso, através dessas

---

[45] FONTINELES FILHO, Pedro Pio, 2017, p. 36.
[46] FONTINELES FILHO, Pedro Pio. 2019. p. 12.
[47] DE ASSIS, Ana Cláudia; et al. Música e História: desafios da prática interdisciplinar. In: BUDASZ, Rogério (Org.). **Pesquisa em música no Brasil:** métodos, domínios, perspectivas. Vol. 1. Goiânia: ANPPOM, 2009, p. 05-39.
[48] NAPOLITANO, Marcos. **História e música**: história cultural da música popular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

composições é possível discutir não somente seu conteúdo, mas também a influência mútua do contexto social do período que está sendo analisado.

2.1 – A materialidade da existência feminina entre as décadas de 1950 e 1960 no Brasil.

Sendo um período de grandes transformações sociais e econômicas, os anos de 1950 foram um marco no Brasil. Os chamados "anos dourados" trouxeram a consolidação da urbanização, industrialização e da sociedade de massa no país, principalmente com a expansão dos meios de comunicação através do rádio e a chegada da televisão. A sociedade atravessava um período de inovações e mudanças inspirados na ideia de prosperidade econômica vivida pelo Estados Unidos logo após o final da Segunda Guerra Mundial[49].

Governado por Juscelino Kubitschek[50], no Brasil, o plano desenvolvimentista foi colocado em ação com importantes obras e mudanças, além da substituição das importações e abertura do país a multinacionais responsável por atrair capital estrangeiro, é possível observar um desenvolvimento acelerado da urbanização e industrialização.

> Tanto a indústria pesada quanto a de bens de consumo, inclusive a automobilística, ganham força no período de 1956 a 1962. Novas empresas são implantadas demandando novos setores de produção e serviços, um maior número de pequenas indústrias e o incremento da infraestrutura (especialmente energia elétrica, transporte rodoviário e comunicações). Crescem os setores de finanças e de serviços em geral. Alteram-se ainda os padrões de consumo. O salário mínimo, embora deficiente, possibilita aos trabalhadores um maior acesso a produtos industrializados; grupos cada vez mais amplos da sociedade podem usufruir da tecnologia e dos bens de consumo, e o consumismo passa a ser incentivado. [51]

Atravessando diversas mudanças políticas e econômicas nesse período, podemos destacar também o impacto delas no imaginário social e cultural. Passando por um período de modernização, os padrões de vida mudaram, saindo do estilo de vida rural e transformando-se

[49] Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo passou por intensas e radicais transformações. Logo após a guerra já estava predefinido o cenário que caracterizaria o mundo pelas décadas seguintes: o da bipolarização do período da Guerra Fria a partir das diferenças ideológicas entre Estados Unidos e União Soviética, na qual o primeiro estava alinhado ao capitalismo e o outro alinhado ao comunismo.

[50] Político brasileiro que esteve na presidência do Brasil entre 1956 e 1961. O mandato de Juscelino entraria para a história como um período de grande prosperidade econômica, baseada na industrialização (com destaque para a produção de automóveis) e na realização de obras públicas de infraestrutura. Mas também houve descontrole dos gastos públicos, corrupção, inflação, concentração de renda e aumento da dependência externa do país. Ver em: SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 455.

[51] PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

em uma sociedade do consumo aproximando-se do modelo capitalista disseminando pelos Estados Unidos.

Com o desenvolvimento industrial, o Brasil estava passando por um processo de modernização que consequentemente trouxe também diversas mudanças sociais. Apesar das melhorias no aspecto econômico, o processo de urbanização trouxe grandes impactos com o processo de êxodo rural, causando o inchaço das cidades e com isso a falta de estrutura social.

Diante disso, os modos de trabalho foram amplificados com a crescente dos setores de finanças e serviços em geral, com destaque da indústria pesada e dos bens de consumo.[52] Dessa forma, com a amplificação do consumo e com novas oportunidades de trabalho, a classe média se expande melhorando o aspecto socioeconômico de parte da sociedade.

> O ambicionado "American way of life" inspirava modelos de comportamento das famílias de classe média brasileira e era popularizado pelas revistas, pelo cinema norte americano e pela TV, já que uma das grandes mudanças na rotina da população brasileira foi a participação e influência exercida pela mídia com o avanço nos meios de comunicação de massa, que disseminavam o clima de euforia aliado à ideologia nacionalista.[53]

Com um grande crescimento e desenvolvimento urbano, assim como o surgimento de inovações tecnológicas e a ascensão da classe média, os anos de 1950 ficaram conhecidos como "Anos Dourados" no Brasil, mas embora fosse um período de inovações e mudanças, alguns costumes e tradições sociais permaneceram, principalmente em relação às mulheres. Diante das mudanças políticas, sociais e econômicas desse período, as mulheres foram conquistando seu espaço, mas eram, por natureza, destinadas ao casamento e à maternidade"[54] e ocupavam um papel secundário em relação ao do homem.

Com famílias formadas basicamente por mães, pais e filhos, os papéis masculinos e femininos eram bem definidos nos quais o homem era considerado o chefe do lar responsável pelo sustento da família e que detinha o controle sobre a esposa e os filhos, auxiliando nas atividades domésticas somente em casos que exigiam pequenos reparos e consertos, na qual, reafirmariam seu papel masculino.

> A família conjugal é o modelo dominante. Nas casas de classe média, as famílias são de fato tipicamente compostas por pai, mãe e filhos, e a prole é reduzida, se comparada com o passado. Os padrões tradicionais de casamento,

[52] Ibidem, p. 15.
[53] SANTOS, Thainá Saranholi dos. **Anos Dourados no Brasil:** A Imprensa e o ideário feminino na década de 1950. 2016. Disponível em: https://unisagrado.edu.br/uploads/2008/anais/historia_2016/AnosdouradosnoBrasil.
[54] PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

> entretanto, mantêm-se com toda sua força até 1965. A autoridade máxima ainda é conferida ao pai, "o chefe da casa", e garantida pela legislação que reconhece o trabalho masculino como a principal fonte de recursos da unidade doméstica. As leis também enfatizam a imagem da mulher exclusiva ou prioritariamente dedicada ao lar e à procriação.[55]

Dessa forma, a maior preocupação das mulheres nos anos de 1950 seguia sendo a preparação para um bom casamento, sendo este casamento indicado para as mulheres ainda jovens, para que pudessem conviver mais tempo com os esposos de forma harmoniosa e para que desfrutassem na juventude a disposição para criação dos filhos e cuidados com a família. Assim, a partir de certa idade, se a mulher não tivesse em vista um marido, era cobrada socialmente para apressar o casamento, correndo risco de ser considerada "encalhada" sendo este um título indesejado pelas mulheres, na qual, associava a falta de um casamento com incompletude, o que geraria um peso para a família.[56]

Com as divisões de gênero, os limites da masculinidade e da feminilidade possuíam definições na qual "reserva quase sempre imagens de força e iniciativa para o homem; doçura, passividade, "instinto maternal" e sentimentalismo para a mulher"[57]. Diante disso, para reforçar esse padrão de comportamento, as Revistas Femininas atuavam como guias para as mulheres, apontando desde as definições de como deveriam se vestir, o cuidado com os filhos e com o marido, além das atividades domésticas cotidianas.

> A imagem da mulher moderna era "vendida" nas revistas de elite, com maior poder aquisitivo para o consumo das modas e viagens. A revista "O Cruzeiro" é um exemplo deste tipo de periódico. Podemos ligeiramente comprovar tal fato, pelo motivo de seu alto preço e de sua publicação semanal. Certamente poucas eram as mulheres que toda semana dispunham de tal valor para comprar uma revista. O conteúdo das reportagens da revista "O Cruzeiro" também denunciava esta elitização, pois seu leitor deveria ter no mínimo uma média intelectualização para interessar-se por seus conteúdos.[58]

Sendo uma importante fonte de informação e referência para as mulheres, as revistas femininas tinham como principal público as mulheres de classe média e adentravam no espaço doméstico a afim de "atuar como guias de ação, conselheiras persuasivas, companheiras de lazer ou alienação"[59.] Focadas em conseguir um bom casamento, além da dedicação com a família e afazeres domésticos, as mulheres possuíam também regras de comportamento, na qual

[55] Ibidem, p. 17.
[56] Ibidem, p. 117.
[57] Ibidem, p. 52.
[58] AZAMBUJA, Cristina Spengler. O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista**.** *O Cruzeiro***. Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 3, n. 1, 2006.
[59] Ibidem, p. 9.

deveriam permanecer sempre arrumadas, discretas e atentas a moral dentro ou fora do espaço doméstico, sendo possível observar nas páginas destas revistas femininas o passo a passo de como deveriam se vestir e se comportar diante das situações.

Ditando receitas de vida e regras de comportamento, dizendo o que deve e, principalmente, o que não deve ser feito[60], as revistas faziam parte do cotidiano dessas mulheres e além de esclarecer suas dúvidas, as estimulavam a se comportarem da maneira dita correta para uma mulher no período.

> O processo de educação da menina que primava pela "obediência" aos mais velhos fazia parte das regras do grupo familiar, um sistema onde a menina/moça/mulher não teria oportunidade de transgredir e sentir o "gosto bom" da liberdade, restando lhe o prazer de "agradar", sendo, assim, elogiada. As diferenças na maneira de lidar com a educação do menino e da menina podem ser explicadas pelo fator sócioeconômico, já que existia uma preocupação com o "futuro da moça", que precisaria "arranjar" um marido (provedor) considerado "bom partido"[61]

Conseguir um bom casamento, portanto era uma preocupação constante das mulheres e como muitos dos casamentos eram feitos com base em acordos financeiros, ele se tornava um dos principais meios para se conquistar a realização dos ideais femininos, assim as moças deveriam ser educadas para que não se desviassem desse destino que era reservado às mulheres e ensinados desde cedo.[62]

Apesar desse contexto, nem todas as mulheres seguiam esse modelo padrão e procuravam outras alternativas às regras impostas pela família e pela sociedade. Dessa forma, regras e advertências não eram suficientes para barrar as mulheres pioneiras que fugiam ao padrão estabelecido, assim, transgrediam fumando, lendo coisas proibidas, explorando sua sexualidade nos bancos dos carros, discordando dos pais e abrindo mão da virgindade, e por vezes do casamento, para viver um grande amor[63]. Apesar desse comportamento ser admirado por muitos ao considerarem uma atitude corajosa, muitas dessas mulheres estavam destinadas a ficarem sozinhas, pois a mulher "ideal" para casar deveria se manter virgem e recatada para conseguirem bons casamentos. Sabendo-se, portanto, que a escolha era feita pelo parceiro, em grande maioria estes escolhiam àquelas que seguiam os padrões respeitando a moral e os bons costumes.

---

[60] PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
[61] GUIMARÃES, **A mulher e o fim do casamento entre 1924 e 1950.** 2017. Disponível em: https://docplayer.com.br/11152767-A-mulher-e-o-fim-do-casamento-entre-1924-e-1950-pocoes-ba.html
[62] PINSKY, Carla Bassanezi. p. 197.
[63] PRIORE, Mari del. **Histórias íntimas:** sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

Tendo vivido sua infância nos anos 1950, Rita Lee também foi atravessada por essas questões, trazendo essas discussões acerca do ser mulher nesse período,

> As mulheres dos anos 50 tinham tanto furor na bacurinha quanto as de hoje, só que eram mais misteriosas. Trinta anos era o limite para serem consideradas jovens, a partir disso seriam todas condenadas a virarem balzaquianas. E ai de quem não tivesse ainda arranjado marido, ou cursado o Normal para ser professora, ou se diplomado em datilografia e taquigrafia para se tornar eficiente secretária.[64]

Dessa forma, diante os padrões de comportamento impostos às mulheres, àquelas que queriam manter uma vida paralela e que apresentava-se destoante às regras, deveriam manter isso em segredo, caso contrário, seus casamentos poderiam ser cancelados ou se quer seriam escolhidas por condenarem suas atitudes.

A moça de família manteve-se como modelo das garotas dos anos *50* e seus limites eram bem conhecidos, embora as atitudes condenáveis variassem das cidades grandes para as pequenas, nos diferentes grupos e camadas sociais.[65] Diferente das imposições às mulheres, aos homens a exploração de sua sexualidade era considerado um requisito bem visto se fosse um homem solteiro e perdoado se estivesse em um relacionamento como justificativa de ser um comportamento natural masculino.

Diante disso, a dedicação ao casamento, à maternidade e ao cuidado do lar eram as preocupações principais entre as mulheres, tendo assim um favorecimento masculino na qual se aceita qualquer tipo de comportamento e condena-se este mesmo se for praticado por uma mulher. Assim, os corpos femininos estão em constante controle a partir de uma sociedade conservadora que valoriza a dita moral e os bons costumes. Dessa forma, para a manutenção deste controle, os meios de comunicação serão atuantes nesse momento, desde o controle do acesso à informação como o incentivo do consumo de revistas e jornais tais como *O Cruzeiro, Revista Querida,* o *Jornal das moças* e *Revista Claudia* que através de seus textos e anúncios legitimavam a exclusividade da mulher ao ambiente doméstico e sua função enquanto esposa.

> "Se desconfiar da infidelidade do marido, a esposa deve redobrar seu carinho e provas de afeto, sem questioná-lo". (Revista Cláudia, 1962).

> "A mulher deve fazer o marido descansar nas horas vagas, servindo-lhe uma cerveja bem gelada. Nada de incomodá-lo com serviços ou notícias domésticas". (Jornal das Moças, 1959).

---

[64] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.
[65] DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2005, p. 289.

> "O lugar de mulher é no lar. O trabalho fora de casa a masculiniza". (Revista Querida, 1955).[66]

Com o objetivo de manter a padronização familiar dentro dos moldes burgueses, acima podemos destacar algumas das frases e ensinamentos que eram apontados nessas revistas. Sendo responsável por todas as atividades domésticas, cabia à mulher também a função de sempre agradar o seu parceiro independente da circunstância. O bem-estar do marido era a medida da felicidade conjugal e esta adviria em consequência de ele estar satisfeito.[67]

Diante disso, a partir dos anos de 1960, é possível perceber uma ascensão profissional feminina e com essa inserção da mulher no mercado de trabalho surgem-se novas necessidades, "os anos 60 são a década da luta pela emancipação feminina, a época em que a mulher começa a sair de uma vida eminentemente privada, doméstica, para conquistar espaços na vidapública.[68] Assim, a mulher que antes tinha como função os cuidados exclusivos do lar passa a sair dos ambientes domésticos e assume o papel de trabalhadora assalariada, mas que "não se desvinculava do papel dona de casa/mãe, visto que os valores básicos da sociedade modificaram-se muito lentamente"[69].

Para conciliar esse novo momento, os discursos em torno da culpa feminina pelo "abandono do lar" são reforçados e as propagandas veiculadas nas revistas utilizam desse argumento para incentivar o consumo de novos aparelhos que facilitariam a vida doméstica dessas mulheres. O consumo fazia parte do cotidiano dessas mulheres. Nas revistas e jornais consumidos por elas, era possível perceber uma grande quantidade de anúncios tanto de utensílios domésticos como produtos para o seu cuidado estético.

> Para os mais conservadores, as mulheres deveriam cuidar apenas do espaço privado, da educação dos filhos, da ordem doméstica de trabalhos manuais e deveriam cuidar de sua honra vestindo-se adequadamente, sabendo se comportar com recato. No entanto, na classe operária as mulheres já estavam trabalhando nas fábricas têxteis ou trabalhando como empregadas domésticas, entre outras ocupações; e há muito tempo algumas de classe média trabalhavam como professoras, enfermeiras, secretárias, ainda que não fosse de forma contínua.[70]

---

[66] CAVERSAN, Luiz. **Conselhos de revistas femininas dos anos 50 e 60.** Folha Online. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult528u42.shtml.>

[67] DEL PRIORE, Mary. 2005, p.119.

[68] FARIA, Lia. **Ideologia e utopia nos anos 60:** um olhar feminino / Lia Faria. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.

[69] AZAMBUJA, Cristina Spengler. O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista *O Cruzeiro*. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 3, n. 1, 2006.

[70] Tabus e luta por Direitos. **Memórias da Ditadura.** Disponíve em: <https://memoriasdaditadura.org.br/mulheres.com>

Diante disso, é possível destacar que, com o avanço da inserção das mulheres no mercado de trabalho, diversas mulheres ocuparam esse espaço também no meio musical, algumas delas serviram inclusive de inspiração para Rita Lee. Com as grandes mudanças presentes nos anos de 1950, além da influência das Revistas Femininas, destacamos também a era do rádio[71], na qual, diversas cantoras ganharam destaque nesse período. Entre elas, nomes como Emilinha Borba[72], Dalva de Oliveira[73], Dolores Duran[74] e Maysa[75] alcançaram enorme sucesso na década de 1950.

Além das revistas destinadas às mulheres, houve o surgimento de revistas específicas para a divulgação do rádio. De acordo com Avancini[76], a idolatria aos cantores começa ainda nos anos de 1940 com o uso de publicações especializadas. A música será um grande atrativo para a população através do rádio, assim como serão veiculadas nas mídias a vivência desses cantores com informações de suas vidas pessoais, além de suas influências no campo da moda. Nesse contexto, as cantoras se destacam além dos palcos e tornam-se grandes estrelas servindo de referência para muitas mulheres.

> O sucesso das cantoras do rádio fez crescer o mercado das revistas especializadas como a Revista do Rádio, a Radiolândia e a revista O Cruzeiro, sendo essa última uma revista semanal ilustrada, que trazia grandes reportagens e fotografias –fortalecendo a dupla repórter-fotógrafo–ao mesmo tempo em que reforçava a idolatria dos intérpretes.[77]

---

[71] Ao transformar-se em meio de informação e entretenimento massivo, o rádio ganhou importância fundamental na propagação da música popular, das radionovelas, dos programas humorísticos e do futebol. Promoveu a identidade nacional e a integração territorial, superando a barreira dos altos índices de analfabetismo. Disponível em: https://revistapb.com.br/historia/cem-anos-do-radio-brasileiro/

[72] Emilinha Borba, foi uma cantora brasileira que se consagrou como uma das "Rainhas do Rádio", entre as décadas de 1930 e 1950, e gravou mais de 300 discos ao longo de 60 anos de carreira. Ela eternizou alguns clássicos das marchinhas de carnaval, como Chiquita Bacana (1949) e Tomara que Chova (1951). Boleros e baiões, tais como Dez Anos, Cachito e Baião de Dois, também ficaram consagrados na voz da cantora que faleceu no ano de 2005 aos 81 anos de idade. Disponível em: https://www.letras.com.br/emilinha-borba/biografia

[73] Dalva de Oliveira, nascida no ano de 1917, fez grande sucesso na era do rádio recebendo o apelido de Rouxinol brasileira. Destacando-se com as músicas “Bandeira Branca”, “Ave Maria do Morro”, “Tudo Acabado”, “Errei Sim”, “Hino ao Amor”, “Estão Voltando as Flores”, entre outras, foi considerada uma das maiores vozes da música brasileira, falecendo no ano de 1972.

[74] Dolores Duran, nome artístico de Adiléia Silva da Rocha, nascida no ano de 1930, foi uma grande cantora e compositora brasileira que destacou-se desde a infância no gênero samba-canção. Fez sucesso com canções como "Estrada do Sol", "Ideias Erradas", "Minha Toada" e "A Noite do Meu Bem", entre outros, tendo falecido no ano de 1959 aos 29 anos de idade.

[75] Maysa, foi uma cantora e compositora brasileira que fez grande sucesso nas décadas de 1950 e 1960. Com sucessos como “Tristeza”, “Por Causa de Você”, “Fim de Caso”, “Preciso Aprender a Ser Só” e “Eu Sei Que Vou Te Amar”, destacou-se no Brasil e internacionalmente. Envolvida em diversas polêmicas como os divórcios que passou e problemas com bebida, faleceu no ano de 1977 após um acidente automobilístico.

[76] AVANCINI, Marta. **Na era de ouro das cantoras do rádio.** Luso-Brazilian Review, p. 85-93, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3514198>

[77] SILVA, L. H. O. S. “Não falem dessa mulher perto de mim”: representação da mulher na mídia e na música popular na década de 1950. **Fênix - revista de história e estudos culturais**, v. 14, n. 1, 30 jun. 2017.

É necessário mencionar que vivendo dentre os limites sociais impostos às mulheres, a carreira musical era considerada um ramo de difícil acesso e que apresentava instabilidade às essas mulheres sendo colocadas diversas vezes como secundárias ou menos importantes. De acordo com Hupfer, ser estrela do rádio numa época em que os valores sociais impunham à mulher um comportamento baseado no recato, na discrição, com observância absoluta dos sagrados valores da família e do lar, não era fácil.[78] Destacamos assim, que ou essas mulheres já possuíam uma vivência familiar com a música ou escolhiam a música quando não possuíam alternativa e sendo estas mal vistas na sociedade por ser considerado um meio masculinizado Apesar disso, muitas mulheres ainda arriscavam-se dentro do meio musical.

Dessa forma, identifica-se uma dificuldade da inserção feminina não somente namúsica, assim como também no cinema e no teatro. Vivendo um período de limitações às mulheres, adentrar nestes meios eram considerados um ato de rebeldia. Assim, como mencionado por Almeida, além das dificuldades de sua inserção em um meio considerado masculinizado, muitas dessas mulheres possuíam a necessidade de abandonar o seu nome de origem.

> Para além do reflexo de uma prática recorrente no meio artístico também refletia muitas vezes os preconceitos sociais que motivavam algumas mulheres, principalmente as de classes mais altas, que eram pressionadas por suas famílias para não associarem seus sobrenomes a um modo de vida que era estigmatizado como sendo de prostitutas e de mulheres de moral duvidosa.[79]

Embora sendo mal vistas pela sociedade, influenciadas pelo cinema e pela música norte-americana, muitas jovens agiam ao contrário do que lhes era imposto. A imagem da mulher recatada e voltada apenas para os cuidados domésticos começa a se romper, mediante o questionamento sobre suas posições com acesso ao mercado de trabalho. Passando por um momento de modernização social e cultural, observa-se, assim, uma dualidade em sua efetividade, pois ao mesmo tempo que buscava-se uma renovação das práticas e costumes, com destaque para as grandes mídias, em relação às mulheres e à família fortalecia-se ainda mais dentro de um molde familiar burguês conservador.

---

[78] HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. **As Cantoras do Rádio:** símbolo da nascente industrial cultural brasileira. São Paulo: Senac Editoras, 2009, p. 72.

[79] ALMEIDA, Angela Teixeira de. **Música, gênero e dor de amor:** as composições de Dolores Duran e Maysa (1950-1974). Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. 2017.

Com o surgimento de diversos nomes femininos no meio musical, podemos destacar que apesar do enfrentamento a um ambiente considerado masculinizado, as mulheres sofriam também com as limitações dos lugares que lhes eram destinados. Assim, podemos observar que apesar do crescente e grande sucesso de mulheres na Era do rádio, inicialmente, em sua maioria, interpretavam canções compostas por homens abordando temáticas que muitas vezes colocavam a mulher como seres frágeis e submissos.

> A participação das mulheres nos grupos ou bandas estão quase sempre ligadas aos formatos que desde a década de 1950 se estruturaram em grupos femininos vocais, e o cumprimento de papéis ligados a interpretação de sucessos que eram portadores de um nível de rebeldia baixo nos conteúdos de suas letras e ligados as buscas de ampla audiência no rádio[80]

Com canções que permeavam as vivências femininas, essas mulheres cantaram sobre o amor, falando sobre suas sensibilidades e fragilidades, a saudade fazia parte de boa parte de suas canções. Dentro de um papel feminino estabelecido, destaca-se a presença da submissão feminina diante seus relacionamentos amorosos à espera pelo homem amado.

Começando a atuar na rádio desde os anos de 1942, nos anos de 1953, Emilinha Borba tornou-se a Rainha do Rádio. Fazendo sucesso com canções que variavam entre o samba e marchinhas de carnaval, fez bastante sucesso na década de 1950. Em músicas tais como *Menina Direitinha*, lançada nos anos de 1959, podemos perceber nos versos a legitimação dos comportamentos femininos.

> Menina direitinha,
> Que pensa no futuro,
> Não chega tarde em casa nem namora no escuro.
> Não anda em garupa de lambreta,
> Sem ordem da mamãe ela não sai,
> Ai, Ai, Ai, menina cuidado pra você não dar desgosto pro papai, menina.[81]

Nos versos acima, destaca-se o aconselhamento feito às mulheres. Seguindo um padrão de comportamento, as mulheres deveriam permanecer recatadas e tomar cuidado com os perigos de *"andar em garupa de lambreta".* Reafirmando a posição da mulher em um meio de submissão, estas deveriam obedecer a certos endereçamentos visando passar uma boa imagem social e "não dar desgosto pro papai" levando em conta os conservadorismos familiares que mantinham o controle sobre os comportamentos femininos.

---

[80] GOHL, Jefferson William. Meu trabalho é o roque enrow: a alteridade de Rita Lee nas narrativas da imprensa. **Caderno espaco feminino,** v. 28, n. 1, p. 335-354, 2015.
[81] Trecho da música *Menina Direitinha,* em 1959.

Como Rainha do Rádio, dentre as artistas de destaque nesse período, Emilinha Borba foi uma das que mais reforçou o papel feminino conservador, recatado e discreto, na qual, aparecia diversas vezes como pauta na Revista do Rádio falando sobre casamento, cuidados domésticos e família com intiuito de reforçar os padrões de comportamento feminino naquele período.

Imagem 01: Emilinha Borba é eleita Rainha do Rádio, em 1953



Fonte: https://www.musicaehistoria.com.br/2021/10/01/emilinha-borba/

Diante ao preconceito social em relação às mulheres que trabalhavam na noite, estas possíam também uma legião de fãs, sendo Emilinha Borba bastante aclamada pelo seu público. De acordo com Borges, além do título de Rainha do Rádio, outras disputas também ocorriam entre essas artistas, na qual, Emilinha recebia devida atenção com uma grande quantidade de cartas. Dessa forma, destaca-se:

> Ela trazia em seu modo de vestir, cantar, dançar e na forma com que conduzia sua vida particular toda a discrição condizente com a imagem que se desejava transmitir em relação às mulheres. Foram diversas as declarações da cantora em seu diário em que ela justificava o fato de não aparecer de biquíni em

> público, não sambar como Marlene, não falar alto, não gostar de sair à noite e preferir ir ao cinema a ir às boates.[82]

Nesse contexto, Emilinha Borba tornou-se referência para muitas mulheres, desde o seu modo de se comportar aos seus pronunciamentos. Em destaque dentro da Revista do Rádio, Emilinha possuía um espaço reservado para publicar parte de seu diário, na qual, compartilhava sua rotina diariamente com conselhos domésticos, dicas de casas, cuidados com os filhos e tudo aquilo que se associava-se à imagem padrão das mulheres da época. Assim, manteve-se sempre em destaque na mídia, aproximando-se do seu público diversificado e ocasionando o surgimento de diversos fãs clubes.

Outro grande destaque na era do rádio foi a cantora Dalva de Oliveira, que, em suas interpretações, cantava o amor e a dor da solidão. Interpretou canções refletindo a intensidade de seus sentimentos e ficou conhecida como Rouxinol brasileiro devido sua potência vocal. Na canção "Tudo acabado" interpretada por ela nos anos de 1950, podemos destacar os discursos femininos que giravam em torno do sofrimento da mulher pelo homem pretendido.

> Tudo acabado entre nós, já não há mais nada
> Tudo acabado entre nós hoje de madrugada
> Você chorou e eu chorei
> Você partiu e eu fiquei
> Se você volta outra vez, eu não sei
> Nosso apartamento agora vive a meia luz
> Nosso apartamento agora já não me seduz
> Todo egoísmo veio de nós dois
> Destruímos hoje o que podia ser depois

Em seus versos, em uma melodia dramática, declara o seu sofrimento após a perda do parceiro. Ao que indica, possivelmente foi abandonada e vive na incerteza do retorno de seu amado, sendo este tema recorrente em muitas composições na época, na qual as mulheres assumem uma posição de dependência emocional. Assumindo o papel de intérpretes, as escolhas das músicas feitas por homens buscavam se enquadrar naquilo que agradaria ao gosto dos ouvintes.

> O samba canção, quer pelas dimensões do eu lírico feminino (dos compositores), quer pelo espaço original que permitiu a algumas mulheres ocuparem como compositoras, ou ainda pelas descrições das relações entre homens e mulheres descritas nas letras, permite reavaliarmos a relação que a mulher tinha, consigo mesma e com a sociedade.[83]

---

[82] BORGES, Giuliana Paola**. Cantoras do rádio e mulheres:** um estudo sobre representações femininas no Brasil na década de 1950 construídas pela Revista do Rádio. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502287340_ARQUIVO_ANPUH.pdf

[83] SILVA, L. H. O. S. "Não falem dessa mulher perto de mim": representação da mulher na mídia e na música popular na década de 1950. **Fênix - revista de história e estudos culturais,** v. 14, n. 1, 30 jun. 2017.

Diante disso, destacamos que em suas composições, a mulher assume um papel secundário e com seu grande destaque no rádio, essas mulheres eram utilizadas também como forma de reforçar o padrão de comportamentos femininos. Com a publicação de revistas específicas sobre o rádio, era possível perceber tanto a existência de críticas ao meio musical como a associação dessas mulheres também a seus ambientes domésticos. Assim, assumiam posturas condizentes com os recatos femininos para servirem de exemplo às demais mulheres, na qual, assumiam certas posturas de reforço dos preconceitos machistas, sendo pressionadas a darem bons conselhos e exemplos de boa conduta para suas fãs.[84]

Considerado um meio conservador e que associava às mulheres inseridas na música figuras destoantes e mal vistas pela sociedade, cabia a essas mulheres uma tentativa de reforçar a sua imagem condizente aos valores impostos como forma de serem aceitas. Asssim, diante às artistas mencionadas, podemos destacar que, enquanto algumas reforçavam o padrão conservador do comportamento feminino, outras dissociavam-se desses contextos.

Diante disso, ao mencionar Dalva de Oliveira com suas canções carregadas de dramas amorosos, na capa de seus álbuns, percebe-se portanto uma figura destoante do conteúdo de suas canções, na qual aparece esbanjando sensualidade com o uso de acessórios, lingerie e maquiagem destacada debruçada em um sofá vermelho, remetendo-se a um contexto íntimo e erótico.

[84] ALMEIDA, Angela Teixeira de. **Música, gênero e dor de amor:** as composições de Dolores Duran e Maysa (1950-1974). Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. 2017.

Imagem 02: Capa do disco O Encantamento do Bolero de Dalva de Oliveira



Fonte: https://www.discogs.com/pt_BR/release/10803755-Dalva-De-Oliveira-O-Encantamento-Do-Bolero

Outras artistas, tais como Dolores Duran, também se destacaram nesse período. Nos versos de sua música Ternura Antiga: *Ai, a rua escura, o vento frio/Esta saudade, este vazio/Esta vontade de chorar/ Ai, tua distância tão amiga/ Esta ternura tão antiga/ E o desencanto de esperar/ Sim, eu não te amo porque quero/ Ah, se eu pudesse esqueceria/ Vivo, e vivo só porque te espero/ Ai, esta amargura, esta agonia*, descreve com pesar a dor do abandono e o sofrimento em nome desse amor. Inserida dentro do gênero musical do samba, Dolores Duran também cantava serenatas que eram caracterizadas por suas letras melancólicas.

> Ser compositora na década de 1950 significava dar voz aos amores e desamores femininos, ampliando essa expressão para além das representações criadas pelos compositores e, suas visões dos relacionamentos, mostrando que suas composições "refletem, cristalizam e divulgam um ideal de feminilidade, simultaneamente, exprimindo e condicionando o 'ser mulher' de sua época".[85]

As composições de Dolores Duran ao mesmo tempo que revelam uma mulher apaixonada, com medo de ficar sozinha e submissa, mostram também uma mulher que é decidida, racional e livre. Diante disso, podemos destacar a multiplicidade do ser mulher representado não somente nas canções como nos posicionamentos das artistas. Ao fortalecer a

[85] ALMEIDA, Angela. 2017, p. 64.

imagem da mulher sensível, que vive à espera do amado, Dolores Duran reforça também um padrão de comportamento comum às mulheres da época.

Fazendo parte da boemia carioca, viveu dois extremos, marcados pela diversidade entre seus dois mundos, em suas interpretações reforçava uma figura feminina frágil e dependente do amado, enquanto também aproveitava a vida boêmia nas noites cariocas. As análises das letras das músicas compostas por Dolores Duran marcam, dessa forma, uma variação em suas composições, na qual por hora valorizava-se uma perspectiva feminina a partir de seus amores e desamores e por outras vezes questionava essas referências.

Imagem 03: Capa do álbum Dolores Duran no ano de 1958



Fonte: https://immub.org/album/dolores-duran-canta-para-voce-dancar-no-2

Na capa de seu álbum, lançado no ano de 1958, Dolores Duran aparece ao canto da foto olhando diretamente para a câmera, com forte traço de melancolia representado tanto pela

expressão como pelo conteúdo de suas composições. Cabendo à mulher esse espaço de melancolia e sofrimento nas composições, contrastava-se também por suas aparições em algumas de suas capas com um tom mais provocativo. Ao analisarmos os elementos que constituem essas imagens, é possível perceber esta dualidade nas apresentações, sendo esta uma construção recorrente na imagem dessas mulheres, na qual refletem tendências e escolhas comerciais que visavam atrair o seu público.

Neste cenário, Maysa, cantora das décadas de 1950 e 1960 e contemporânea de Dolores Duran, foi uma das primeiras mulheres no período a compor suas próprias canções. Além do destaque para sua voz, Maysa também se destacou por romper os padrões da época. Com uma vida conturbada, casou-se e divorciou-se diversas vezes, o que teria dado à ela uma imagem negativa, pois, além de romper com os padrões, ainda estava inserida no meio musical masculinizado.

Imagem 04: Capa do álbum Convite para ouvir Maysa de 1958



Fonte: http://maysamonjardimoficial.blogspot.com/2010/05/discografia-os-discos-internacionais-de.html

Negando o papel de destaque à uma mulher que subverte os padrões de comportamento que lhes são impostos, Maysa sofreu perseguição pela mídia que falava mal de sua atitude, do repertório que cantava, das roupas que usava e sendo julgada por jornais da época de viver o mais alto vedetismo.[86] As canções de Maysa revelam a mesma postura independente que levou a sua vida particular. Atravessando desafios e recebendo críticas após o seu primeiro divórcio, sua vida tornou-se turbulenta, sobre a qual as revistas e jornais da época noticiavam sua separação como um escândalo. Sendo a constituição do casamento considerado algo sagrado, a sociedade enxergou com maus olhos sua posição, condenando então sua vida como mulher desquitada.

Sabendo-se, portanto, que com as mudanças que o país vinha atravessando, as configurações familiares também passam por modificações. Apesar de desaprovada por parte da sociedade conservadora, a busca por divórcio/desquite já era a realidade para algumas mulheres e assim, mesmo com opiniões contrárias a isto, as notícias circulavam entre revistas e jornais. De acordo com Del Priore, nos casos de separações ou desquites efetivados no meio artístico, a revista não emitia opiniões, limitando-se apenas a divulgá-los, mas privilegiando claramente os desmentidos. Assim, as páginas das revistas e jornais específicos traziam diversos textos sobre as possíveis causas de um divórcio e como evitá-los.

Diante do conservadorismo da época, além do preconceito em relação aos divórcios que enfrentou, Maysa seguia fugindo às regras, fazendo suas apresentações nas noites dos bares e declarando em sua canção *Resposta* os versos "*Eu não posso explicar quando foi/ E nem quando ela veio/ Mas só digo o que penso/ Só faço o que gosto/ E aquilo que creio/ E se alguémnão quiser entender/ E falar, pois que fale/ Eu não vou me importar com a maldade de quem nada sabe/E se a alguém interessa saber/ Sou bem feliz assim/Muito mais do que quem já falouou vai falar de mim*[87], reafirmando o seu papel subversivo.

Apesar de possuírem uma vida atribulada, havia sempre uma tentativa de associar a imagem dessas mulheres aos padrões da época, sendo comum aparecer nas revistas do rádio, discussões acerca da busca de um casamento feliz com um homem dos sonhos ou de um pretendente para as artistas do período. Com matéria intitulada "As artistas escolhem seus bonitões", faziam-se especulações acerca dos relacionamentos das cantoras solteiras.

---

[86] SILVA, Wayne Gonçalves. **Mulheres e música no brasil dos anos 1950 e 1960**. 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Wayne_Gon%C3%A7alves_da_Silva.pdf>

[87] Trecho da canção "Resposta" lançada no ano de 1956.

Imagem 05- Foto de matéria na Revista do Rádio em 1952.



As Artistas Escolhem Seus Bonitões

COMO AS ESTRÊLAS IMAGINAM SEUS PRÍNCIPES ENCANTADOS ★ EMILINHA E O SEU IDEAL ★ ELVIRA PAGÃ E' EXIGENTE ★ O TIPO PREDILETO DE DIRCINHA ★ MUITAS DISPENSAM A BELEZA ★ UM "GREGORY PECK" PARA VIOLETA CAVALCANTI

Texto de CASPARY

Fotos do nosso arquivo

Já houve época em que as estrêlas escondiam seus mais íntimos desejos e, entre esperar um bom tipo físico e ficar para tia, preferia segurar o candidato, quer fôsse moreno, louro, baixo ou alto, contanto que fôsse um cavalheiro! Hoje a mentalidade da mulher, mais evoluida, não obedece às antigas convenções e por isso elas dizem, de pronto, seus anseios e suas preferências, não vacilando quando o repórter pergunta o que elas preferem. Uma longa "enquête" desenvolvemos entre as atuais estrêlas de rádio. Tôdas se prontificaram a nos revelar o tipo que reune os dotes dignos de suas atenções. Eis aqui as opiniões das artistas:

E' bem verdade que as opiniões variam. Enquanto umas preferem rapazes calmos e de atitudes suaves, outras exigem que sejam fortes altos e espadaúdos porque, só assim podem evidenciar verdadeiramente seus melhores desejos de conquista, ou talvez para depois, perante elas mesmas, terem uma justificativa, alegando que cederam diante da fôrça.

Seria por exemplo terrivelmente ruim se tôdas preferissem os mesmos tipos e, nesse caso, muita gente teria que permanecer à margem sem a menor esperança de conquistar biblicamente "sua costela" obrigando-nos mesmo a criar uma "sucata" humana!

Há preferência, todavia para os homens morenos e de olhos verdes o que demonstra ser a a maioria das estrêlas desconhecedora dos principios etnicos que asseguram ser tal tipo uma das mais destacadas provas da mestiçagem entre os tipos europeu e cabôclo. Eis aqui, em desfile, as opiniões das artistas:

Fonte: Revista do Rádio N.168.

Assim, destacamos que apesar de serem mal faladas devido sua profissão, sua associação com a padronização de comportamento feminino era destaque nas mídias e apesar de algumas apresentarem comportamentos transgressores, nas revistas, não se davam margem para este tipo de possibilidade. Como podemos destacar, por exemplo, o caso da cantora Dalva Oliveira que apesar de conquistar um grande público com suas canções românticas, também esteve associada à polêmica devido ao seu divórcio com Herivelto Martins.

> Enquanto o sucesso alcançado por ela, principalmente na venda de discos, colocava-a como uma artista integrada aos meios de comunicação da época como rádio e cinema, o contexto do fim de seu casamento com Herivelto Martins a colocou como uma mulher/cantora marginalizada em relação aos valores predominantes na época. Dalva de Oliveira encontrava fãs também em camadas médias e baixas da população insatisfeitas com os valores, costumes e leis que regiam suas vidas em uma sociedade que lhes impossibilitava de ter, por exemplo, a liberdade de encerrar um casamento por um processo de divórcio.[88]

[88] BORGES, Giuliana Paola**.** 2019. p. 16.

Diante disso, é possível destacar que diante as vozes dessas mulheres, os papéis de gênero a qual são submetidas passaram por diversos momentos, na qual, reafirmava a feminilidade e os padrões de comportamento feminino com valorização dos cuidados domésticos e manutenção do casamento assim como por vezes os questionavam. Dessa forma, analisando o contexto no qual essas mulheres estão inseridas, é possível perceber uma mudança nos costumes nesse período, com grande destaque para a inserção da mulher no mercado de trabalho, nota-se o papel que a música assume como um papel importante na formação de uma nova identidade feminina.

Nesse sentido, a luta das mulheres pelo seu reconhecimento na história ganhou impulso, atingindo seu ápice na década de 1960 que foi marcada por uma grande revolução dos costumes com o surgimento das lutas das mulheres com os feminismos em alta por todo o mundo, conquistando assim, a possibilidade de falar de si mesma e favorecer a produção artística de sua história. Como aponta Rachel Sohiet,

> Enquanto campo específico de estudo, há certa unanimidade em considerar a história das mulheres como tendo sido decorrente de um movimento recíproco: de um lado, da atuação das historiadoras preocupadas com esta questão, e de outro, do movimento feminista, ocorrido a partir dos anos 60.[89]

Dessa forma, é possível perceber a importância do surgimento dos movimentos feministas para a independência feminina que levará adiante as lutas das mulheres em busca do reconhecimento de sua posição social frente a uma perspectiva histórica e também na obtenção da conquista de direitos sociais e políticos que antes lhe foram negados.

Sendo esse período marcado por um sistema político opressor, os movimentos estudantis se expandem com a crítica as imposições de comportamentos e normas na sociedade e é neste contexto que Rita Lee se destaca enquanto persona rebelde que com suas canções inspirava a quebra das regras ditadas, principalmente em relação a definição do que seria colocado como feminino. Assim, destaca-se que

> Em consequência de um sistema político opressor, jovens participantes de movimentos estudantis questionavam padrões de comportamento e normas estabelecidas. A pílula anticoncepcional proporcionou às mulheres a oportunidade de pensar a sua sexualidade, as mesmas mulheres que começavam a ter espaço nas universidades e no mercado de trabalho. Iniciava-se, ainda, a era de uma cultura influenciada pela indústria cultural.[90]

---

[89] SOIHET, Rachel. **História, mulheres, gênero:** contribuições para um debate. Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 95-114.

[90] SALERNO, Laura Peretto et al. Discursos para o feminino em páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações. **Educar em Revista**, p. 127-139, 2011.

Sabe-se, portanto, que a sociedade com a qual Rita Lee conviveu era profundamente reacionária, sendo marcada pelos movimentos conservadores como as "marchas da família com Deus e pela liberdade" que foi um movimento político e social ocorrido no Brasil em 1964, durante o contexto do Golpe Militar. Organizada por grupos conservadores, principalmente ligados à Igreja Católica, como uma manifestação de apoio ao golpe militar e em oposição ao governo do presidente João Goulart a marcha teve origem em São Paulo e se espalhou por outras cidades brasileiras, reunindo milhares de pessoas em protesto. Os participantes defendiam valores tradicionais, como a família, a religião católica e a propriedade privada, e alegavam estar lutando pela liberdade e contra o comunismo, que era associado ao governo de Goulart.

Embora a marcha seja lembrada por seus apoiadores como um movimento em defesa da liberdade, entende-se que ela serviu como justificativa para a tomada de poder pelos militares e para a implementação do regime autoritário no Brasil. Neste sentido, em oposição a essa sociedade conservadora os movimentos estudantis lutavam por mudança social e política, além do destaque para a causa feminina, na qual destaca-se:

> A luta pela emancipação da mulher passava pela questão do corpo, do conhecimento e da beleza. Como consequência, surge a nova moda da minissaia, a ausência do sutiã e, de forma mais profunda, as discussões sobre o amor livre. Assim, as representações de um novo modo de ser das mulheres começam a surgir nos anos 60. A maioria das mulheres da classe média estava do lado conservador, comparecendo em massa à "Marcha com Deus, pela Família", com faixas onde se lia: "Vermelho bom, só batom"[91]

Com os avanços sociais conquistados na década de 1960, as mulheres começaram a exigir além de seus direitos sociais e políticos, adotando também a defesa de sua liberdade e autonomia em sociedade. Dessa forma, as mulheres assumem uma postura rebelde e contestatória da sociedade vigente predominantemente masculinizada, sendo essa atitude reafirmada com o surgimento do movimento do rock na mesma época, que se caracteriza também por ser um movimento social responsável pela crítica dos comportamentos, da moral e da sexualidade considerados padrão.

> O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo

[91] FARIA, Lia. **Ideologia e utopia nos anos 60:** um olhar feminino / Lia Faria. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997. P.29.

> e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração[92]

Sendo o rock caracterizado desde o princípio como uma categoria contestatória das normas, este irá sofrer alterações de acordo com o tempo e espaço, sendo possível desta maneira analisar a importância do estudo do rock na identificação da sociedade e vice-versa, contribuindo para uma análise histórica e musical ao longo dos anos.

Nesse sentido, a música produzida por Rita Lee, considerada a rainha do rock brasileiro torna-se relevante no estudo de gênero por apresentar em suas composições a força feminina ao assumir a frente do seu palco e transgredir as regras ditadas por uma sociedade machista. Dessa forma, percebe-se, portanto, a influência da participação feminina no meio musical nas conquistas de direitos das mulheres na sociedade. Assim sendo, é possível perceber que, dentre as composições, a identidade feminina era o assunto mais abordado,

> Um dos temas predominantes na música de autoria feminina é a representação da busca de uma identidade autônoma, ou a representação do conflito de identidade, própria do sujeito pós-moderno. Diante disso, ao analisar as letras de canções compostas por mulheres, busca-se observar como ocorre a representação da identidade da mulher na música de autoria feminina e como as mudanças culturais influenciam nessa representação[93]

O sucesso das canções de Rita Lee deu-se início em época de ditadura militar e devido à censura do período, suas composições ficaram marcadas por apresentar um tom debochado e cheio de metáforas tornando-se assim um símbolo da resistência contra o regime autoritário ditatorial vigente e assumindo traços de identidade da nova perspectiva feminina. Como mencionando por Henrique Bartsch,

> Desde o começo de sua trajetória artística, Rita Lee não desejava apenas aderir às tribos que surgiram tendo o rock como centro gravitacional, mas sim ser um dos ícones e ajudar a construir o imaginário em torno dos quais essas tribos flutuavam. Ela se identificava com a atitude, a fantasia, o som, o visual, o sucesso, o discurso, o sentimento de pertencer a uma banda de rock e lhe seduzia a possibilidade de interpretar canções do gênero sobre o amor[94]

---

[92] CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo: Brasiliense/Nova Cultural, 1982.

[93] PAWLOSKI, Cristiane. TEIXEIRA, Nincia Cecilia Ribas Borges. **O ser mulher na música de Rita Lee:** do rosa ao choque. Conexão – Comunicação e Cultura. UCS, Caxias do Sul – v. 11, n. 22, jul./dez. 2012.

[94] BARTSCH, Henrique**. Rita Lee mora ao lado:** uma biografia alucinada da rainha do rock. São Paulo: Panda Books, 2006.

Através da mistura de ritmos, Rita trouxe à tona a representatividade do universo feminino, caracterizando-se assim como a precursora do rock nacional e servindo de inspiração para muitas mulheres com suas músicas cheias de ritmo, composições atrevidas, seus figurinos coloridos e suas músicas eletrizantes.

2.2 Rita Lee: quando a ovelha virou negra

Filha caçula de Charles Fenley Jones e Romilda Padula Jones, em São Paulo, dia 31 de Dezembro de 1947, nasceu Rita Lee Jones. Desde então, Rita Lee vivia com mais outras quatro mulheres, sua madrinha de batismo Luiza Rodrigues (Balu), sua irmã adotiva Carolina Saccomano (Carú) e suas duas irmãs Mary Lee e Virginia Lee. Desde pequena, Rita Lee e suas irmãs mostravam o gosto pela música, transformavam o porão de casa em um lugar de diversão, penduravam quadros de seus ídolos na parede e reuniam-se várias vezes para fazerem apresentações.

A descrição que Rita Lee faz de sua organização familiar, logo no início de sua autobiografia[95], denota um pouco de suas percepções sobre como sua identidade inquieta e plural foi sendo (re)construída, pois, segundo ela,

> Para sossegar a caçula, a senha era "dá uma mamadeira e liga o rádio". Entre um reclame do Biotônico Fontoura e um capítulo da novela, meu direito de nascer como baby boomer paulistana foi regado a Carmem Miranda, Emilinha Borba, Nelson Gonçalves, Doris Day, Fred Astaire Mario Lanza. Dizem que eu era feliz e sabia, uma infanta normal que passava o dia na minha bem-aventurada insignificância, dentro de uma sagrada família onde eu, por tabela, viajava na modernidade das cinco mulheres geniais que me cercavam: Chesa, minha iluminada mãe, Balú, minha fada madrinha; Carú, minha bela irmã adotiva italiana; Mary Lee e Virgína Lee, minhas duas hilárias manas de sangue. Esse harém desvairado estava sob o comando de Charles, meu pai, 45 anos mais velho que eu, fã de Inezita Barrosto, ex-sargento da Revolução de 1932 e possível futuro assassino de Getúlio Vargas.[96]

A descrição de sua composição familiar, para além de apresentar indícios das relações familiares, aponta para práticas e costumes da época, como a cultura do rádio e das propagandas, para o cenário musical, para as reverberações sociais e políticas. Logo em seguida, Rita Lee faz uma rápida imersão do Casarão, que era "o velho casarão dos anos 1920

[95] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Editora Globo, 2016.
[96] LEE, Rita, 2016, p. 07.

da rua Joaquim Távora, 670, Viara" e que "era o grande palco idiossincrasias de nossa família "Addams"[97].

De certa maneira, no olhar memorialístico de Rita Lee, sua família não seria tão comum, ou pelo menos não tão convencional como as demais famílias paulistas e brasileiras. Talvez, um subterfúgio narrativo para não aceitar as críticas feitas de que Rita Lee era fruto da classe média e que, por isso mesmo, não seria tão "ovelha negra" como teria ficado (re)conhecida.

Algo que dá para notar, desde as primeiras páginas da autobiografia de Rita Lee, é que o seu contato com a música e o cenário musical, bem como o mundo artístico, se deu por meio do rádio. Ela, inclusive, chamou a si mesma e as muitas garotas daquela época, como "garotas do rádio", pois era o principal meio de consumo de entretenimento, propaganda e notícias. Contudo, Rita Lee faz questão de valorizar a presença da TV. Segundo ela,

> Para nós, garotas do rádio, a TV Tupi foi a bênção da década: Sítio do Picapau Amarelo com Lúcia Lambertini, a melhor Emília de todos os tempos. Vida Alves lançando a moda de franjinha e dando o primeiro beijo da televisão no galã Walter Foster. Júlio Gouveia e Tatiana Belinky na direção do Teatro de vanguarda aos domingos, com atores dramáticos do calibre de Sérgio Cardoso, Cacilda Becker, Procópio Ferreira.[98]

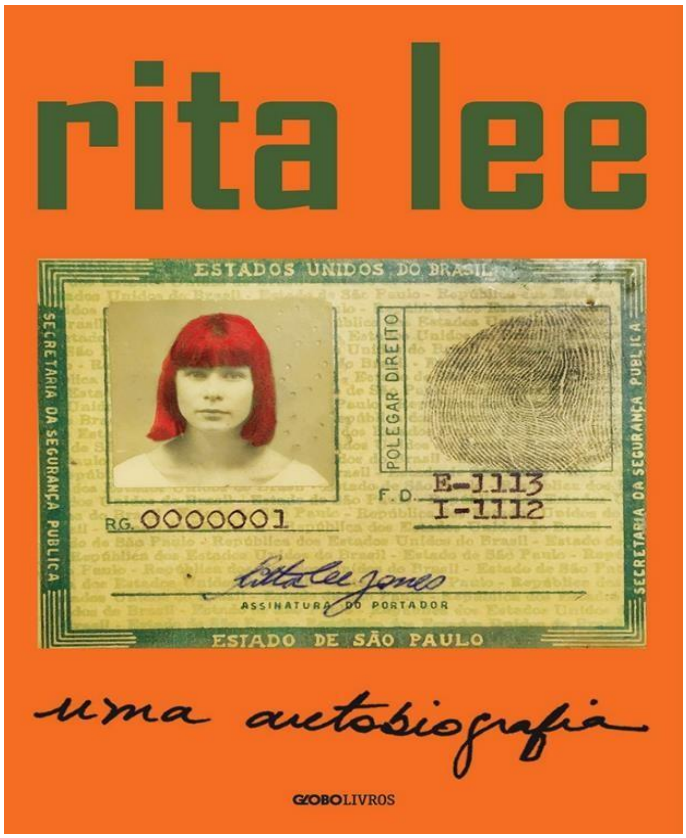
Não se tratava unicamente daquilo que era transmitido pela TV, mas os inúmeros valores que a programação ora endossoava, ora colocava em suspeição, com condutas de namoro, beleza, estética, relacionamentos. Essas são algumas das memórias iniciais que compõem o marcante livro autobiográfico *Rita Lee: uma autobiografia*, lançado em 2016.

O lançamento do livro da autobiografia de Rita Lee reuniu fãs, amigos, críticos, artistas, celebridades e a imprensa. Nascendo em uma família de classe média, Rita Lee morava em um casarão localizado na Vila Mariana em São Paulo. Reunindo histórias e divagações sobre sua vida pessoal e carreira, relembra momentos desde sua infância, mostrando-se diversas vezes "fora da curva": "Rita é de Sampa, mas nunca foi santa". Jamais esconde as traquinagens que fez ao longo da vida. Desde fumar maconha com o pai (a inesperado convite dele) no sótão da casa da família até as peraltices adolescentes e adultas"[99].

---

[97] LEE, Rita, 2016, p. 07.
[98] LEE, Rita. 2016, p. 12.
[99] Com leveza, Rita Lee narra as coisas boas e más da vida em autobiografia. Globo G1, 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/com-leveza-rita-lee-narra-coisas-boas-e-mas-da-vida-em-autobiografia.html

Imagem 06 – Capa do *Livro Rita Lee: uma autobiografia*



Fonte:https://g1.globo.com/musica/blog/mauroferreira/post/com-leveza-rita-lee-narra-coisas-boas-e-mas-da-vida-em-autobiografia.html

Ao analisarmos a capa de sua autobiografia já podemos perceber um pouco do seu lado subversivo, com seu nome escrito em letras minúsculas e uma foto de sua primeira identidade destacando o cabelo com caneta de tinta vermelha que foi sua marca registrada por muito tempo "o rascunho da capa do livro partiu de cartolina, tintas, tesoura e cola, até virar a arte final, no computador. Como toque, Rita pintou com canetinha vermelha seus cabelos da foto do documento."[100] Intercalando seu texto e fotografias de seu arquivo pessoal, Rita conta sua história de acordo com suas memórias que como a mesma destaca, muitas vezes pode ser falha. Assim, Guilherme Samora, jornalista e estudioso da vida e obra de Rita Lee, aparece como um ghost writer (escritor fantasma) que complementa as informações ou as corrige ao longo do texto.

[100] Famosos prestigiam lançamento de autobiografia de Rita Lee em SP. Revista Quem, 2016. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2016/11/famosos-prestigiam-lancamento-de-autobiografia-de-rita-lee-em-sp.html>

Imagem 07 – Rita Lee no lançamento do *Rita Lee: uma autobiografia*



Fonte: http://elmirdad.blogspot.com/2020/02/dez-passagens-de-rita-lee-no-livro-rita.html

Sendo considerada uma das artistas mais aclamadas da música brasileira, durante o lançamento de sua autobiografia, Rita Lee recebeu a presença de diversas personalidades do mundo artístico. Destaca-se, dessa forma, que o público que acompanha e prestigia Rita Lee é bastante variado, tanto em gênero, carreiras e faixas etárias. Artistas tais como Ronnie Von, Luísa Mel, Mariana Ximenes, Mel Lisboa, Rita Cadillac, a apresentadora Sarah Oliveira, entre outros compareceram a este momento. Rita Lee, é nesse sentido, reconhecida pelo seu comportamento que inspirou muitas gerações, além de suas composições que marcaram a história da música brasileira.

Anteriormente, com o nome de *Os Bruxos*, o grupo formado por Rita Lee, Arnaldo Batista e Sergio Batista em 1966, fez participação no "*Astros do disco da tv Record"* - programa que apresentava as paradas de sucessos na época, mas ao se recusarem a livrar-se dos fios de seus equipamentos amostra no palco durante suas apresentações, cancelaram sua participação no programa "estavam mais preocupados com a estética do que com a qualidade da música"[101], como aponta Rita Lee.

[101] LEE, Rita. 2016. p. 73.

IMAGEM 08: Ronnie Von prestigiando Rita Lee no lançamento de sua autobiografia.



Fonte: https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2016/11/famosos prestigiam-lancamento-de-autobiografia-de-rita-lee-em-sp.html

Assim, chamando a atenção de Ronnie Von, que era cantor, compositor e apresentador de televisão, a banda foi então convidada por ele para uma troca de ideias sobre a participação no novo programa de tv em seu comando. Eles toparam e como sugestão de um nome mais potente, batizando-os então com o nome *"Os Mutantes".* Proposta aceita e início de uma longa amizade que dura até os dias atuais.

Interpretando Rita Lee nos palcos, a atriz Mel Lisboa também marcou presença no lançamento de "Rita Lee: uma autobiografia". No espetáculo adaptado do livro "Rita Lee Mora ao lado – Uma Biografia Alucinada da Rainha do Rock", de Henrique Barstsch, Mel Lisboa interpreta Rita em seus diversos momentos desde sua infância. Misturando um pouco de ficção com realidade, descreve-se a vida de Rita a partir da visão de Bárbara Farniente, uma vizinha que teve próximo contato a ela e sua família. Em entrevista à Revista *Quem*, Mel Lisboa falou um pouco sobre seu papel.

> Rita significa um grande momento da minha vida. Uma referência. Mas me marcou tanto que se tornou enorme, mais do que já era. Curti fazer tudo, na verdade. Mas havia curtição de época dos Mutantes, de cantar com os

> meninos. Era a chance de viver alguma coisa que eu não vivi. Gostava muito de cantar Coisas da Vida, que era o momento mais gostoso do espetáculo.[102]

Pra Mel, dar vida à Rita Lee nesse espetáculo foi um trabalho difícil. Transmitir ao público o jeito subversivo de Rita foi um desafio "fazer construção de uma personagem icônica, tão importante pra tanta gente. Pessoas sabendo que você não é ela, mas que está fazendo com todo o respeito e sem imitá-la. Era uma coisa que tive que ir descobrindo sozinha, mesmo. Foi bem árduo. Desafio mais difícil da minha carreira"[103], comentou a atriz.

Recebendo o carinho de seu público, com sua personalidade transgressora à mostra, Rita Lee relata com detalhes suas parcerias musicais e o processo de construção e gravação dos seus álbuns. Com seus sucessos e fracassos expostos e uma dose de autocrítica "Sempre soube da minha voz fraquinha e meio desafinada, sem potência alguma. Cantar nunca foi natural pra mim"[104] relata também os seus excessos com o abuso de álcool e drogas: "Para sobreviver a uma ditadura como a que houve no Brasil só tomando muito LSD".[105] Assim, com seus altose baixos, Rita Lee conta sua história como um mergulho em si mesmo, destacando-se como uma grande personalidade.

---

[102] Depoimento da atriz Mel Lisboa sobre Rita Lee em entrevista a Revista QUEM. 2018. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2016/11/famosos-prestigiam-lancamento-de-autobiografia-de-rita-lee-em-sp.html>

[103] Ibidem, Revista Quem, 2018.

[104] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.

[105] Rita Lee: "Para sobreviver a uma ditadura só tomando muito LSD". Observador. 2017. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/entrevista-autobiografia-rita-lee/>

Imagem 09: Capa do livro "favoRita" lançado no ano de 2018.



Fonte: https://www.radiorock.com.br/2018/06/14/rita-lee-reune-multidao-de-fas-em-lancamento-do-livro-favorita/

Dois anos após o lançamento de sua autobiografia, no ano de 2018, o livro *FavoRita* foi lançado em comemoração aos 70 anos de idade de Rita Lee. Além de um ser um livro cheio de fotografias que perpassam por toda a sua carreira, traz também memórias sobre sua infância travessa ao lado de sua família, amigos e vizinhança, em sua grande maioria, de mulheres. Em ensaio feito por Guilherme Samora, na capa do livro, Rita aparece fantasiada de abelha ao centro da foto, simbolizando seu papel enquanto rainha do rock, logo sendo a abelha rainha, aquela que dá origem. Além disso, dentro desta associação é possível destacar também que enquanto abelha rainha, o mel produzido é um grande alimento, sendo para Rita Lee, dessa forma, a sua carreira musical "alimento" para muitas gerações de fãs e artistas. Assim, podemos destacar, que:

> FavoRita é um livro de arte calcado na beleza de imagens de várias fases da carreira da artista e também de inéditas fotos atuais produzidas com esmero por Guilherme Samora. Entre as imagens, há os textos. E, por mais que estes sejam curtos, todos têm o toque espirituoso de uma artista hábil na arte de

> escrever bem, com humor e leveza, e de soltar os veneninhos nas entrelinhas do rock.[106]

Com um toque de humor e sabedoria, Rita Lee traz em seu livro algumas reflexões sobre sua juventude bem vivida e a velhice que chegou. Ao longo dos anos e danos, Rita Lee, que antes vivia uma vida sem regras, com uso de álcool e drogas em excesso, agora descansa aproveitando seu lado mais íntimo e recluso. "Envelhecer é um susto atrás do outro e olha que não posso reclamar depois dos anos abusando do meu corpo, entornando todo tipo de droga"[107]. Depois de uma longa vida agitada, diz não se arrepender das experiências vividas e compartilha seus aprendizados.

> Não faço a Madalena arrependida com discursinho antidrogas, não me culpo por ter entrado em muitas, eu me orgulho de ter saído de todas. Reconheço que minhas melhores músicas foram compostas em estado alterado, as piores também [...] Minha geração sofreu a claustrofobia de uma ditadura brucutu, usar então era uma maneira de respirar ares de liberdade [...] Sei que ainda há quem me veja malucona, doidona, porra-louca, maconheira, droguística, alcoólatra e lisérgica, entre outras virtudes. Confesso que vivi essas e outras tantas, mas não faço a ex-vedete-neo-religiosa, apenas encontrei um barato ainda maior: a mutante virou meditante. Se um belo dia você me encontrar pelo caminho, não me venha cobrar que eu seja o que você imagina que eu deveria continuar sendo. Se o passado me crucifica, o futuro já me dará beijinhos.[108]

Com um público diversificado, Rita Lee conquistou o afeto de seus fãs e ganhou destaque dentre várias gerações, mas apesar do seu sucesso ou devido a ele, Rita Lee também sofreu com as censuras impostas em tempos de ditadura militar que além de julgar os seus comportamentos transgressores, barraram muitas de suas músicas por possuírem conteúdos libertários. Diante disso, o livro *FavoRita* reserva também algumas páginas, para a apresentação de documentos do Departamento de Censura e com as letras de suas músicas nunca lançadas e aquelas que sofreram modificações para serem aprovadas pelos censores.

Destacando-se entre suas irmãs, Rita Lee tinha a fama de garota atrevida e devido ao seu comportamento hiperativo, sempre inquieta, curiosa, mexendo onde não devia e fazendo perguntas incessantes, narra em seu livro episódios de suas travessuras.

> Certa vez, numa das visitas da cartomante, minha mãe me levou junto e ouviu dela "essa sua menina vai dar muito trabalho, pense na possibilidade de matriculá-la num convento ou num colégio interno". Nunca apareceu uma

---

[106] Rita Lee, 'abelha-rainha' do rock brasileiro, destila mel ácido no livro de arte 'favoRita'. G1globo.2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2018/06/13/rita-lee-abelha-rainha-do-rock-brasileiro-destila-mel-acido-no-livro-de-arte-favorita.ghtml>

[107] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.

[108] Ibidem, p. 277.

> oportunidade de me vingar adequadamente de madame Zoraide, o máximo que consegui foi cuspir dentro de sua bolsa de mão.
>
> [...]
>
> As duas filhas mais novas de Chesa passaram a não ser convidadas para nenhuma festinha de aniversário das crianças da rua; além de roubarem presentes dos aniversariantes, se divertiam alfinetando bexigas na cara dos adultos até que uma avó teve um enfarte e foi parar no hospital.[109]

Vinda de família extremamente religiosa, Romilda Padula, "mais católica que o papa"[110] observando o comportamento da filha, logo tratou de matriculá-la no teatro da igreja Santo Ignácio. Participando da seleção para ser anjo numa peça de procissão na Sexta-feira da Paixão, Rita Lee conseguiu o papel e cada vez mais passava a gostar e participar das atividades na igreja, chegando a frequentar até o catecismo "Minha meta era ser coroinha e depois "padra", precisava descobrir o que ambos faziam lá no altar ao darem as costas aos fiéis."[111].

Criada conforme os padrões da sociedade tradicional, Rita Lee foi educada para ser mais uma "ovelha branca". Frequentando a igreja desde cedo por vontade de sua mãe em uma tentativa de melhorar o seu comportamento, Rita Lee continuava a mesma criança "mau comportada" e inquieta e durantes suas aulas de catecismo mesmo sem compreender o que estava sendo ensinado, fingia boa postura.[112]

Os ensinamentos e os rituais religiosos são, em boa medida, parte das estratégias sociais de ordenamento e modelagem dos sujeitos. Rita Lee não esteve, e não está, além ou aquém de tais estratégias. As memórias de diferentes momentos e fases de sua vida pessoal, familiar e profissional demonstram as inúmeras ranhuras entre os padrões sociais, familiares, religiosos e as inquietações pelo novo, pelo diferente, pelo, talvez, subversivo. Muitos dos registros fotográficos da infância e adolescência de Rita Lee indicam que a sua identidade foi atravessada pelas práticas e condutas tradicionais – em sua maioria como reflexo daquilo que sua família considerava como "vida sossegada". Como ela mesma rememora, "a adolescência prometia aventuras ainda mais fortes do que a infância"[113]. Suas experiências de cabular aula, para explorar a vida pulsante de São Paulo, interagindo com pessoas de outras cidades, estados e outros países são relatadas por Rita Lee como partes de suas diferentes aventuras. Criar rupturas com tais práticas não significaria o apagamento daquelas experiências e vivências, daí a própria Rita Lee retomar tais memórias em suas entrevistas e textos autobiográficos.

---

[109] LEE, Rita. **favoRita.** São Paulo: Editora Globo, 2018.
[110] Ibidem, p. 45.
[111] LEE, Rita. p.46.
[112] Ibidem, p. 48.
[113] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Editora Globo, 2016, p. 55.

Imagem 10: Rita Lee em sua primeira comunhão.



Fonte: https://www.ofuxico.com.br/noticias/dia-das-criancas-rita-lee-posta-foto-de-sua-primeira-comunhao/

Na foto acima, em sua primeira comunhão, Rita Lee comenta em sua autobiografia sua memória sobre esse dia. Associando o comportamento rebelde aos meninos, Rita Lee se assemelhava a eles em diversos momentos de sua infância inquieta. Acreditando que o cabelo longo era a causa de sua magreza, sua madrinha cortou seu cabelo em tamanho curto, motivo este que teria feito Rita Lee receber o apelido de "Rito: o menino baiano".

> O corte "cuia diacuí" me rendeu de Virgínia o cruel apelido de "menino baiano". Daí que virei *tomboy* de verdade e fui buscar minha turma com os moleques da rua. Dia seguinte, Rito, o menino baiano, entrou na igreja de branco por fora e de exú-tranca-rua por dentro. Entrei na fila, recebi e guardei o "corpo" de Cristo na língua como aprendera com dona Lila, me ajoelhei e mordi a hóstia esperando o sangue de Jesus escorrer pela boca, me transformando na frente de todos na vingança da filha de Belzebu. Nada aconteceu, fui duplamente traída por Deus e por Belzebu.[114]

Desde muito pequena, Rita mostrava-se ativa e sempre participava de festivais, desde os organizados pela vizinhança como os grupinhos que se apresentavam no colégio. A música fazia parte do seu cotidiano, com uma postura branda sua mãe que era filha de imigrantes italianos tocava piano e seu pai Charles com uma postura mais rígida, filho de imigrantes norte-americanos, além de ex-sargento constitucionalista, também era dentista e por diversas vezes

[114] LEE, Rita. 2016. p.

atendia celebridades em seu consultório, chegando a trocar consultas por convites de teatros e eventos para o harém[115].

No ano de 2016, ao lançar sua autobiografia, Rita Lee revelou algumas informações que eram desconhecidas pelo público e dentre elas relatou um abuso que sofreu ainda na infância. Por volta dos cinco anos de idade, Rita Lee foi estuprada com o cabo de uma chave de fenda por um técnico de máquina de costura que foi prestar serviço em sua casa. Em sua autobiografia, revela que após o ocorrido, todos a protegiam.

> Nunca me castigaram, nem mesmo com aquele eventual tapinha na bunda que minhas irmãs volta e meia levavam. Me tratavam como uma espécie de aleijadinha psicológica. "A Ritinha é nossa caçulinha, é justo protegê-la", explicavam elas. E essa proteção extra se seguiu inclusive na minha vida adulta. As saias justas pelas quais passei com drogas, prisão, críticas e boatos foram entendidas como "a dor que ela carrega na alma por causa 'daquilo', tadinha"[116]

Mesmo sem entender o que tinha acontecido, Rita revela que sempre carregou um peso e escrever sobre isso a ajudou a superar. Nunca revelado ao seu pai, as mulheres da casa mantiveram segredo e com uma infância travessa e adolescência rebelde, afirma que a partir daquele momento todas os seus desajustes de comportamento eram relevados.

> Eu devia ter uns seis ou sete anos. Assim que sentei, deu branco, me ocorreu "O que eu estava fazendo ali mesmo? O que aquelas pessoas esperavam que fizesse?". Pois bem, eu fiz... eu fiz xixi no banquinho e só me dei conta quando ouvi um "óóóhhh" da plateia. Retirada da cena petrificada, ainda ouvi a mestra dizer para minha mãe: "Sinto muito, sua filha tem o que chamamos de stage frigth, medo do palco. Ela é boa, mas não aconselho seguir na música"[117]

Apesar do constrangimento em cima do palco, Rita Lee sempre mostrou desenvoltura e aos poucos a timidez que antes era um problema diminuiu e logo depois na adolescência Rita Lee já fazia parte do grupo de garotas rebeldes. Com uma educação rígida em casa, principalmente na presença do pai, ir à escola realmente dava uma liberdade que não tinha em casa.

> Essa foi a única vez em que Rita estudou música de modo mais formal, exceto o período em que participou do orfeão do Liceu Pasteur, onde estudou desde o Jardim da Infância, na sede da rua Mairinque, na própria Vila Mariana. Porém, se chegou a prejudicar suas aulas de piano, a timidez foi progressivamente deixando de ser um problema para a ruivinha sapeca. Já no final do ginásio, a grandalhona e irreverente Rita era o terror das colegas mais comportadas, alvos preferidos de suas caricaturas e gozações. Preferia ser expulsa da sala de aula do que perder uma piada.[118]

---

[115] LEE, Rita, p. 26.
[116] LEE, Rita, 2016, p.16.
[117] LEE, Rita, 2016, p. 50.
[118] CALADO, Carlos. **A Divina Comédia dos Mutantes**. São Paulo: Editora 34, 1995.

Destacando seu comportamento rebelde, ainda na adolescência, Rita Lee era uma aluna mediana no colegial. Sempre passando de ano na média, sentando nas cadeiras finais da classe, Rita implicava também com alguns de seus professores, atrapalhava as aulas conversando até ser expulsa da sala de aula. Dos episódios que marcaram essa fase, Rita Lee relembra que eventualmente fazia xixi nos sapatos das meninas nas aulas de ginásticas, fumava no banheiro, implicava com os alunos mais inteligentes e chegou a colocar fogo no teatro da escola ao ter sido recusada para um papel em uma peça do teatro.

> Na verdade, Rita gostava mesmo de trocar suas bonecas por trenzinhos e jamais largava um passeio de carrinho de rolimã com os meninos para brincar de casinha com as meninas. Não era à toa que, volta e meia, tinha alguma parte do corpo engessada. Fraturou dedos, joelhos, mãos e pés, sem falar nos dentes quebrados e unhas pisadas. Era uma moleca levada da breca, que achava o universo masculino muito mais interessante que o das bonecas e panelinhas. Mesmo assim, morria de raiva toda vez que Virgínia alfinetava sua aparente falta de feminilidade. O troco vinha rápido: Rita destruía o primeiro brinquedo da irmã que encontrasse pela frente e a confusão só terminava com a chegada da mãe.[119]

Na sua adolescência, Rita Lee, com sua afinidade com a música, montou uma banda só de meninas, as *Teenage Singers*, grupo vocal formado por ela, Suely Chagas, e as colegas de colégio, Jean e Beatrice. Em 1964, participou do Tulio Trio onde tocava banjo, Túlio teclado e Suely Chagas violão. Logo em seguida, participou do grupo Six Sided Rockers, formado por Rita e os irmãos Dias Baptista: Cláudio na bateria, Arnaldo no baixo e Serginho na guitarra, além de Raphael e Tobé nas outras duas guitarras, que no ano seguinte mudou o nome para O'Seis e lançaram um compacto com as músicas "Suicida" e "Apocalipse". Logo depois, devido à briga entre os membros só sobraram Rita Lee, Arnaldo e Sérgio, formando então o grupo *Os Mutantes*, grupo do qual Rita Lee fez parte de 1966 a 1972.

[119] Ibidem, p. 85.

Imagem 11: Rita Lee na infância (1ª foto) e durante show na década de 1970 (2ª foto).



Fonte: https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2012/06/rita-lee-mostra-fotos-de-album-pessoal.html

Na foto acima, podemos destacar a percepção de dois momentos, enquanto na primeira imagem Rita Lee aparece ainda criança e sorridente com vestes de uma típica garotinha de classe média, na imagem ao lado, com seus 23 anos, está em uma postura séria e concentrada, enquanto toca em um show. Tendo sido educada dentro do que seria considerado os moldes padrões de família, Rita Lee mostra-se desviante ao assumir a frente de um palco e destacar-se no meio musical através de suas canções e posicionamentos.

Fazendo aula de piano na infância e cercada pelas paixões musicais, somente na adolescência que Rita Lee passou a ter interesse pela música. Com ídolos internacionais como Elvis Presley, The Beatles e Rolling Stones, formou sua primeira banda ainda no ginásio com apresentações realizadas no pátio da escola e foi a partir disso que a música passou a ser parte importante de sua vida.

> Foi nas apresentações colegiais do teatro João Caetano que surgiu um grupo de rapazes que mudou o curso da história. Nós, as meninas do Teenage Singers cantávamos bem, mas tocávamos mal. Eles, os meninos do Wooden Faces, tocavam bem, mas não cantavam. Garotas do Liceu Pasteur *versus* garotos do colégio rival, o Caetano de Campos. O campo de batalha para as duas bandas era perfeito. O ódio mútuo durou algumas apresentações. Ora eles levavam mais aplausos, ora nós, até que houve uma aproximação nos bastidores entre

> os gladiadores e, papo vai, papo vem, levantou-se a ideia de irmos todos para um mesmo liquidificador e o milk-shake musical que resultasse dali se chamaria Wooden Singers ou Teenage Faces.[120]

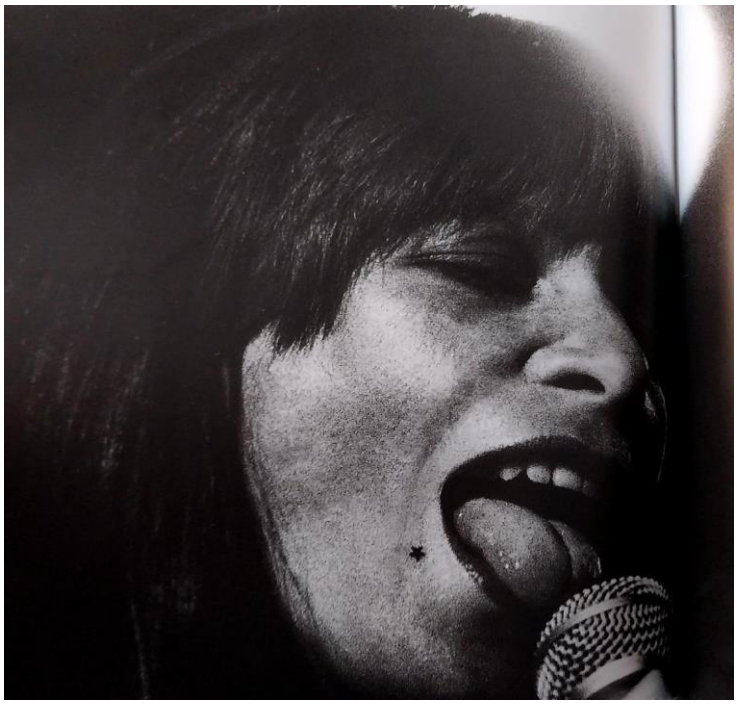
Seguindo suas apresentações em grupo, logo restou apenas o trio composto por Rita Lee, Arnaldo Dias e Sérgio Batista, na qual, passaram a conviver por mais tempo na casa dos irmãos Dias. Porém, apesar de sua afinidade com a música desde cedo, para a família de Rita Lee, a música era vista apenas como um hobby, o que a levou a cursar Comunicações na USP (Universidade de São Paulo) mesmo sem muito interesse pela área e lembrando que na casa do pai e da mãe ou se trabalhava ou se estudava. Assim, aliou por um período o seu curso na USP com suas apresentações, mas acabou dando prioridade para a música, sua grande paixão.

> Passei um ano bundando na USP (na mesma classe de Regina Duarte, a futura namoradinha do Brasil), na base do "assina a presença pra mim". Pra ganhar uma graninha extra, ora fazia um bico numa loja de calçados na Domingo de Moraes, ora dava aula de inglês em casa para crianças da vizinhança. Na verdade, minha maior ocupação era bater ponto na frente da telinha quando aTV brasileira dava uma bela guinada e entrava na fase colorida. *Alô doçura! Com Eva Wilma e John Herbert, Qual a música? O fino da bossa, Show do dia 7, show em Simonal* e o concurso de miss Brasil direto do Maracanãzinho.[121]

Nessas alturas, a banda *Os Mutantes* conquistava os palcos e fizeram sua primeira apresentação no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, em 1967, acompanhando Gilberto Gil na música *Domingo no Parque*. Junto com os *Mutantes*, Rita marcou presença nos famosos festivais de música da época, como o Festival da Record em 1967 e o Festival Internacional da Canção em 1968 onde seu talento, sua ousadia com os figurinos, sua beleza e carisma sempre foram centro das atenções.

[120] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.
[121] LEE, Rita. 2016. p.65.

IMAGEM 12: Rita Lee lambendo microfone em um dos seus shows



Fonte: Acervo Pessoal de Rita Lee.

Com a personalidade ousada da artista, Rita Lee fazia de seu show um espetáculo, com uso de fantasias e figurinos extravagantes, cada vez mais chamava a atenção e escandalizava a classe média. “Eu vi a Rita Lee lamber o microfone. Passei anos da minha vida com vontade de fazer isso e com medo de ser eletrocutada”[122] comentou Elis Regina sobre a artista.

> O caráter singular da música de Rita Lee, bem como a alegria que sempre é para a plateia qualquer um dos seus shows, talvez explique por que o delírio que ela desperta seja hoje tão grande. É um roquinho simples, bom para ser ouvido em rádio de pilha, mas que o milagre eletrônico transforma em aveludadas peças de luxo, deliciosas como as sensações que suas letras prometem. Como intérprete, ela também é uma estrela solitária na nossa constelação de cantoras trágicas, firmes no gosto do público desde o dia em que Carcará, a ave vingadora, voou do sertão para Copacabana e soltou seu grito de guerra. O porta-estandarte de Rita é outro. São mulheres como a de Perigosa (“bonita e gostosa”), a de Mania de você (“vestindo fantasias, tirando a roupa”), ou a de Lança-perfume (“me dá o prazer de ter prazer comigo”).[123]

Dessa forma, Rita Lee incorpora diversas personalidades, destacando sempre o seu lado feminino de força e resistência. Com composições que vão além do seu tempo, Rita elenca

[122] LEE, Rita. **favoRita.** São Paulo: Editora Globo, 2018.
[123] Entrevista de Rita Lee para Geraldo Mayrink. 1980. Disponível em: <https://geraldomayrink.com.br/entrevista/rita-lee-entrevista/>

novas formas de existir, nas quais, a força feminina é o seu centro. Mas diferente do que se espera, Rita Lee rompe com os padrões que são impostos às mulheres e carrega consigo todo o simbolismo de atitude e subversão.

Mesmo com idade avançada, Rita Lee continua com a dimensão de chocar. Com seus cabelos tingidos e comportamentos transgressores, Rita defende a liberdade de se fazer o que quiser sem se prender ao imaginário do se espera de uma mulher com idade avançada, assim aparece em capas de revista e destaca-se em seus shows com a continuidade de sua personalidade rebelde.

IMAGEM 13 - Rita Lee na capa da Revista Rolling Stones (2007)



Fonte: https://tecoapple.com/2007/12/17/rita-lee-na-rolling-stone/

Com a clássica imagem de um roqueiro dos anos de 1970, cabelos tingidos de vermelho e cigarro na boca, Rita Lee foi capa da Revista Rolling Stones, no ano de 2007. Em sua entrevista, reafirmando sua postura rebelde, afirma que diferente dos padrões estabelecidos para o comportamento das mulheres, na qual, se destacam os cuidados com a casa e o casamento, que não nasceu para casar e lavar cuecas. Além disso, reconhecendo que a figura masculina é privilegiada em seus modos de ser e expressar, comenta:

> Queria a mesma liberdade dos moleques que brincavam na rua com carrinho de rolimã. Quando entrei para a música, percebi que a 'tchurma' dos culhões

> reinava absoluta, ainda mais no rock. 'Oba', dizia eu, 'é aqui mesmo que vou soltar a franga e, literalmente, encher o saco deles'. No palco, sou mais macho do que fora dele, não posso negar que minhas influências como figura de frente foram Jagger, Bowie, Tyler, Rod Stewart." E no Brasil? "Vou começar com Carmen Miranda, que me ensinou que uma gringa pode ser a mais brasileira de todas. Caetano e Gil me apresentaram ao Brasil brasileiro e me ensinaram como fazer música em português. Tom Zé me iniciou na patafísica. Paulo Coelho me ensinou a ler tarô e a pressentir uma inspiração.[124]

Agindo de maneira livre, Rita Lee nunca pensou que o que ela teria feito ao longo dos anos teria sido nomeado de feminismo. Sem uso de rótulos "ligava o foda-se e entrava decidida no mundinho considerado masculino, cantando sobre o que desse na telha; de menstruação a menopausa, de trepada a orgasmo".[125] Com álbuns que se tornaram um marco na sexualidade brasileira, Rita Lee foi responsável pela educação sexual do período. Em entrevista à Revista Rolling Stones, Tom Zé fala sobre Rita Lee.

> Sua intuição sempre lhe disse que o humor e a alegria eram armas mais eficientes contra a ditadura do que qualquer pose de rock experimental. Uma vez decidido esse caminho, ela teve a habilidade de mulher que é bem trepada. Mulher que é bem trepada lava a roupa sorrindo. Uma Rita bem trepada em um país que vive na mão de ditadores lava a política com um humor fino e cortante e resulta em uma música gostosa de cantar. A geração que chegou aos 13 anos no final dos anos 70 talvez seja uma das mais felizes: eles não viveram os horrores da ditadura, mas logo na saída pegaram essa artista reagindo àquele horror. O produto da reação tornou-se a música que essas criaturas passaram a ouvir nos shows, dançar nos bailinhos, a fonte daquela liberdade sexual.[126]

Inspirando diversas gerações, Rita Lee se tornou símbolo de liberdade, de expressão, de corpo e força diante o período conservador em que viveu. Apesar do passar dos anos, sua rebeldia seguiu firme e sem perder a pose "porralouca", em seu último show antes de aposentar-se das apresentações, Rita Lee abaixa a calça e mostra para o público.

> O gesto seguiu-se a um discurso genérico contra o mensalão – esquema de pagamento de quantias a parlamentares. Rita criticou "essa coisa de mensalão", elogiou o ministro do STF Joaquim Barbosa, relator do processo, e protagonizou a cena de nudez para um público calculado em 25 mil pessoas.

---

[124] "Não nasci para casar e lavar cuecas". Depoimento de Rita Lee em entrevista para a Revista Rolling Stones. 2008. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/edicao/15/nao-nasci-para-casar-e-lavar-cuecas-revela-rita-lee/>

[125] Rita Lee relembra suas músicas que foram censuradas na ditadura. Jornal Estadão. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,em-novo-livro-rita-lee-relembra-suas-musicas-que-foram-censuradas-na-ditadura,70002343713>

[126] Depoimento de Tom Zé sobre Rita Lee em entrevista para a Revista Rolling Stones. 2008. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/edicao/15/nao-nasci-para-casar-e-lavar-cuecas-revela-rita-lee/>

> Lee voltou à ativa. Ressurgiu no noticiário. Assim como na despedida, deve os holofotes a um desempenho além da música.[127]

Ousada. Subversiva. Rock'n'roll, como sempre foi, revela este ato como uma rebeldia, naturalizando o corpo nu e afirmando que mostrar a bunda no palco é um ator de amor[128]. Mantendo o seu espírito rebelde e indo contra a moral e os bons costumes, podemos destacar essa ação como uma forma de afrontar o seu público, desconsiderando regras e reafirmando sua imagem transgressora dentro da sua performance artística.

Assim, em entrevista à Revista Marie, Rita Lee destaca: "Mostrar a bunda é normal. Envelhecer é que é tabu. A gente se sente desconfortável dentro do próprio corpo e ninguém avisou que seria assim". Destaca, dessa forma, a atenção à idade já avançada que lhe trouxe reflexões sobre si, abordando com naturalidade as marcas do tempo.

> É o meu processo de envelhecer com dignidade, ver os pontos bons, afastar mágoas que tinha comigo mesma. Então, estou aqui, tem umas pelanquinhas, umas rugas, mas estou bem. Tem uma hora que ou você entra na sala de espera da morte ou vê a vida de forma mais leve. Resolvi torcer a favor, mas preciso me policiar. Não sou suicida, mas tenho um lado autodestrutivo.[129]

Agora com seus 75 anos de idade, afastada dos palcos desde 2012, Rita Lee, a eterna mutante vive uma vida menos agitada. Isolada com sua família e seus bichos, dedica grande parte do tempo a cuidar de sua horta e afazeres domésticos. Para quem viveu uma vida agitada, Rita Lee curte sua velhice com tranquilidade, aceitando e assumindo a idade avançada com orgulho do que viveu.

> Tudo muda o tempo todo. Já fui loira, já foi ruiva - que era um sol na cabeça - e agora tem uma lua comigo. Sinto também um vetor da vida que transforma o desejo. Já transei pra caramba e, agora, tenho mais "tesão na alma". Um prazer que é despertado por um livro, meditação, quando tempo me comunicar telepaticamente com irmãos das estrelas, com meus rituais espirituais... Então, mude! Já que não tem jeito mesmo, abrace a mudança.[130]

---

[127] Reporter Nordeste. **Rita Lee mostra bunda em show em Brasília**. Disponível em: <https://reporternordeste.com.br/rita-lee-mostra-bunda-em-show-em-brasilia/>

[128] G1, Globo. **Cantora Rita Lee abaixa a calça em show no Distrito Federal** Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/11/cantora-rita-lee-abaixa-calca-em-show-no-distrito-federal.html>

[129] Revista Marie. **Mostrar a bunda é normal, envelhecer que é tabu.** Disponível em: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/blogs/notas-omg/mostrar-bunda-%C3%A9-normal-envelhecer-%C3%A9-que-%C3%A9-190021681.html>

[130] Rita Lee fala sobre libido aos 73 anos. Entrevista para o jornal O Globo. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/em-rara-entrevista-rita-lee-fala-sobre-libido-aos-73-anos-tenho-mais-prazer naalma.com>

Lançada no ano de 2021, a música *Change* composta por Rita Lee, mistura versos em inglês e francês, falando justamente sobre mudança. "Mudar, mudar, mudar... nem que seja pra pior". Como uma eterna ovelha negra e mutante, Rita Lee viveu intensamente sua infância, adolescência e a fase adulta, agora já idosa vive uma vida tranquila. Afastada dos palcos, mas nunca da música, continua compondo e pretende lançar novas canções. Assim como mencionado por Dapieve, no Dicionário da Música Popular Brasileira, Rita Lee assume um lugar considerado improvável e assume de frente uma postura contestatória em relação aos padrões, alcançando assim grande sucesso dentro do movimento do rock.

> Era uma vez uma menina brasileira improvável – nome americano, olhos claros, sardas, cabelos cor de milho –, fazendo música brasileira improvável – rock 'n' roll, música clássica, bolero, solo de tampinha de Coca-Cola. Ainda mais improvável: deu tudo certo, tão certo que Rita Lee Jones foi primeiro sucesso de crítica, depois de público. Não deixa de ser irônico e injusto que as coisas tenham acontecido precisamente nestes termos, "primeiro" e "depois". Rita teria sido consagrada mãe do robusto roque brasileiro – com todas as infinitas possibilidades do abrasileiramento da palavra "rock" –, se justamente no momento de maior afirmação do gênero no país, os anos 80, ela não estivesse nadando em outra praia. Como estava, ficou relegada à categoria das tias-sobre-as-quais-não-se-gosta-de-falar.[131]

Diante disso, de acordo com Albim, Rita Lee com variações de sons e ritmos, seria considerada a rainha do rock brasileiro diante suas atitudes consideradas rebeldes e ao fazer rock em um tempo que este lugar era completamente masculinizado, mas devido suas mudanças de ritmo, apostando em melodias que se aproximavam mais do pop romântico e compondo a abertura de diversas novelas na Rede Globo, Rita teria perdido esse posto, assumindo um lugar à margem.

Descartando o título de "rainha do rock", em entrevista à Revista Rolling Stones, Rita Lee comenta que considera esse título cafona, afirmando preferir o termo "padroeira da liberdade", sendo considerada uma grande influência à fuga dos padrões que eram impostos às mulheres.

> **Rolling Stone Brasil:** Você podia imaginar que seria cultuada numa espécie de "santa padroeira da liberdade"?
> **Rita Lee:** Gosto mais de ser chamada de 'padroeira da liberdade' do que 'rainha do rock', que acho um tanto cafona…
> **Rolling Stone Brasil:** Você já afirmou que essa é sua primeira encarnação como mulher. E você já veio como uma inspiração para todas, com desacato, indagações, músicas muito à frente do tempo... Está curtindo ser mulher nessa passagem pela Terra?

[131] DAPIEVE, Artur. Rita Lee em Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/rita-lee/critica.>

> **Rita Lee:** Não poderia ser diferente, o mundo feminino é muito interessante, complexo e louco. Temos conquistas pela frente e aos poucos vamos tomando o poder a que temos direito. Se for para reencarnar novamente aqui na Terra vou querer ser mulher, caso contrário vou nascer hermafrodita num lugar onde não haja preconceito nem políticos escrotos.[132]

Assim, diante uma sociedade conservadora, Rita Lee destacou-se com seus comportamentos transgressores e composições que abordavam o universo feminino, tornando-se uma figura destoante dos moldes que reservavam às mulheres apenas o ambiente doméstico. Sendo assim, destaca-se diante da representação simbólica da segunda onda do movimento feminista que perpassava pelas lutas que giravam em torno do corpo e da sexualidade feminina.

[132] Revista Rolling Stone. Rita Lee: "**Gosto mais de 'padroeira da liberdade' do que 'rainha do rock', que acho um tanto cafona.** 2022. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/musica/rita-lee-gosto-mais-de-padroeira-da-liberdade-do-que-rainha-do-rock-que-acho-um-tanto cafona.>

3 - RITA JEEP: AS PARCERIAS MUSICAIS DE RITA LEE

> *Além de ser veículo para uma boa ideia, a canção (e a música popular como um todo) também ajuda a pensar a sociedade e a história. A música não é apenas "boa para ouvir", mas também é "boa para pensar". O desafio básico de todo pesquisador que se propõe a pensar a música popular, do crítico mais ranzinza até o mais indulgente "fã-pesquisador", é sistematizar uma abordagem que faça jus a estas duas facetas da experiência musical.*[133]

A música, quase sempre presente nas relações sociais, é uma expressão artística que envolve e impacta a todos. Mais do que a combinação de sons e ritmos, a música também carrega em si diversos significados que são explorados a partir do contexto em que foram produzidos, assumindo um lugar privilegiado ao abordar as questões sociais atuantes. Assim, a música deixa de ser apenas um instrumento para ouvir e passa a ser também um meio de se pensar e refletir as representações sociais.

A música popular brasileira destaca-se mundialmente apresentando variedade tanto em seus estilos como em suas letras. Mais do que seus sons contagiantes, a música popular brasileira traz consigo também letras marcantes que vão além da poesia, assim as relações entre História e Música se fazem necessárias. Dessa forma, neste tópico, serão analisadas as configurações históricas, sociais, políticas e culturais da sociedade brasileira a partir do movimento tropicalista no qual, Rita Lee está inserida, além de destacar as parcerias musicais que fez ao longo de sua vida, destacando assim, que estar acompanhada faz parte de sua subjetividade que exclama também uma expressão do ser de parte da juventude de seu tempo que diante a forte repressão sofrida nesse contexto, buscavam uma saída alternativa.

3.1 Música, sociedade e cultura no Brasil: o tropicalismo de Rita Lee

A partir dos anos 1950, a música passou a ser uma forma de identidade, sendo dividida em seus grupos de acordo com as aproximações estéticas musicais. Dessa forma, era possível diferenciar uns dos outros através do som, do ritmo e das letras. Sendo o samba um dos destaques nacionais, cada um possuía o seu estilo próprio e fazia toda a diferença saber se

[133] NAPOLITANO, Marcos. **História e música**: história cultural da música popular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

o samba era de morro, de carnaval, de breque ou samba-canção, pois dependendo do samba era possível identificar também os seus representantes.

Já no ano de 1958, quem ganhou destaque e conquistou o publico foi a Bossa Nova[134] sendo um estilo musical que não se limitava apenas aos seus discos como também viraram referência no corte de cabelo e nas gírias que utilizavam. Dessa forma, essa característica também se estendeu aos demais movimentos que se seguiram, com a Jovem Guarda inspirada no rock estrangeiro, o MPB com suas canções de protesto e o Tropicalismo com a mistura dos dois movimentos.

Nesse sentido, sendo a década de 1960 um período de turbulências e revoluções no Brasil e no mundo, ocorreram grandes mudanças tanto no campo político como no campo cultural e social. Um desses marcos foi no ano de 1964, quando foi instaurado um golpe militar no país, marcado pela violência e repreensão popular. Com os militares no poder a ação partia de uma vertente autoritária contra todos aqueles que contestasse o regime de forma direta, esses eram considerados subversivos e lutavam contra o sistema. Assim, no ano de 1968, a partir dessas medidas de controle, faziam parte a vigilância aos que eram contra o regime ditatotial, além da censura, torturta e prisões ilegais.

Nesse contexto, no final dos anos 1960 surgiram nos Estados Unidos diversos movimentos contrários aos governos autoritários tendo seu ápice em 1968 com os movimentos estudantis que ocupavam as ruas lutando por seus direitos e contestando a sociedade vigente, diante disso, o crescimento de diversos outros movimentos a favor da causa das minorias ganharam destaque. Entre eles, podemos destacar os movimentos pelos negros (black power) em busca de valorização da cultura negra social e politicamente, além dos movimentos pelos gays (gay power) discutindo sua causa identidária em busca de visibilidade e também o movimento pela igualdade de gênero (women's lib), que questionava as imposições de gênero dentro de uma sociedade conservadora.

No campo artístico, tínhamos de um lado o surgimento da Música Popular Brasileira (MPB) inaugurada por Elis Regina[135], que interpretou *Arrastão,* de Vinícius de Moraes e Edu Lobo, sendo consolidada pelo Festival de Música Popular Brasileira da TV Record e do

---

[134] Além de João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes foram figuras essenciais para o desenvolvimento desse novo estilo de música que despontava no cenário cultural brasileiro. Além deles, outros músicos e compositores aderiram ao estilo da Bossa Nova, a saber: Dorival Caymmi, Edu Lobo,Francis Hime, Marcus Valle, Paulo Valle, Carlos Lyra, Nara Leão, Baden Powell, Nelson Motta, WilsonSimonal, dentre outros. Fonte: <https://onorte.net/cultura/bossa-nova-o-presente-do-poeta-ao-mundo-1.491048.>

[135] Em 36 anos de vida, a cantora gravou 27 LPs, 14 compactos simples e seis duplos. Um total de quatromilhões de cópias vendidas. Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/elis-regina-ditadura-e-lula.>

rock que ganhou destaque no Brasil nos anos 1960 com a Jovem Guarda de Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa.

O movimento MPB, composto por artistas como Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Raul Seixas e Geraldo Vandré, tinha como principal característica suas músicas de protesto, que tinham o objetivo de chamar a atenção das pessoas para os problemas sociais, políticos e econômicos provocados pela ditadura militar.

> Na canção dos anos de chumbo, a expressão que predominou foi a de uma espécie de contraviolência simbólica da sociedade civil ante o terror de estado, operação que se traduzia na sublimação poética do medo e na manutenção da palavra e da expressão lírico-subjetiva em circulação numa sociedade ameaçada pelo silêncio da censura e pela voz hegemônica do poder autoritário. Naqueles anos, ouvir uma canção, ainda que nos limites de um espaço privado, poderia ser um ato de consciência cívica e crítica, por meio do qual se realizava uma espécie de ritual de pertencimento à parte crítica da sociedade civil e negação dos valores inculcados pelo regime.[136]

Entre essas músicas se destacaram *Cálice* lançada por Chico Buarque no ano de 1973 que nos trechos "Pai, afasta de mim esse cálice/De vinho tinto de sangue/ Como é difícil acordar calado/ Se na calada da noite eu me dano/ Quero lançar um grito desumano/ Que é uma maneirade ser escutado/ Esse silêncio todo me atordoa"[137] fazia uma alusão a uma oração como forma deprotestar a imposição do silêncio pelos militares, assim para burlar a censura fez em sua composição uma associação entre as palavras "cálice" e "cale-se".

Outra música que também se destacou nesse período de ditadura militar foi "*Pra não dizer que não falei das flores"* composição lançada em 1968 por Geraldo Vandré que nos trechos "Há soldados armados / Amados ou não / Quase todos perdidos / De armas na mão / Nos quartéis lhes ensinam / Uma antiga lição: De morrer pela pátria / E viver sem razão"[138] criticava o governo autoritário e incitava o público à revolta contra a repressão da ditadura militar.

Enquanto a MPB se destaca com suas músicas de protesto, por outro lado surgia o movimento da Jovem Guarda, que foi influenciado pelo rock britânico e norte-americano. Diferente das músicas de MPB, suas composições se distanciavam das causas políticas e abordavam temas como a juventude, o amor e suas desilusões. Esse movimento, também conhecido como *Iê, iê, iê,* influenciou a maneira de vestir e de se comportar daquela geração. Na moda, para as mulheres o uso da minissaia, das calças cigarette e cabelos compridos com

[136] NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). **Estudos avançados**, v. 24, p. 389-402, 2010.
[137] Trecho da canção "Cálice" lançada no ano de 1973.
[138] Trecho da canção "Pra não dizer que não falei das flores" lançada no ano de 1968.

penteados ganhou destaque. Já na moda masculina, usavam-se paletós sem colarinho, cabelo de franjão, gravataslargas e botinas.

Imagem 14: Wanderléa, Erasmo e Roberto Carlos: o trio de apresentadores da Jovem Guarda.



Fonte: http://estilosasefashionistas.blogspot.com/2015/12/os-50-anos-da-jovem guarda-parte-2-50th.htm

No final dos anos 1950, o rock se consolidava por todo o mundo, dessa forma a expansão da Jovem Guarda no Brasil sofreu grande influência do rock estrangeiro desde o novo estilo musical com a tradução de suas músicas como o modo de se comportar. A Jovem Guarda ficou conhecida não somente por suas músicas dançantes como também pela ousadia dos seus visuaismarcados pelo uso de muitos acessórios e de cores vibrantes em suas roupas. Na imagem acima, podemos destacar o uso de acessórios que se tornam populares entre os jovens. Com suas roupas extravagantes e cabelos fashionistas, tornaram-se um símbolo nos contextos da moda entre os jovens.

Mesmo com todo o sucesso da Jovem Guarda entre os jovens, um espaço se abriu para o surgimento de um movimento baseado tanto nos protestos políticos, como no experimentalismo e na poesia – o tropicalismo. Artistas como Torquato Neto, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé e Os Mutantes fizeram parte desse movimento, que fugia da crítica direta à política (característica marcante da MPB) e apostava em um som mais elétrico, sendo

influenciado pelo rock psicodélico, que dominava a década de 1970. Dessa forma, é possível destacar que,

> O rock em particular, tem como característica suas letras de protesto, e é vivido como uma filosofia de vida pelos seusadeptos, não tem compromisso com as verdades moralizantes e os comportamentos conformadores sociais. No caso brasileiro, o movimento musical como protesto traz letras que reverberam ascondições sociais, os sentimentos subjetivos humanos frente aos comportamentos sociais tidos como aceitos, entre outras temáticas. Dentre estas, encontramos as indagações sobre os efeitos televisivos e das ideologias, das quais a mídia está impregnada, nos sujeitos e nas suas maneiras de ser e pensar.[139]

Nesse sentido, o movimento tropicalista revolucionou a música nacional, sendo composto tanto pelas tradições da Bossa Nova, como pela inovação de suas letras carregadas da força do movimento do rock no Brasil e no mundo. Diante disso, o Tropicalismo começa a sugerir uma preocupação com o *aqui e agora*, começa a pensar a necessidade de revolucionar o corpo e o comportamento, rompendo com o tom grave e a falta de flexibilidade da prática política vigente.[140]

O disco que deu início ao movimento tropicalista foi o *Panis et Circenses*, reunindo canções de diversos artistas. Tinha o objetivo de oferecer uma variedade sensorial inspirada na união entre a música popular e a música erudita brasileira. Trazendo inovações sonoras e estéticas, o movimento Tropicalista marcou um período de revolução cultural. Na capa do álbum, podemos destacar a presença de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Gal Costa, os Mutantes (Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sergio Dias), Torquato Neto e Rogério Duprat.

---

[139] GONÇALVES, Francielle Sthefane Bruschi Cordeiro. Uma análise das letras do rock nacional e seu potencial educativo. In: ASSIS, Ana Cláudia; et al. Música e História: desafios da prática interdisciplinar. In: BUDASZ, Rogério (Org.). **Pesquisa em música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas.** Vol. 1. Goiânia: ANPPOM, 2009, p. 05-39.

[140] HOLLANDA. Heloísa Buarque de**. Impressões de Viagem:** CPC, Vanguarda e desbunde. 1960/1970. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2004.

Imagem 15: Capa do albúm Tropicália ou Panis et Circensis em 1968



Fonte: https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2018/08/07/tropicalia-ou-panis-et-circencis-completa-50-anos-conheca-os-bastidores-do-disco.ghtml

Diante disso, as canções tropicalistas enfrentavam o governo militar autoritário atuante no momento de seu surgimento, estes usavam de suas influências no comportamento transgressor, na maneira de pensar e se vestir e também inovou com suas composições cheias de poesia, destacando-se dessa forma, grandes poetas como Torquato Neto e Oswaldo de Andrade.[141] Assim, mais do que uma mudança estética, os movimentos musicais também foram responsáveis por propagar ideais de liberdade e por defenderem a democracia, na qual, muitos artistas e intelectuais estavam atuantes não somente no palco como também nas ruas.

Na foto abaixo, pode-se observar alguns desses artistas e intelectuais presentes na passeata dos 100 Mil no ano de 1968. Da esquerda para direita, Torquato Neto, Nana Caymmi e Gilberto Gil. Sendo esta uma manifestação popular realizada nas ruas do Centro do Rio de Janeiro, organizada pelo movimento estudantil e estes manifestavam contra os abusos do regime de ditadura militar marcados pela violência e pela censura. Os manifestantes caminharam pelas ruas do centro do Rio, gritando slogans como “Abaixo a ditadura”, “O povo organizado derruba a ditadura”, “Só povo armado derruba a ditadura” e “Libertem

[141] O escritor, ensaísta e dramaturgo Oswald de Andrade foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna de 1922. Seu nome está associado ao modernismo brasileiro, que inspirou os Tropicalistas, tais como o poeta, jornalista, letrista de música popular e experimentador ligado à contracultura Torquato Neto.

nossos presos"[142]

Imagem 16: Torquato Neto, Gilberto Gil e Nana Caymmi na Passeata dos 100 Mil em 1968



Fonte: http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/fotos.php

Nesse contexto, podemos destacar artistas do movimento MPB, com suas canções de protesto e o grupo tropicalista *Os Mutantes*, que faziam uma avaliação crítica da música e de toda cultura nacional, sendo marcados, além disso, pela mistura do rock e demais estilos musicais com suas composições carregadas de criatividade. Dessa forma, juntando à cultura brasileira e à cultura pop, que estava crescente no mundo, as canções do movimento tropicalista sofisticaram o repertório da música popular com o lançamento de discos memoráveis.

> Procurando articular uma nova linguagem da canção a partir da tradição da música popular brasileira e dos elementos que a modernização fornecia, o trabalho dos tropicalistas configurou-se como uma desarticulação das ideologias que, nas diversas áreas artísticas, visavam a interpretar a realidade nacional, sendo objeto de análises variadas musical, literária, sociológica, política. Ao participar de um dos períodos mais criativos da sociedade, os tropicalistas assumiram as contradições da modernização, sem escamotear as ambigüidades implícitas em qualquer tomada de posição[143]

O Tropicalismo, além de seus arranjos estéticos, renovou também a letra de suas músicas aumentando sua complexidade e qualidade ao longo dos anos. As canções retratavam de maneira crítica a situação do país, sem perder a desenvoltura e o ritmo

[142]Memorial da Ditadura. Passeata das Cem mil afrontas Ditadura. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afronta-a-ditadura#card-70>
[143] FAVARETTO, Celso F. **Tropicália:** alegoria, alegria. São Paulo. Ateliê editorial, 1996.

eletrizante do rock. Uma das músicas que marcaram a carreira dos *Mutantes* foi a *"Panis et Circenses",* trazendo àtona provocações sobre o comportamento da sociedade (proposta do movimento) nos versos,

> Eu quis cantar
> Minha canção iluminada de sol
> Soltei os panos sobre os mastros
> no ar
> Soltei os tigres e os leões nos
> quintais
> Mas as pessoas na sala de jantar
> São ocupadas em nascer e morrer.[144]

Nos versos da canção, é possível perceber a associação feita à política do pão e circo, na qual as pessoas, por comodismo, acreditavam que a vida é apenas nascer e morrer. Além disso, esse novo jeito de fazer música tinha como objetivo também provocar euforia e alegria nos jovens ao som do teclado e da guitarra elétrica, fugindo, dessa forma, dos tradicionais banquinhos e violões característicos da MPB. Como destacado por Schibelbein,

> No caso específico do Tropicalismo, essa atenção tanto na letra quanto na música é bastante importante, uma vez que os tropicalistas acreditavam que aexperiência estética vale por si mesma e ela própria já é um instrumento socialrevolucionário. Sendo assim, as melodias, ritmos, arranjos e até mesmo os instrumentos escolhidos, eram imbuídos de um grande significado para o resultado final da canção. Mesclando berimbaus e guitarras, misturando elementos da música erudita, regional, pop, a música sintetizava a ideia de sincretismo do movimento.[145]

Nesse contexto, a ironia e sarcasmo faziam parte das letras dos *Mutantes* e de suas apresentações, assim, ao contrário do movimento MPB, os tropicalistas não apenas criticavam o governo autoritário no período de ditadura militar através de suas letras, como representavama resistência à censura com suas vestimentas ousadas e seus comportamentos no palco, que iam contra a manutenção da moral imposta pelos militares.

Nesse sentido, os primeiros anos de ditadura militar foram marcados também pelo surgimento de festivais de música, sendo considerada a "Era dos Festivais" pelos pesquisadores das linhas de pesquisa de História e Música, sendo um período que vai de 1965 a 1972, estreados pela TV Record e pela TV Globo e que tinham como objetivo divulgar a

---

[144] Trecho da canção *Panis et Circense* de 1968.

[145]SCHIBELBEIN, Ralph. Tropicalismo: uma interpretação do Brasil. **Revista Digital - Buenos Aires.** Ano 14 - Nº 134 – Julho de 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd134/tropicalismo-uma interpretacao-do-brasil.html.>

música brasileira.

Esses festivais marcaram a história da música brasileira devido à grande repercussão que causou, lançando os sucessos dos *Tropicalistas*. Nesse contexto, a banda os *Mutantes* foi convidada por Gilberto Gil a participar do Festival de Música Brasileira da TV Record, no ano de 1967, sendo desafiados a tocarem rock que era considerado um estilo americanizado por possuir o arranjo feito com guitarra elétrica. A música tocada por eles foi"*Domingo no parque"*e como descrito por Rita Lee em sua autobiografia:

> Silêncio na plateia, olhares atentos, o estranhamento se mostrando mais desconfortável à medida que a música seguia. Ouve-se um *búúú* lá do fundão,um jurado faz cara de nojo, uma bolinha de papel é atirada ao palco seguida por outros objetos voadores, alguém grita "fora!", começa um *zum-zum-zum*.[...] Tudo bem que aquilo não foi nenhum Woodstock, mas o primeiro festivalda vida a gente nunca esquece. A primeira vaia, idem [...][146]

Como se pode observar, o público estava acostumado com as músicas de protesto cantadas em voz e violão, mas a mudança de estilo da música brasileira, com um som mais dançante e com letras mais complexas, não foi bem recebida pelo público, o que não os impediu de continuar com a apresentação.

Imagem 17: Depois das vaias, Caetano conquistou o público do festival da Record de 1967com a música "*Alegria, alegria".*



Fonte: http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/fotos.php

[146] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.

A imagem anterior é um registro da apresentação de Caetano Veloso no Festival da Record[147] em 1967, na qual apresentou sua música "Alegria, alegria". Além de Gilberto Gil e *Os Mutantes*, Caetano Veloso se apresentou nesse festival com sua música "Alegria, alegria", acompanhado pelo grupo argentino de rock Beat Boys[148]. Diferente do que se imaginou, apesar de terem recebido vaias no início da apresentação, as músicas ainda foram classificadas, ficandoem segundo e quarto lugar as canções "*Domingo no parque*" e "*Alegria, alegria*" respectivamente.

As duas músicas apresentadas no festival, foram feitas antes mesmo do surgimento do movimento Tropicalista. Com isso, queriam mostrar que para fazer sucesso não precisava abandonar o seu estilo musical de protesto e aderir ao novo movimento, sendo possível assim misturar formas diferentes de composições e foi através da canção "Domingo no Parque" que isto tornou-se viável.

Já a música "Alegria, Alegria" traz uma letra melancólica e reflete a repressão do período militar no Brasil destacados nos trechos "Caminhando contra o vento/ Sem lenço e semdocumento/ No sol de quase dezembro/ Eu vou". Nesse sentido, a música de Caetano faz parteda história do povo brasileiro, já que sua canção leve e alegre, remete ao desejo de busca por liberdade tão esperado naquele período de Ditadura Militar.

[147] Esses festivais eram transmitidos pela televisão, ao vivo, e tinham elevada audiência e prestígio. Eles revelaram músicos e intérpretes que se tornaram ídolos e ícones da música e cultura popular. Além disso, provocavam considerada discussão e opinião pública: debates sobre qual participante ou música favoritos aos prêmios eram frequentes. Seria verdadeiro afirmar - que as emissoras de TV davam alta importância à música popular brasileira, e não somente aos festivais. Inúmeros programas musicais foram criados a partir de 1965, sobretudo pela TV Record, que comandava, através de um contrato exclusivo, boa parte dos músicos, compositores e intérpretes da MPB. Os principais programas de televisão eram os musicais, sendo eles inclusive, que geravam as maiores receitas das emissoras. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2013/CH_02007.pdf

[148] Uma mistura de músicos argentinos e paulistas, Beat Boys tinha entre seus integrantes os argentinos Cacho Valdez (guitarra) e Willy Werdaguer (baixo) e os brasileiros Tony Osanah (vocal e pandeiro), Marcelo (bateria), Toyo (também baixo e teclados) e Daniel (outra guitarra). Ao lado dos Mutantes, dos Baobás e dos Beatniks, o grupo representou a ala mais radical do rock brasileiro, com logotipo do nome, roupas e cabelos sintonizados com o visual e espírito hippie - em parte responsável pelo choque da apresentação de Alegria Alegria no festival. Fonte: http://portal.senhorf.com.br/interna.php2.

Imagem 18: A canção "*Domingo no parque"* de Gilberto Gil ficou em segundo lugar no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record.



Fonte: http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/fotos.php

Anos mais tarde, a banda *Os Mutantes* participou do seu segundo festival, lançado pela TV Globo no teatro da PUC, em São Paulo, a convite dos baianos, Caetano e Gil. A música inscrita por eles foi "Caminhante noturno", com um ritmo mais lento e teatral, além de acompanhar Caetano em "É proibido proibir". Gilberto Gil escolhera cantar "Questão de Ordem" juntamente à banda Beat Boys[149].

[149] Uma mistura de músicos argentinos e paulistas, Beat Boys tinha entre seus integrantes os argentinos Cacho Valdez (guitarra) e Willy Werdaguer (baixo) e os brasileiros Tony Osanah (vocal e pandeiro), Marcelo (bateria), Toyo (também baixo e teclados) e Daniel (outra guitarra). Ao lado dos *Mutantes*, dos *Baobás* e dos *Beatniks*, o grupo representou a ala mais radical do rock brasileiro, com logotipo do nome, roupas e cabelos sintonizados com o visual e espírito hippie - em parte responsável pelo choque da apresentação de Alegria Alegria no festival. Fonte: <http://portal.senhorf.com.br/interna.php?P=222.>

Imagem 19: Caetano, Gil e Mutantes enfrentaram vaias e tomates na plateia do Tuca na apresentação de “É proibido proibir”.



Fonte: http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/fotos.php

Sendo composta por Caetano Veloso, em 1968, a música *É proibido proibir* se destacava, porque era uma manifestação das grandes mudanças culturais que estavam ocorrendo no mundo na década de 1960 contra o conservadorismo e favor da liberdade. Na apresentação realizada no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, Rita Lee foi em busca de vestimentas para os *Mutantes* e com um estilo totalmente atrevido, entrou no palco vestida de noiva, roupa cedida por Leila Diniz, atriz principal da novela da Globo do momento e que revolucionava os padrões femininos na época.

> A criação das roupas é no grupo da Tropicalia um trabalho de equipe . O guarda-roupa de Caetano, Gilberto Gil, Gal Costa, Os Mutantes e Beat Boys para o III FIC custou 3 500 cruzeiros novos. A roupa de plástico de Caetano, que tanta confusão provocou em "É Proibido Proibir", custou apenas 150 cruzeiros novos."A roupa combinava com a música e era diferente", diz Caetano. "Refletindo o brilho das luzes , criava um clima para o som ."Segundo os tropicalistas, como o plástico é coisa da era industrial, Caetano achou oportuno usar colares de macumba como "um lembrete do nosso subdesenvolvimento". Colares, cintos, plumas e outros detalhes de vestimenta são às vezes trocados pelos baianos num sistema de rodízio, rigorosamente disciplinado por Guilherme Araújo. Foi ele quem obrigou Gilberto Gil a deixar crescer a barba e o bigode, a tres meses de regime para emagrecer e a vestir roupas estilo africano. Obrigou também Caetano a cultivar sua cabeleira atual. Para Rita Lee, de Os Mutantes, “uma apresentação é um todo”. Como fazemos uma música que quebra os padrões tradicionais, nossa roupa também terá que representar uma ruptura . Em nós

> isso cola . Se acham que não , imaginem só o Agnaldo Rayol entrando no palco vestido de toureiro, ou a Angela Maria vestida de noiva. [150]

As apresentações ainda eram mal recebidas pelo público e quando Gilberto Gil subiu no palco foi recebido com xingamentos e vaias o que o levou a retirar-se do palco e ser desclassificado. Suas vestimentas, o cabelo black power e seu novo ritmo eletrizante eram recebidos com repúdio pela população. Logo depois, Caetano Veloso entrou no palco acompanhado dos Mutantes e foram igualmente tratados com desrespeito. Rita Lee relata em sua autobiografia:

> A bagunça começou mesmo na apresentação caótica de Gil, algo realmente surreal para os ainda acostumados às bem comportadas músicas-protestos dos Vandrés e suas violas lamentosas. A audácia foi tanta que os xingamentos estridentes obrigaram Gil a se retirar do palco, sendo automaticamente desclassificado [...] Caetano mordido com as vais e solidário à desclassificação de Gil, começa a discursar de improviso sobre nosso fundo musical. A frase mais memorável e que também poderia perfeitamente ser aplicada hoje, foi: "Então é essa a juventude que quer tomar o poder?". Não foi desclassificado, Caetano se retirou do festival. Rock'n'roll na veia.[151]

Apesar dessa rejeição, as pessoas pareciam ser mais receptivas às esquisitices dos Mutantes, sendo eles classificados para o final do Festival e encerrando em sétimo lugar, com grande surpresa. Com sua carreira em ascensão, Rita Lee foi convidada por Tom Zé a apresentar uma de suas músicas de nome "2001" e dessa vez Rita apresentaria sozinha e Os Mutantes tocariam "Dom Quixote" de autoria do grupo.

Nesse mesmo ano, Caetano e Gil também se inscreveram no Festival de Música, já não tinham a intenção de ganhar com suas apresentações, tinham, na verdade, a intenção de questionar a maneira que o festival era produzido. Com duas músicas produzidas para o festival já pertencentes ao grupo, o próximo passo dos *Mutantes* seria lançar o seu segundo álbum já que o primeiro não tinha tido tanto sucesso nas rádios e em 1969 o álbum de mesmo nome do grupo foi lançado.

> A modernização da comunicação e outros meios tecnológicos, a exemplo o sucesso da televisão que fez diminuir o espaço do rádio e alcançou grandes índices de audiência com os festivais da canção, logo mais afetaria aindústria cinematográfica e fonográfica, os consumidores desse recente aparato tecnológico entram em conflito entre o velho e o novo, mas é também a partir dessa crise que emergirão novas identidades, novas relações

---

[150] Revista Realidade. P. 31. Editora Abril.1969. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1969_00034.pdf>

[151] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.

de gênero e uma contracultura.[152]

Diante disso, os festivais acabaram se transformando em um bom espaço para discutir política e com o Tropicalismo no seu auge com suas canções que criticavam o governo militar de forma irônica e sarcástica, os artistas acabaram sendo censurados e os festivais proibidos a fazerem essas exibições.

> A censura introduzia a mais completa incerteza no cotidiano de quem fazia teatro, cinema, música e literatura, pela simples razão de ser arbitrária, imprevisível: o sinal verde podia mudar para vermelho onde e quando menos se esperasse. Não se vetava apenas o que fosse manifestamente indesejável como enunciado político. Mas se vetava tudo aquilo que aos olhos dos militares e de seus aliados civis parecia atentar contra os valores da "civilização cristã ocidental", ameaçada de maneira simultânea e sincronizada pelo movimento comunista internacional e pela chamada revolução nos costumes.[153]

Essa censura aos festivais ocorreu no contexto da dura repreensão na ditatura militar a qualquer posicionamento que fosse contrário ao governo e, no final do ano de 1968, foi implantado pelo governo o Ato Institucional 5, sendo este considerado o mais violento e censurador de todos. Foi nesse contexto que os artistas Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos e exilados devido a essa censura.[154]

Sendo a Ditadura militar repressiva, com o AI 5 todos os veículos de livre circulação foram censurados, desde o jornalismo até as artes. Naquele momento, só seria permitida a divulgação de ideias que fossem a favor do governo militar. Assim, nesse período, foi criada a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP)[155] que seria responsável pela fiscalização das letras de músicas, sendo que a maioria era censurada não somente por suas letras, mas pela dificuldade de entender as composições devido a sua complexidade.

---

[152] NETA, Maria C. M. M; BRITO, F. L. C. B. Ovelha negra: Rita Lee e as experiências contraculturais no Brasil dos anos 1970. In: MOTA, Carlos Alberto de Melo Silva; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco (Orgs.). **Retalhos históricos:** espaços, corpos e cultura: Teresina: Cancioneiro, 2021, p.214.

[153] ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares; WEIS, Luiz. Carro-Zero e Pau-de-Arara: O Cotidiano da Oposição de Classe Média ao Regime Militar. In: NOVAIS, A. (org). **História da Vida Privada no Brasil:** contrastes da Intimidade Contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 319-409.

[154] Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos pela ditadura, em São Paulo, 14 dias depois após o AI-5. entrar em vigor. Foram transferidos para o Rio de Janeiro e soltos dois meses depois, já inocentados das acusações de desrespeito ao hino nacional e a bandeira. Mas ao voltar a Salvador foram novamente presos, submetidos a prisão domiciliar, proibidos de fazer shows e dar entrevistas. Em meados de 1969, os militares disseram que a situação dos dois só poderia ser resolvida com o exílio. Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/presos-ha-45-anos-gil-e-caetano-foram-vitimas-do-ai-5-e-tiveram-que-se-exilar,9b62d3a863c03410VrEgnVCM20000099cceb0aRCRD.ht>

[155] Neste órgão oficial de censura havia uma listagem com as palavras consideradas obscenas que eram proibidas, servindo de orientação aos cortes em nome da moral e dos bons costumes. Houve muita censura moral às canções, na Ditadura Militar. Pois, este tipo de censura era a especialidade da Divisão de Censura de Diversões Públicas, para onde as letras das músicas deviam ser enviadas para análise. Fonte: < https://biblioo.info/censura-musical-no-brasil-de-ontem-e-de-hoje/>

Imagem 20: Liminha, Gil e Os Mutantes defenderam "2001" no festival Record de 1968



Fonte: http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/fotos.php

Juntamente à banda "*Os Mutantes",* Rita Lee reforçou o seu lado subversivo, além da variedade das canções que inovavam a música popular brasileira, as vestimentas que utilizavam, também diziam muito sobre essa nova perspectiva de se expressar. Com figurinos extravagantes, podemos destacar na imagem acima o uso de um vestido de noiva como fantasia por Rita Lee. Sendo o casamento considerado algo sagrado e necessário para a harmonia familiar diante uma sociedade conservadora, os sonhos do amor romântico conduziram muitas mulheres a uma severa sujeição doméstica, na qual, além de ajudar a colocar as mulheres em seu lugar - o lar -, reforçou o compromisso com o machismo ativo e radical da sociedade moderna.[156] Assim, desviculada da imagem de mulher imaculada e utilizando-se da simbologia da noiva que deveria ser pura e virgem, ao usar o vestido de noiva Rita traz em sua imagem a desconstrução da seriedade do casamento utilizando-o como alegoria o que viria a causar incomodo nos mais conservadores.

Com o deboche fazendo parte da atuação dos Mutantes, ainda no final dos anos de 1960, Rita Lee casou-se com Arnaldo Batista. Ao sair de casa para seguir sua carreira musical, Rita fala em entrevista[157] que devido a religiosidade e conservadorismo da mãe, forjou um casamento com seu parceiro de banda. Falso pois teria sido arranjado apenas para justificar o

[156] ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22, p. 70-77, 2002.
[157]TV Mulher - Rita Lee fala sobre o casamento com Arnaldo Baptista e com Roberto de Carvalho. 1980. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oA3P_rJltNk

fato de andar sempre acompanhada de dois marmanjos, mas legítimo pois foi realizado em cartório com toda sua formalidade.

Um ano após o casamento falso, quebrando barreiras e desafiando a moral e os bons costumes, durante a participação da banda Os Mutantes no programa da Hebe Camargo, o trio armou uma cena reafirmando a "maluquice" presente no grupo, na qual, apresentaram a sua certidão de casamento para o público e logo após Rita Lee rasgou e deu de presente para a apresentadora, ato este que se tornaria simbólico e subversivo diante a imagem sagrada da constituição familiar através do casamento.

Imagem 21: Capa do segundo álbum da banda Os Mutantes (Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias).



Fonte: https://www.consultoriadorock.com/2011/05/02/podcast-grandes-nomes-do-rock-17.

Além de seus comportamentos subversivos, Rita Lee juntamente à banda *Os Mutantes*, destacaram-se por suas esquisitices. Com o intuído de romper padrões e chamar atenção para suas performaces, ao longo de sua parceria com a banda, além de suas composições, as capas de seus álbuns também traziam um tom de questinamento e afronta aos conservadorismo do momento.

IMAGEM 22: Capa do disco *A Divina comédia ou Ando meio desligado* de 1970



Fonte:https://portalcbncampinas.com.br/os-mutantes-a-divina-comedia-ou-ando-meio-desligado/.

No terceiro álbum lançado pela banda com o nome de *Divina comédia* ou *Ando meio desligado* no ano de 1970, pode-se observar que *Os Mutantes* mantém a desconstrução da música brasileira, com o uso de instrumentos psicodélicos podemos destacar a influência que o trio sofria do rock estrangeiro com variações entre a musicalidade do jazz e do blues. Em sua capa, destaca-se a utilização de referências à obra *O Inferno de Dante*. Com uma capa de disco sombria e escura, Rita Lee aparece seminua dentro de um caixão, enquanto é observada por Arnaldo Batista e Sergio Dias em uma espécie de culto ao corpo.

IMAGEM 23 : Contra capa do disco *A Divina comédia ou Ando meio desligado* de 1970



Fonte: https://portrasdavitrola.blogspot.com/2012/05

A utilização de “divina comédia” remete-se, portanto, a um estado de psicodelia presente em suas canções. Apresentando uma dualidade e mantendo o bom humor, em sua contracapa é possível observar Arnaldo, Rita e Sérgio deitados em uma cama de casal, aparentemente nus sob os lençóis, enquanto tomam café da manhã. Ao canto da imagem, Dinho Leme, baterista da banda, aparece vestido com o que parece ser um fardamento do exercito nazista representando a censura de maneira descontraída.

Neste cenário, podemos destacar a atuação da banda *Os Mutantes* nas representações de subversão diante de um período de ditadura militar. Estar na cama cercada por dois homens, dando um indicativo de cunho sexual, escandaliza a moral e os bons costumes. Com suas apresentações irreverentes, diante o movimento Tropicalista, *Os Mutantes* atuam em um importante momento de crítica ao regime militar.

Dessa forma, podemos destacar que a música foi uma das áreas da comunicação que mais sofreu com a censura desse período, e é justamente nesse contexto que os movimentos musicais como *Os Mutantes,* juntamente a outros artistas, ganham ainda mais força. Como mencionado por Celso Favaretto,

> Entre 1965 e dezembro de 1968, quando é editado o AI-5, que restringiu de maneira drástica, pela censura e repressão, a liberdade política, cultural e artística, desenvolveu-se uma atividade renovadora nas artes e na cultura nunca vistas anteriormente, através de duas direções prioritárias, mas que frequentemente se imbricavam: de um lado, uma arte de protesto, em que as inovações artísticas em curso submetiam-se antes de tudo às necessidades de conscientização e de mobilização do público face às exigências de resistênciaaos cálculos do regime militar. De outro lado, experimentações de vanguarda, em que o imperativo de renovação das formas, linguagens, processos ecomportamentos eram considerados prioritários, não só em vista da revitalização das artes e da cultura, mas também os modos de entendimento da participação política nas artes.[158]

Nesse sentido, é possível perceber a força dos movimentos musicais no combate ao autoritarismo imposto pela ditatura militar. Assim, a arte se torna uma grande aliada contra a repressão, seja através das canções de protesto, que tinha o objetivo não só de se rebelar contrao governo, como também de levar a informação para a população ou através dos comportamentos transgressores das normas vigentes. Com isso, pode-se destacar que, apesar do movimento ter chegado ao fim, seus ideais de liberdade se mantiveram, dando ênfase para a importância da existência de protestos em busca de uma revolução cultural e social.

3.2 A atuação de Rita Lee a partir de *Os Mutantes*

Os *Mutantes* não venderam muitos discos e nem estavam presentes nas paradas de sucessos das rádios, conquistou grande parte do seu sucesso devido à variedade do seu estilo musical e dos seus figurinos muitas vezes improvisados por Rita Lee. Como destaca Rita Lee:

> Éramos apreciados por nossa esquisitice visual e sonora. Hoje somos considerados *cult*, mas na época ganhamos o apelido brega de "os the brasiliân bítous" (escrito assim mesmo), para orgulho dozmano e um certo constrangimento meu, afinal, ser fã dos Beatles não significava querer ser eles. Por essas e outras começamos a nos desentender, até que rolou a primeira guerra de verdade e *kaput*, a banda acabou.[159]

Os Mutantes gravaram juntos 6 discos[160] e a última apresentação de Rita com *Os Mutantes* aconteceu no FIC (Festival Internacional da Canção), em 1972, no Rio de Janeiro. Em sua autobiografia, Rita Lee revela que a decisão da sua saída da banda *Os Mutantes* foi

[158]FAVARETTO, Celso. **Ainda o tropicalismo**. Jornal da USP, 2016. Acesso em: <http://jornal.usp.br/artigos/ainda-o-tropicalismo/.>
[159] LEE, Rita. 2016, p. 95
[160] Os Mutantes (1968), Tropicália: ou Panis et Circencis (1968), Mutantes (1969), A divina comédia ou Ando meio desligado (1970), Jardim Elétrico (1971) e Mutante e seus cometas no país do bauretz (1972).

tomada sem a sua presença, sendo justificada por Arnaldo: “A gente resolveu que a partir de agora você está fora dos *Mutantes*, porque nós resolvemos seguir a linha progressiva-virtuose[161] e você não tem calibre como instrumentista”[162]. Rita Lee estava então oficialmente fora da banda e declara “Uma escarrada na cara seria menos humilhante. Em vez de me atirar de joelhos e pedindo perdão por ter nascido mulher, fiz a silenciosa elegante”[163]. Dessa forma, entende-se que a sua retirada da banda *Os Mutantes* ocorreu principalmente por ser mulher dentro de um meio masculinizado – o rock, e por ter ganhado destaque dentre os demais membros daquela banda.

A presença marcante de Rita Lee dava à banda uma imagem forte e transgressora, que era a proposta inicial da banda *Os Mutantes* com a expansão do Tropicalismo. Rita Lee se destaca entre o grupo ao assumir uma posição de protagonismo, e apesar do seu lado subversivo, trazia à banda a sutileza da sua voz diante a variação de efeitos sonoros que era uma característica marcante da banda.

> A participação de Rita Lee no grupo foi fundamental para o tom debochado e irônico de tudo o que produziam. Deboche e ironia, aliás, foram essenciais para a postura revolucionária e contestatória que os músicos assumiam no período. Em 1972, no entanto, a cantora deixa de participar do grupo, que pretendia seguir o caminho do rock progressivo, mais centrado na instrumentação do que propriamente no caráter cancional das composições. A música popular brasileira dos anos 60 também foi marcada pela participação feminina, com grandes vozes como as de Elis Regina, Nara Leão, Maria Bethânia e Gal Costa, que se destacaram não apenas pela beleza e talento, mas também pela postura política e de resistência em uma época de ditadura militar no Brasil.
>
> Em resumo, a música popular brasileira nos anos 60 foi um período de grande criatividade e diversidade musical, que influenciou profundamente a cultura brasileira e se tornou um marco na história da música brasileira.Odesfecho da participação de Rita tem como marco o álbum *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida*, assinado apenas por ela, mas produzido por todo o grupo.[164]

Dessa forma, diante de sua saída do grupo, Rita Lee volta a morar com os pais e em seguida daria continuidade à sua carreira solo, com suas músicas eletrizantes que também fariam grande sucesso. Apesar de independente, retonar à casa de seus pais mostra que ainda

---

[161] A expressão "linha progressiva de rock" refere-se a um subgênero específico do rock que é caracterizado por abordagens mais complexas e experimentais, com elementos de música clássica, jazz e outras influências não convencionais. A música progressiva muitas vezes apresenta estruturas longas e elaboradas, técnicas instrumentais avançadas, letras conceituais e uma ênfase na exploração musical e na inovação. A virtuosidade instrumental também desempenha um papel significativo, com os músicos muitas vezes exibindo habilidades técnicas avançadas em seus instrumentos.

[162] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016. p.113.

[163] LEE, Rita. 2016, p. 113.

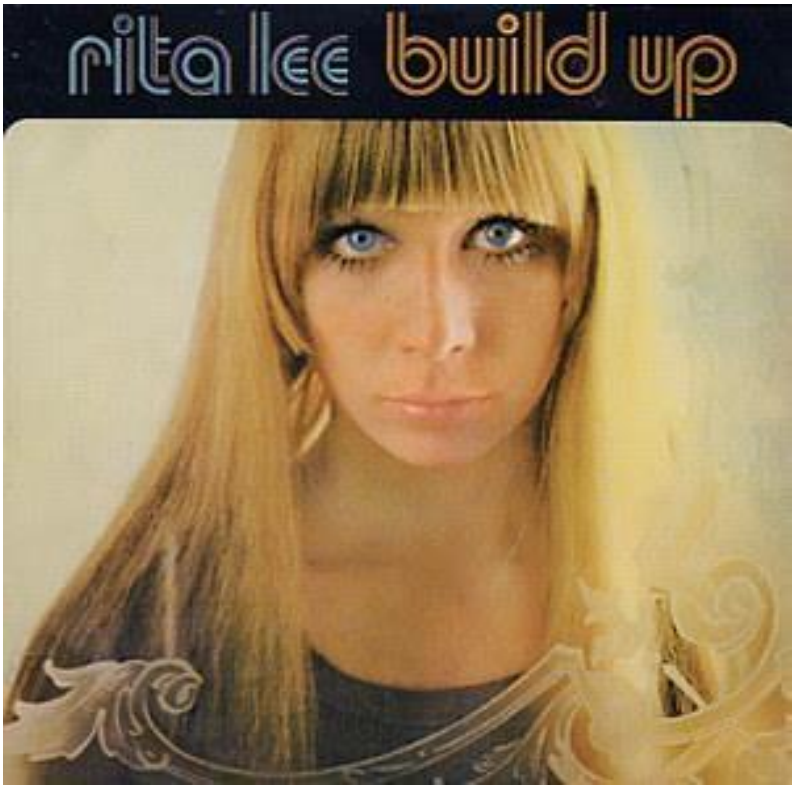
[164] SANTOS, José Antônio Barbosa Alves. **As faces de Eva:** o universo feminino no léxico de Rita Lee. 2013. 102 páginas. Dissertação (Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

que seja vista como rebelde e transgressora, Rita Lee não é tão rebelde assim. Tentando distanciar-se da imagem de garota arrependida que volta a depender dos pais, passa a morar no porão de sua casa.

> Precisava escolher uma desculpa para a família "Resolvi ser freira" ou "Fui estuprada por um et e estou grávida" ou "Danny odeia rock". Por mais que tentasse dar uma risadinha sarcástica ao contar o drama para não doer tanto neles, acabei dizendo a verdade: "Me expulsaram da banda e antes que a solidão me atirasse embaixo de um caminhão, lembrei que vocês talvez pudessem me acolher de volta. Juro que é por pouco tempo". Chesa ficou triste. Charles mal se continha para não aplaudir. O velho casarão, agora vazio das filhas, abraçou a caçula pródiga. Voltar ao meu antigo quarto seria derrota demais, mesmo porque lá já virara um *point* onde Chesa, Balú e Carú assistiam tv, costuravam e fofocavam. Sobrou para mim o fantástico porão, numa freudiana volta ao útero materno.[165]

Paralelamente, à banda *Os Mutantes*, Rita Lee lançou então seu disco *Build Up*[166], com um ritmo mais suave e diferente de tudo aquilo que estava por vir na sua nova carreira como primeira cantora de rock brasileira. Na capa do disco, Rita Lee aparece loira com destaque para seus olhos azuis e sua clássica franjinha no cabelo.

IMAGEM 24: Capa do disco " Build up" lançado no ano de 1970



Fonte: https://www.umusicstore.com/cd-rita-lee-build-up-1970-2192/p

[165] LEE, Rita, 2016. p. 122.
[166] LEE, Rita. **Build up**. São Paulo: Polidor, 1970. 33rpm, sulco, mono.

Com cílios desenhados à mão e olhando de baixo para cima, Rita traz ao mesmo tempo um toque sutil juntamente à firmeza no olhar. Sendo o início de uma nova fase, apesar das dificuldades sofridas logo após a saída da banda, Rita segue firme em sua carreira, estreando posteriormente inclusive um novo visual, na qual, transforma os seus cabelos loiros em um tom de vermelho que acabou por se tornar sua marca registrada.

Sabendo-se que as capas tanto transmitem informações como se traduzem em novos textos ao serem recriadas a partir das relações com os contextos culturais e com outros textos[167], Rita Lee escolhe o nome de seu disco com sabedoria. No inglês a expressão Build up significa "agregar", "acumular", "desenvolver" e utilizando-se de tal expressão, Rita Lee associa desta forma à uma nova fase de sua carreira, na qual teria que lidar com o público em busca de consolidar sua imagem enquanto artista passo a passo. Assim, podemos destacar que,

> O termo significa criar uma imagem para facilitar a assimilação de uma pessoa, produto ou serviço. "Build Up é uma pequena aula de comunicação de massa", replica o encarte. O disco servia de roteiro para o Build Up Eletronic Fashion Show, espetáculo de moda, música e teatro organizado pela Rhodia para a 13ª Feira Nacional da Indústria Têxtil (Fenit). Rita viajaria o país com ele.[168]

Com grande destaque em sua carreira, no ano de 1971, Jorge Ben Jor compôs *Rita Jeep* em sua homenagem, fazendo referência a um carro Jeep que foi herdado do seu pai e a acompanhava em suas aventuras artísticas. Em entrevista para o podcast Papo de Jeepeiro, Rita falou sobre sua paixão pelo veículo que além do simbolo afetivo, também lhe trazia a sensação de força, já que esse não era muito comum o uso dele por mulheres, afirma: "Eu acho que as mulheres com Jeep tem a ver. Não é um simples carro, é um protetor. Qualquer feminista se sentiria maravilhosa dentro de um Jeep. Ele dá um poder de segurança a quem está no volante"[169]. Dessa forma, representando essa identidade feminina, destaca-se nos versos da canção a identificação de Rita Lee com o carro Jeep.

Em 1972, distante da banda *Os Mutantes*, Rita Lee resolveu então ir até Nova York, procurando comprar novos instrumentos, já que com sua saída da banda ela não teria ficado

---

[167] CASADEI, Eliza Bachega; VARGAS, Herom. A representação da masculinidade nas Capas de Disco do Rock Brasileiro da Década de 1960. **ArtCultura Uberlândia**, v. 24, n. 45, p. 112-126, jul.-dez. 2022.

[168] ALVES, Adalto. **A herança roqueira de Rita Lee.** 2013. Disponível em: <https://adaltoalves.wordpress.com/2013/08/20/a-heranca-roqueira-de-rita-lee/>

[169] Entrevista de Rita Lee para o podcast Papo de Jeepeiro. Disponível em: <https://www.pqn.com.br/portal/jeepeira-rocknroll-rita-lee-estreia-a-3a-temporada-do-podcast-papo-de-jeepeiro/>

com nada. Em sua viagem, conseguiu comprar o instrumento e resolveu visitar grandes personalidades da música brasileira que estavam refugiados por lá devido o regime ditatorial presente no Brasil nesse período, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, este último como sempre com grande admiração ao recebê-la. Quando retornou ao Brasil, Rita Lee decidiu então montar um grupo para que participasse de um festival, dando início então as *Cilibrinas do Éden*. Em sua autobiografia, descreve:

> Me veio a cabeça a única groupie talentosa dos tempos mutantescos, uma guitarrista com "munheca de macho", simpática e engraçada, perfeita para dividir o palco comigo, Lúcia Turnbull. Antes mesmo do primeiro ensaio batíamos a dupla de Cilibrinas do Éden, na eterna mania de dar nome à criançaantes de nascer.[170]

A carreira das *Cilibrinas do Éden*[171] teve seu início e fim no ano de 1973, porém ainda no mesmo ano, juntando-se a Lee Marcucci no baixo, Emilson na bateria, Luís Sérgio na guitarrae Ruffino (todos membros da banda Lisergia conhecida por Lúcia), as *Cilibrinas do Éden* deram início a uma nova fase, montando a banda *Tutti Frutti,* que destacou a personalidade forte feminina de Rita Lee, gravando discos como *Fruto Proibido (1975),* que foi considerado pelo grande público um de seus melhores discos como cantora do rock nacional.

De 1974 a 1978, junto com o *Tutti Frutti*, Rita gravou 4 discos[172], sendo pelo menos três (*Fruto Proibido, Entradas e Bandeiras, Babilônia*) um grande marco para o rock brasileiro, discos esses que marcaram sua carreira, percorrendo todo o Brasil com enorme aparato de produção, som, luz e cenografia. Assim, a imagem da Rita Lee como uma cantora de grande força e representatividade do público feminino vem à tona, tornando-se uma Superstar que fazia sucesso entre os adolescentes, principalmente com seu grande sucesso *Ovelha Negra*. Dentre outras músicas, *Esse tal Roquenrou, Fruto proibido, Coisas da vida, Agora só falta você, Coma boca no mundo* também se destacaram e conquistaram o público.

Como se pode observar na foto abaixo, os membros da banda Tutti Frutti herdaram os figurinos coloridos e reciclados que Rita Lee guardava da época que fazia parte da banda *Os*

---

[170] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016. p.123.

[171] As Cilibrinas do Éden foi o nome escolhido para um efêmero conjunto musical formado por Rita Lee e Lúcia Turnbull. Essa banda acabou sendo o embrião do Tutti Frutti, que a acompanhou em seus maiores sucessos. Durante o ano de 1973, a gravadora Philips promoveu o famoso Phono 73 com shows ao vivo com todos os contratados da gravadora na época. Rita Lee apareceu pela primeira vez após sua saída dos mutantes. Fonte: <http://ritaleetuttifrutti.blogspot.com/search/label/CILIBRINAS%20DO%20%C3%89DEN>

[172] Atrás do porto de uma cidade (1974), Fruto Proibido (1975), Rita Lee & Tutti Frutti (compacto, 1976), Entradas e Bandeiras (1976).

Mutantes, vale destacar também que as roupas usadas nos shows eram muitas vezes improvisadas por ela.

> Os meninos dos Fruttis herdaram figurinos coloridos e reciclados do meu baú de Mutas. Lúcia usou um vestidinho cor-de-rosa bem curtinho e, com a guitarra na frente, parecia pelada da cintura para baixo. Eu, fantasiada de Bowie do Terceiro Mundo, num macacão brega dourado com as tais botas prateadas de plataforma que roubei da Biba. Todos pobres, mas limpinhos, todos crentes que o porão do teatro Ruth Escobar era nosso Cavern Club.[173]

Com uma proposta subversiva, os figurinos extravagantes eram uma marca de Rita Lee. Além disso, é possível perceber o destaque de Rita Lee centralizada na foto, relaciona-se assim ao papel central de Rita Lee dentro da banda, já que ela se destacava entre os demais membros. Assumindo a frente do palco, uma das maiores gravadoras da época – PolyGram – convidou Rita para lançar sua carreira solo o que posteriormente foi aceito pela cantora.

Imagem 25: Primeira formação da banda *Tutti Frutti* em 1974 (Luis Sérgio Carlini Lee Marcucci, Emilson Colantonio, Rita Lee e Lúcia Turnbull).



Fonte: http://ritaleetuttifrutti.blogspot.com.br/2011/01/lp-atras-do-porto-tem-uma-cidade-rita.html

Além disso, podemos destacar também que em suas capas de álbuns, Rita Lee traz também uma subversão aos padrões. Na capa acima, os homens aparecem utilizando maquiagem, o que marca uma proposta de reflexão crítica em relação às imposições de

[173] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016. p.130

gênero. Assim, podemos perceber que

> Consumir um álbum é consumir simultaneamente simbologias, mediações culturais e estruturações sociais, pois as capas retiram parte de sua significação da esfera coletiva, daquilo que é culturalmente compartilhado, para gerar novos sentidos. Os discos, portanto, são mediadores simbólicos das relações sociais e dos processos de produção de sentido sobre o mundo.[174]

Dessa forma, podemos destacar que diante a produção de disco, devemos nos atentar não somente em suas canções e sonoridade, como também nas representações simbólicas e imagéticas expostas em suas capas de álbum. Acima, analisando a postura dos integrantes da banda *Tutti Frutti*, destacamos que através da imagem podemos perceber o rompimento com as masculinidades considera padrão, na qual, os homens utilizam-se de acessórios ditos feminos, trazendo à tona também sua apoximação à um movimento de androginia.

Sendo considerado um clássico, o LP Fruto Proibido também tornou-se um grande marco para o rock no Brasil. Repleto de canções sensuais e que se inspiram em mulheres, Rita Lee faz um convite para o deleite do prazer feminino, que sendo considerado tabu, acaba tornando-se um fruto proibido a ser conquistado e degustado como nos versos "comer um fruto que é proibido,você não acha irresistível?"[175], o eu lírico se recusa a negar os prazeres, sendo este considerado um paraíso a ser explorado.

IMAGEM 26: Capa do albúm *"Fruto Proibido"* no ano de 1975.



[174] CASADEI, Eliza Bachega; VARGAS, Herom. 2022. p. 14.
[175] Trecho da música Fruto Proibido lançada em 1975.

Fonte:https://acervo.avozdaserra.com.br/colunas/discopedia/o-rock-e-majestade de-rita-lee

Nesse fruto está escondido o paraíso, o paraíso. Com capa cor de rosa e uma sequência de letras cheias de referências femininas, Rita Lee defende a liberdade de se fazer tudo que queria fazer. À meia luz, com peças de roupas delicadas e cercada de instrumentos musicais, Rita Lee está envolta de mistério e sensualidade. Diante de uma sociedade machista, esse marco desperta ainda mais o seu lado rock'n'roll. Músicas como "Ovelha negra", "Agora só falta você", "Dançar pra não dançar" e "Esse tal de roquenrou" se destacaram no albúm.

> Mais do que um "disquino bacaninha", como sugere a autora, Fruto proibido marcou presença bonito no rock'n'roll Brasil e se tornou um clássico. Um manual de como fazer rock por aqui. É curioso notar que, em um estilo musical e em um país machistas, um lp rosa, cheio de citações femininas (Luz del Fuego, Isadora Duncan...), capitaneado por uma mulher que fazia "tudo o que queria fazer", se tornou a mais completa tradução do rock Brasil. Ela ainda levou as músicas para todo o país.[176]

Diante disso, Rita Lee tornou-se uma grande estrela do rock nacional, quebrando os paradigmas existentes em um país de governo militar autoritário, apresentou-se nos palcos, quebrou regras e cantou suas músicas com personalidade tornando-se uma figura emblemática ao abordar diversos temas do universo feminino em suas canções.

No ano de 1978, após encerrar o período em que era acompanhada pela banda Tutti-Frutti, Rita Lee lança então o seu LP Babilônia. Apesar dos arranjos desse disco serem feitos em parceria com a banda *Tutti Frutti*, o nome da banda já não aparece em destaque. Diferente de sua expressão na capa do álbum Build Up na qual Rita Lee aparece com a cabeça baixa, neste momento de seu retorno aparece na capa com os cabelos ruivos e com uma expressão confiante diante sua carreira já consolidada dentro do meio musical após a saída da banda *Os Mutantes*.

[176] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016

IMAGEM 27: Capa do disco Babilônia, no ano de 1978



Fonte: http://ritaleetuttifrutti.blogspot.com/2011/02/disco-babilonia-rita-lee-tutti-frutti.html

Lançando o álbum *Babilônia,* músicas como *Miss Brasil 2000* e *Jardins da Babilônia,* fizeram bastante sucesso, trazendo hits que foram inclusive temas de novela como *Eu E Meu Gato*, *"O Pulo do Gato"* e *"Agora É Moda"* na novela "Dancin'Days". Sendo um nome de origem hebraica, além de "porta de deus", para os judeus, Babilônia significava também "grande confusão" ou até mesmo podemos associá-lo ao grande monumento construído em sua homenagem "Os Jardins da Babilônia" ligados à arte, literatura e sabedoria, associando-se assim ao momento de sucesso atravessado por Rita Lee. Trazendo marcas de sua nova fase, neste álbum, Rita Lee faz uma mistura de ritmos, com o uso de sonoridades de marchinhas de carnaval, não deixa de lado seu lado rock'n roll, abandonando neste período a marginalidade até então ocupada pela música popular e tirnando-se uma grande estrela pop.[177]

3.3 Contra o Rebanho: a trajetória da carreira solo.

No ano de 1975, Rita Lee resolveu sair da banda *Tutti Frutti*, em conflito com os membros da banda, Rita Lee decidiu seguir com sua carreira solo. Em entrevista a Mayrink, comenta que por ser mulher, assim como ocorreu com a banda *Os Mutantes*, sofria com o machismo dos homens do grupo.

[177] SANTOS, José Antônio Barbosa Alves. **As faces de Eva:** o universo feminino no léxico de Rita Lee. 2013. 102 páginas. Dissertação (Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2013.

> Vocês não entendem nada. São mulheres. Tem duas mulheres no grupo e estão afundando o conjunto! Não existe nenhuma mulher que faça rock". Eu e a Lucinha protestávamos: "Tem, tem. Tem a Janis Joplin!". Aí eles caíam na risada e citavam uma porção de roqueiros homens.
>
> Com os Mutantes era o mesmo processo: ouvir o Yes e discriminar mulher. De jeito nenhum você vai tocar isso. Você vai é botar uma sainha curta, com essas perninhas tão bonitinhas, e tocar seu pandeiro.[178]

Ser mulher e adentrar no meio musical dominado predominantemente por homens possuía seus desafios. Seguindo carreira solo, neste meio musical, no final do mesmo ano, acabou conhecendo Roberto de Carvalho, guitarrista talentoso de Ney Matogrosso que influenciaria bastante os novos rumos da carreira de Rita Lee, envolvendo-se com ela romanticamente e profissionalmente.

Em 1976, Rita Lee, grávida de três meses do seu primeiro filho, foi acusada e presa por porte de maconha em sua casa, na cidade de São Paulo. Durante sua estada na prisão, Rita lembra em sua autobiografia que Elis Regina foi uma das únicas artistas que não se preocupou em está associada ao caso e a visitou neste período por diversas vezes.

Crítica à modernização da música popular brasileira, Elis Regina possuía certa antipatia pelos Tropicalistas e o movimento da Jovem Guarda, liderando, no ano de 1967, a Marcha contra a Guitarra Elétrica, que possuía como objetivo defender a música nacional contra a invasão da música internacional. Sendo considerada um instrumento "americanizado" e utilizado principalmente pelos representantes do movimento "iê,iê,iê", o movimento possuía como slogan "Defender o que é nosso". Diante disto, como resposta a este movimento foi lançado o III Festival Internacional da Canção da Tv Record no mesmo ano, no qual, artistas tais como Caetano Veloso, Gilberto Gil e *Os Mutantes*, apresentaram-se renovando a música popular brasileira através de seus sons e sua psicodelia com o uso inclusive da guitarra elétrica.

Com sua fama de explosiva e polêmica, Elis Regina foi bastante criticada no período por se aliar ao lado conservador da música com a defesa da MPB sem interferências da influência internacional, o que a teria afastado até certo ponto dos novos artistas que surgiam com a inovação musical.

Guardando essa lembrança de distanciamento, para Rita Lee, receber a visita de Elis Regina quando estava presa foi uma surpresa, apesar de terem cruzado caminho diversas vezes pelos bastidores dos festivais, não possuíam afinidade. Dessa forma, Rita Lee lembra em sua autobiografia que Elis não representava uma *person of interest* da ditadura, ao contrário, era

[178] Entrevista de Rita Lee para Geraldo Mayrink. 1980. Disponível em: <https://geraldomayrink.com.br/entrevista/rita-lee-entrevista/>

conhecida como a rainha do Olimpo musical e nenhum generalesco se atrevia a mexer com ela.[179]Defendendo Rita Lee, como se fossem amigas de infância, Elis chegou até a delegacia acompanhada de seu filho João Marcelo e fez um escândalo, ameaçando chamar a imprensa caso não disponibilizassem um médico para Rita que estava grávida.

Passados oito dias detida no DEIC (Departamento Estadual de Investigações Criminais), Rita Lee se apresentou para julgamento e foi condenada a um ano de prisão domiciliar além do pagamento de 50 salários mínimos. Saindo de lá diretamente para a casa dos pais na Vila Mariana, Rita Lee só tinha permissão para sair de 7h às 19h e apesar de ter tido apoio pelas detentas na prisão, seus fãs e outros artistas, comenta em sua autobiografia que viveu momentos de muita tristeza na cadeia, sem saber quando sairia dali. "Se eu não estivesse grávida, acho que não suportaria. Ele me deu muita força, naquele momento de desespero"[180]

Quando Rita Lee foi liberada, uma grande amizade entre ela e Elis iniciou, sendo vizinhas na Cantareira, passaram a frequentar a casa uma da outra, onde, trocavam brincadeiras e afetos. Demostrando seu carinho por Elis, em sua autobiografia, Rita Lee a elogia e lembra com saudades dos momentos que viveram juntas, destacando em uma das páginas uma carta que recebeu de Elis logo após sua prisão.

> Rita querida,
> Foi bom ter te conhecido mais um pouco. Obrigada por tudo.
> Conversei um tanto com Henfil a teu respeito. E a respeito da música que você fez para o Ubaldo[181]. Ele ficou surpreso, primeiro e feliz depois. E puto pela impossibilidade de ela estar sendo cantada.
> Pede que você tente mais uma vez. E que se der, ele gostaria de incluir a música na peça[182].
> Dado os recados. Dois pra lá e dois pra cá.
> Manda (o Henfil, claro) esse "desenho" "como prova de afeto". Uma mão estendida em sinal e à espera de reconciliação.
> Enviado o presente.
> No mais: um beijo no nenê[183], um abraço no companheiro de fé e responsa.
> Um "cheirinho" no cangote.
> Gosto muito de vocês. *Elisabeth Maria.*[184]

---

[179] LEE, Rita. 2016. p. 147.

[180] O Globo. **Rita Lee:** A prisão na ditadura durante a primeira gravidez e a visita de Elis Regina na cadeia. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/rita-lee-prisao-na-ditadura-durante-gravidez-e-visita-de-elis-regina-na-cadeia.html>

[181] Ubaldo, o Paranoico, foi um dos inúmeros personagens criados pelo cartunista brasileiro Henfil. Admirador de Rita Lee, não se furtava a nomeá-la "ritalee, ritaqui" e "representante do imperialismo musical americano". A compositora retribuiu a brincadeira.

[182] Revista do Henfil, peça de 1978 em parceria com Oswaldo Mendes, dirigida por Ademar Guerra e produzida por Ruth Escobar, com músicas de Cláudio Petraglia. Estreou no dia 1º de setembro de 1978 em São Paulo, inaugurando o novo Teatro Galpão/Ruth Escobar.

[183] Beto Lee, o primeiro filho de Rita Lee, que nasceu em 21 de março de 1977. O segundo, João Lee, nasceria em meados em 1979.

[184] Carta de Elis Regina para Rita Lee celando os votos de parceria e amizade. In: LEE, Rita. 2016, p. 226.

Em homenagem a Elis Regina, Rita Lee compôs a música "Doce de pimenta", fazendo referência ao apelido "Pimentinha" que ela havia recebido de Vinícius Moraes devido seu temperamento. Nos versos da canção, Rita Lee eternizou *"Mas quando alguém/ Precisa de um carinho meu/ Não há nada que me prenda/ Mas se eu sentir que um bicho me mordeu/ Sou mais ardida que pimenta!* "[185]. No especial em que a música foi mostrada na Tv Bandeirantes, Rita Lee declarou: "Eu pensei muito em você naquela época em que fiquei presa, a gente se sente super sozinha. E pensei: "se essa é uma pimenta é uma pimenta muito doce! "[186], dando continuidade assim à esta amizade que perdurou até a morte de Elis Regina com 36 anos de idade, no ano de 1982.

Sobre sua prisão no de 1976, Rita Lee afirma em sua autobiografia que a droga que disseram ter encontrado em sua casa teria sido colocada lá de propósito, não passando de armação e autoritarismo militar já que alguns dias antes ela teria testemunhado contra um policial que havia matado um de seus fãs em seu show.[187] A intenção da ação da polícia era passar uma imagem negativa para o público de Rita Lee que desagradava à censura da época ao quebrar regras e incentivar seu público a fazer o mesmo através de suas letras de músicas.

Em entrevista a Revista *Quem* em 2010, Rita Lee falou sobre sua prisão e afirmou ter sido usada como exemplo, seus comportamentos fora do padrão chamavam a atenção. Presa durante a madrugada, Rita Lee foi levada até a delegacia e exibida como se fosse um troféu "o camburão fazia pit-stops por várias delegacias como troféu "olhem só o que temos aqui, a ovelha negra que de tanto dar bandeira acabou entrando".[188]

> O Brasil vivia uma ditadura militar e, ainda que em 1976 o governo já cogitasse a abertura política, as polícias estavam comprometidas com uma guerra declarada a usuários de drogas. Hippies eram tratados como bandidos e, segundo a cantora, ela foi usada de troféu. Até porque Rita simbolizava a liberdade sexual feminina em um período muito conservador do país. Várias de suas músicas foram consideradas eróticas demais e censuradas ou modificadas para não ferir a "moral e os bons costumes".[189]

Após passar 10 dias em um presídio feminino em São Paulo, Rita Lee subiu aos palcos com bom humor, vestindo um uniforme de presidiária apresentou-se na sede social da Sociedade Esportiva Palmeiras diante de oito mil pessoas. Acompanhada de duas policiais

---

[185] Trecho da música "Doce de Pimenta" lançada no ano de 1979.
[186] Elis Regina e Rita Lee cantam: "Doce de Pimenta" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PU2hPq1_sls>
[187] Ibidem, p.151.
[188] LEE, Rita. 2018. p.161.
[189] LEE, Rita. "Na minha época, suruba era cultura". **Revista Quem.** Edição 503 (27/04/2010).

femininas, Rita entrou no palco com toda a recepção de seu público que foi um "inesperado sucesso retumbante. Nada como uma ficha policial para um roqueiro se sair de bacana".

IMAGEM 28: Rita Lee no seu primeiro show pós prisão.



Fonte: https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/rita-lee-prisao-na-ditadura-durante-gravidez-e-visita-de-elis-regina-na-cadeia.html

Somente após sua prisão, Rita falou de sua gravidez para Roberto, ao contrário do que imaginou, ele a acompanhou enquanto esteve presa e no mesmo ano os dois teriam enfim reafirmado sua união, oficializando seu casamento somente no ano de 1996. Sua prisão gerou bastante repercussão na mídia, mas como relatado em sua autobiografia, ter sido presa aumentou ainda mais o seu lado rock'n roll:

> Os shows pós-prisão foram todos sold out. O do ginásio de Palmeiras se tornou o maior público de um show de Rita até então. Cambistas vendiam ingressos a peso de ouro. Ela foi alçada de vez ao posto de maior estrela do rock e sentiu o gosto disso em um show em Ribeirão Preto, na Cava do Bosque: o público invadiu o palco e arrancou até pedaços da roupa dela, que continuou a se apresentar com um sorrisão no rosto e a barriga de gravidez de fora. Sucesso[190]

Nessa época, ao sair da prisão ,Rita Lee lança, em parceria com Paulo Coelho[191], um

[190] Ibidem, p.159.

[191] Paulo Coelho de Souza é escritor, letrista e jornalista brasileiro. Tralhando no ramo musical no ano de 1973 a 1980, compôs diversas músicas de sucesso. Dentre essas composições escreveu músicas junto ao cantor Raul Seixas como "Eu nasci a dez mil anos atrás e Gita". Trabalhou também com a roqueira Rita Lee, com composições

compacto com o hit *Arrombou a Festa*, inspirado na "Festa de Arromba", hit jovenguardiano. A música bem humorada faz uma crítica e escandaliza os bons costumes do MPB.

> [...] Ai, ai, meu Deus, o que foi que aconteceu
> Com a música popular brasileira?
> Todos falam sério, todos eles levam a sério
> Mas esse sério me parece brincadeira.
> O Odair José é o terror das empregadas
> Distribuindo beijos, arranjando namoradas
> Até o Chico Anísio já bateu pra tu batê
> Pois faturar em música é mais fácil que em tevê
> Celly Campello quase foi parar na rua
> Pois esperavam dela mais que um banho de lua
> E o mano Caetano tá pra lá do Teerã
> De olho no sucesso da boutique da irmã [...][192]

Nos anos de 1970, a música brega estava em ascensão e a MPB em crise, passando por grandes mudanças, nas quais as letras de músicas estavam deixando à margem as composiçõescríticas e focando mais no entretenimento. Em sua autobiografia, Rita Lee comenta:

> Num encontro mágico com meu querido Paulo Coelho, surgiu a ideia de um compacto-bomba com uma música para escandalizar de vez os bons costumes da MPB. Entre gargalhadas, compusemos 'Arrombou a festa', inspirada na 'Festa de arromba', hit jovenguardiano. Lembro que parafraseamos várias pérolas que Raul comentava na intimidade sobre artistas brasileiros. Tirando Elis, não poupamos ninguém.[193]

Então, Rita Lee lança a música destacada acima para ironizar alguns cantores da MPB do período, utilizando o próprio conteúdo das letras desses cantores, o que levantou uma grande polêmica entre fãs de MPB.

A gravidez e as polêmicas em que Rita Lee sempre estava envolvida serviram para consolidar ainda mais sua carreira. Nesse período, entre outros acontecimentos, o jovem casal (Rita e Roberto) compõe, em parceria com Nelson Motta[194], a música *Perigosa*, gravada pelas Frenéticas e em 1977 Roberto passa a fazer parte do *Tutti Frutti* e neste mesmo ano, no mês demarço, nasce o primeiro filho do casal, Beto Lee.

---

para o disco "Fruto proibido". Fonte: <http://cantorasueligushi.blogspot.com.br/2011/08/o-lado-compositor-de-paulo-coelho.html>

[192] Trecho retirado da música "Arrombou a festa" (1976).

[193] LEE, Rita, 2016, p.168.

[194] Nascido em São Paulo em 29 de outubro de 1944, Nelson Motta é escritor, letrista, jornalista e produtor musical. Considerado referência em assuntos ligados a história da música popular na formação da sociedade brasileira nos últimos 40 anos. Foi um ativo participante dos principais acontecimentos da história da MPB e hoje ministra palestras sobre o tema.

A partir de 1979, grávida de seu segundo filho (João Lee), Rita Lee e Roberto fizeram vários discos e shows juntos e o sucesso dos dois aumentava. Os dois participaram de diversos festivais, shows e até programas de televisão. Suas músicas conquistaram as rádios e alcançou um grande número de vendas. O primeiro trabalho em disco da dupla foi o álbum *Mania de Você (1979),* que virou um hit e virou nome do álbum, músicas como *Doce Vampiro,Chega Mais, Papai Me Empresta o Carro e Corre-Corre* também fizeram parte dessa fase consolidada e produtiva do casal. Em sua autobiografia, Guilherme Samora[8] comenta,

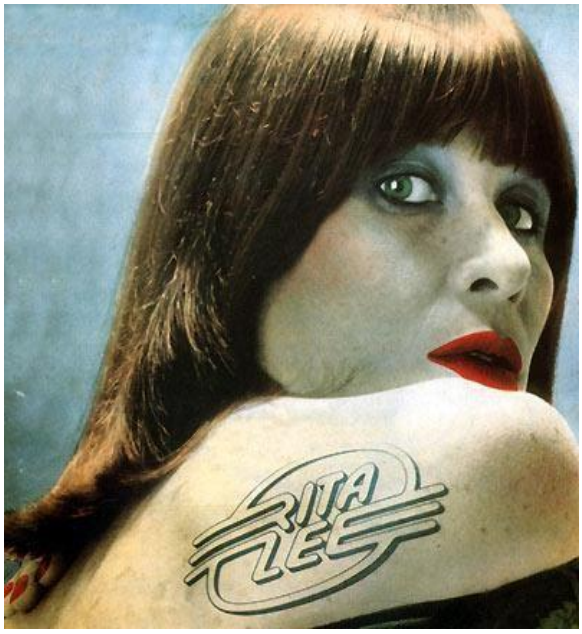
> Com o álbum *Rita Lee (1979)*, os LPS de Rita passaram a vender feito água. Com Roberto de Carvalho, pariu clássicos. O primeiro deles a tomar as rádios é mais do que uma música romântica: "*Mania de você"* traz uma mulher porreta, tomando as rédeas do prazer para si. E numa época em que o prazer feminino era tabu! O sempre era sempre cantado do ponto de vista masculino.[195]

Diante disso, Rita Lee sempre se mostrara uma mulher forte e discutia em suas letras temas impactantes que, ao mesmo tempo em que causou estranhamento, conquistou também o público com suas letras ousadas. Podemos destacar, também, que apesar da subversão ser uma das características principais de Rita Lee, após sua gestação, passou a ser associada a este universo da maternidade.

Assim, além de destacar a ousadia de suas canções, em diversas entrevistas, o foco em sua maternidade era efetivo. Podemos, dessa forma, perceber, no seu primeiro álbum juntamente com Roberto de Carvalho, a representação de duas imagens. Rita Lee era vista das duas formas, por um lado era roqueira, louca e amante do prazer; por outro, destaca-se como a mãe e a esposa.[196]

[195] LEE, Rita. 2016, p. 171.
[196] SANTOS, S. Cristina. **Fruto Proibido:** erotismo e censura em Rita Lee. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. 2019.

Imagem 29: Capa e contra capa do álbum *Rita Lee* 1979





Fonte: https://nerdrecomenda.com.br/rita-lee-mania-de-rita/

Na primeira imagem, podemos destacar que Rita Lee aparece de maneira mais provocativa. Olhando por cima do ombro desnudo, usando batom vermelho, olhos marcados e com a logo do seu disco em sua pele como se fosse uma tatuagem, Rita Lee traz em sua imagem uma sensualidade, que vai de contraste com a segunda imagem que aparece na contra capa do seu disco.

Entendendo a tatuagem como uma desconfiguração dos padrões estéticos, a associação feita com essa arte simboliza uma ruptura com o convecional, partindo da ideia que o uso da tatuagem já é por si considerada subversiva e imprime no corpo a expressão de rebeldia e dominío de si. Assim, podemos destacar que,

> Uma das marcas da contemporaneidade é justamente o corpo à mostra. Ele se torna um corpo mensagem, que cada vez menos passa despercebido. Ele se apresenta como um meio de comunicação e expressão através do qual o sujeito exterioriza seus afetos e interesses. Inscreve-se na pele a própria história, um sentido específico para o momento em que o sujeito a fez. E esse registro se revela, e se desvela, naqueles segundos em que é visto pelos outros.[197]

Diante de uma maquiagem em evidência e corpo à mostra, Rita Lee traz na capa de seu álbum sua personalidade transgressora, na qual destacamos a tatuagem não somente

[197] RODRIGUEZ, Luciana da Silva; CARRETEIRO, Teresa Cristina Othenio Cordeiro. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. **Psicologia & sociedade**, v. 26, p. 746-755, 2014.

como embelezamento mas também como uma forma de culto ao corpo, sendo este utilizado de maneira expressiva para revelar em si a pluralidade de identidades e ir de encontro aos controles estabelecidos por uma sociedade conservadora.

Na sua contra capa, Rita Lee posa ao lado de Roberto de Carvalho, com seu corpo inteiro exibindo sua barriga de gravidez, com um ar mais sutil e associado à maternidade. Assim, é possível perceber essa dualidade entre as duas imagens representativas de Rita Lee, destacando que as duas personalidades estavam presentes na artista, a imagem que no palco apresenta-se como subversiva e rock'n roll e ao lado a figura fraterna e amistosa, enquanto assume sua maternidade.

> Embora a imagem de Rita Lee possa parecer figurar em polos contraditórios, o que ocorre é que essa duplicidade/ multiplicidade de sujeitos serve às exigências de um contexto político-cultural esquizofrênico. Se por um lado o país passava por uma ditadura civil-militar em que um dos principais objetivos era a manutenção de um Estado social e culturalmente conservador, por outro, esse mesmo país passava por um desenvolvimento econômico que trazia consigo importantes transformações socioculturais, dentre as quais estava a emancipação feminina.[198]

Diante dessa dualidade presente na atuação de Rita Lee, podemos destacar também que em suas mãos segura um instrumento musical, contrastando com sua imagem materna, ao elencarmos que uma mulher grávida e inserida no meio musical acaba por se tornar também um meio de subversão. Em alusão à *Clio*, deusa da história, que também carrega um instrumento musical em suas mãos, destacamos o instrumento como a anunciação de um novo tempo, com o qual misticamente seduz quem ouve e através de suas canções elenca novas formas de ser mulher.

Em 1980, Rita Lee lança mais um disco, *Lança Perfume*, que além da música de mesmo nome, se destacaram também *Baila comigo, Caso sério, Bem-me-quer* e *Orra meu*, tornando-se um grande sucesso nesse ano. Sendo a primeira capa que aparece acompanhada após suas parcerias musicais, Rita Lee juntamente com Roberto de Carvalho centralizam a foto do albúm que leva o nome dos dois, em 1982. Casados há 5 anos e com dois filhos, a intimidade existente entre o casal já foi diversas vezes exposta em suas composições desde o início da parceria. Assim, na foto, aparentemente desnudos, revelam ainda mais sua intimidade no que Rita Lee descreve como "dois corpos nus e molhados em um "mar de plástico azul".[199]

---

[198] SANTOS, S. Cristina**. Fruto Proibido:** erotismo e censura em Rita Lee. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. 2019.
[199] LEE, Rita. 2016. p. 202.

Imagem 30: Capa do álbum "Rita Lee e Roberto de Carvalho (1982)



Fonte: http://ritaleedownloads.blogspot.com/2014/01/rita-lee-roberto-de-carvalho-1982.html

Juntamente a Roberto de Carvalho, Rita Lee *"*virou rockarnaval, virou tango,virou bossa, virou pop, virou bolero, virou metal, virou tudo ao mesmo tempo*"*[200] chegando, inclusive, a lembrar *"*Nada mais "mutante" do que desfilar por quaisquer avenidas musicais*"*[201]. As letras de suas músicas traziam uma mensagem, discutiram assuntos importantes que antes eram falados somente por homens. Rita Lee falou de corpo, de romance, de sexo e de prazer e nos seus mais variados estilos e abriu caminhos para uma nova visão do ser mulher.Como mencionado por Santos,

> O período de maior prestígio comercial de Rita Lee se estenderá até a metade da década de 1980. Seus álbuns lançados nesse período atingiram, até hoje, avendagem de cerca de 1.500.000 cópias cada álbum. A divulgação de suas canções, nessa época, foi intensa no rádio e na TV, nessa última por meio das trilhas de novelas da Rede Globo, videoclipes exibidos em programas como oFantástico e concertos musicais televisivos, como o produzido pela série Grandes Nomes (1980), ambos da mesma emissora. Desse modo, são desse período as canções de Rita Lee mais conhecidas e presentes na consciência popular.[202]

Fazendo muito sucesso como uma rockstar brasileira, em 1981, Rita Lee teve seu terceiro filho (Antonio Lee), e sua gravidez não impediu que ela continuasse a apresentar

[200] LEE, Rita 2016, p. 185.
[201] LEE, Rita 2016, p. 177.
[202] SANTOS, José Antônio Barbosa Alves. **As faces de Eva**: o universo feminino no léxico de Rita Lee. 2013. 102 páginas. Dissertação (Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

seus shows e conquistar o público. Em 1986, além do talento nos palcos, Rita também lançou um livro infantil que gerou muitos questionamentos do seu público, "O que uma roqueira que vende milhões de discos vai querer fazer lançando livrinhos para crianças?"[203]

Com isso, Rita abriu caminhos para que artistas considerados "adultos" se aventurassem em livros infantis, conquistando também um grande público infantil. Nessa época, houve a preocupação de Rita Lee com as crianças, exigindo matinês durante toda a turnê de "Babilônia",o que seria um fato inédito para uma artista adulta e do meio rock. Em seus shows matinais, Rita se comprometeu com a censura dos conteúdos de suas letras, já que estas eram mais direcionadas para o público adulto, cortando uma música ou outra consideradas muito fortes para uma criança.

Dando continuidade a seus shows e a sua fama de rebelde, mãe de três filhos e casada com Roberto Carvalho, em 1991, Rita Lee separa-se musicalmente do marido e segue em carreira solo, isso devido ao envolvimento do seu marido com a Banda *Tutti Frutti* e com a mudança de estilo musical.

Nesse mesmo ano, Rita Lee lançou um disco acústico *Bossa'n'roll,* na qual ela fazia releitura de vários sucessos de sua carreira e de outros cantores. Brincando com o título do álbum, Rita destaca a mistura de ritmos com referência à Bossa Nova e o ao rock, reafirmando a sua variedade de estilos musicais assim como a influência estrangeira em suas canções. Rita, apenas na voz e violão, lançou este álbum que inicialmente não agradou tanto o público, mas que logo depois alcançaria o sucesso. Dando continuidade à sua carreira solo, Rita lança em 1993 o álbum *Todas as mulheres do mundo,* que trazia músicas que discutiam várias questões femininas como a menopausa (*Menopower*), masturbação (*Deprê*), maternidade (*Filho meu)* e a força feminina (*Benzadeusa).*

Ao abordar o universo feminino em suas canções, Rita Lee traz à tona as variedades do ser mulher. Na capa do álbum *Todas as mulheres do mundo*, Rita Lee aperece em diversas imagens representando as variações de si mesma. Em tons coloridos, fazendo referência a diversos momentos da sua carreira, Rita Lee se apresenta como uma mulher múltipla, que ao falar de corpo e abordar a sexualidade feminina, subverte o meio musical. Assim, podemos destacar Rita Lee como um importante instrumento da representação feminina. Na música de mesmo nome do álbum, Rita Lee homenageia as variações do ser mulher e meciona ter feito um rock de exaltação sobre bizarrices do universo feminino, e no final uma lista de mulheres

[203] LEE, Rita, 2016, p. 209.

geniais brasileiras, cujo refrão é dedicado a Leila Diniz.[204]

IMAGEM 31: Capa do Disco *Todas as Mulheres do mundo* no ano de 1991



Fonte: http://ritaleedownloads.blogspot.com/2014/01/todas-as-mulheres-do-mundo-1993.html

Rita Lee, desde o começo de sua carreira, destacou-se por ser um grande ícone feminino. Ousada, forte e rebelde, enfrentou muitas críticas ao longo de sua carreira principalmente por ser uma mulher que quebrou muitas regras. Mas sabe-se, portanto, que, como aponta Daniel Brazil, na Revista Música Brasileira (2017),

> A presença nas mulheres na música popular, até meados do século XX, se limitava à função de intérprete. Os compositores nunca prescindiram do timbre feminino, mas também nunca abriram espaço para trabalhos autorais das cantoras. A grande exceção é a pioneira Chiquinha Gonzaga, primeira grande compositora popular e também uma mulher de atitudes que só muito depois seriam chamadas de feministas. Abre Alas, sua canção mais conhecida,parece anunciar que a mulher estava chegando para ocupar seu lugar na MPB.[205]

Desse modo, é possível destacar que nesse período, as participações das mulheres dentro do meio musical eram quase sempre apresentações em *backing vocal* (vocal de apoio), dificilmente tendo uma presença marcante no palco atuando como voz principal, assim a mulher era colocada à margem diante de um público predominantemente masculino entre cantores e/ou compositores.

---

[204] LEE, Rita, 2016, p. 240.

[205] BRAZIL, Daniel. **A mulher protagonista na música brasileira,** 2015. Disponível em: <http://www.revistamusicabrasileira.com.br/homenagens/mulher-protagonista-na-musicabrasileira.>

Mas nem sempre a vida de Rita Lee foi só sucesso, passando sequencialmente por muitos lutos das mortes de pessoas próximas, como a morte de seu pai Charles devido ao alcoolismo, de sua mãe Chesea devido ao câncer de mama e muitos de seus amigos mortos pela AIDS[206]. Rita então relata em sua autobiografia,

> Na minha cabeça passava a leva de amigos queridos que perdi para a aids, como Bellonzi, Martino, Ronaldo Resedá, Auggie & Cliff, Paulo Villaça, Julinho e Denise Barroso, Caio Fernando, Cazuza, Russo. E eu lá vivendo a morte de todos eles. Os coquetéis de downers dessa vez foram acrescentados de vinho potencializando a bomba. A vida inteira Charles me alertou sobre oscasos de alcoolismo nos genes paternos e eu dizia: "Que nada, pai. Odeio gostode birita. Meu negócio é *cannabis* mesmo, não se preocupe". Aquele vinho alemão docinho que mais parecia suco de uva inocente junto com Mandrix dava sensação de paraíso, perfeito para eu tocar a música adiante e engolir o choro. Só que não.[207]

Rita Lee teve uma vida turbulenta e com suas perdas potencializaram ainda mais o usodo álcool e das drogas. Com isso, a tão popular cantora de rock brasileiro sofreu um declínio e entrou num estado depressivo. Devido ao grande consumo de drogas, Rita Lee por muitas vezes foi internada em clínicas, sua rotina era basicamente *"*disco-internação-show-internação-casa-internação"[208], transformando a vida dela como cantora desanimadora.

Depois de tantas internações, Rita também foi diagnosticada com Parkinsonismo Medicamentoso, doença reversível e causada pelo abuso de medicamentos químicos, sendo necessário então passar por um período de desintoxicação, que durou quase um ano. Rita Lee passou por altos e baixos em sua vida, passando de um estado de euforia ao estado de depressão por muitas vezes. Em 2012, em uma entrevista concedida à *Revista Quem*, Rita fala abertamente sobre seu diagnóstico de bipolaridade:

> Descobri isso faz pouco tempo. Tive a vida inteira essa situação de oscilar entre euforia e depressão. Eu sinto que aconteceram situações de estresse emocional em minha vida e não tinha orientação nenhuma. Quando o médico diagnosticou a bipolaridade, eu fiquei tranquila. Falei: 'Finalmente alguém me disse o que eu sou'. As peças encaixam. Pode ser uma coisa muito solitária. Tanto na euforia, quanto na depressão. E a twitterapia me deixa com amiguinhos, é uma companhia"[209]

---

[206] O vírus da AIDS foi um fantasma que assombrou a década de 80. A doença, ainda pouco conhecida, era cercada por preconceito e falta de informação, além de dificuldades no tratamento. No Brasil, onde os primeiros casos foram identificados em 1982, a doença matou, entre outros, o ator Lauro Corona e os cantores Renato Russo e Cazuza. Acesso em: https://www.camara.leg.br/radio/programas/348227-o-virus-da-aids-assombrou-a-decada-de-80-0734/

[207] LEE, Rita, 2016, p. 211.

[208] LEE, Rita, 2016, p. 212.

[209] Trecho retirado de entrevista dada por Rita Lee à *Revista Quem*, em 20/04/2012. Disponível em: <http://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2012/04/20/rita-lee-fala-abertamente-sobre-diagnostico-de-bipolaridade.shtm>

Mesmo diante das diversas polêmicas e dos transtornos passados por ela, Rita Lee sempre se mostrou uma mulher forte e prosseguiu com sua carreira e, em 1996, se torna a primeira mulher a receber o Prêmio Shell[210], pelo conjunto de obra. No ano seguinte, é a artista homenageada do Prêmio Sharp[211] e convidou a homenageada do teatro, Fernanda Montenegro, para cantar sua música de sucesso, *Lança Perfume*.

Em 1998, lança o álbum *Acústico MTV Rita Lee,* fazendo releitura de várias de suas composições com convidados como Milton Nascimento em "Mania de você"; Cássia Eller em"Luz del Fuego"; Paula Toller em "Desculpa o auê"; Titãs em "Papai me empresta o carro"; o bandolim de Armandinho em "Ovelha Negra"; a sanfona de Oswaldinho em "Nem luxo nem lixo"; a regência do maestro Eduardo Souto Neto.

No ano de 2000, Rita Lee lança o seu álbum *3001*, lançando vários hits, como *Erva Venenosa*, *Você Vem e O amor em pedaços.* Neste álbum, Rita explorou bem o rock pesado e o pop rock. O especial *3001* contou com as participações de Caetano Veloso, Zélia Duncan, Paula Toller e Pato Fu, sendo nomeado como "Melhor Disco de Rock", no Grammy Latino de 2001.

Seguindo o astral, em 2001, Rita lança o álbum *Bossa'n'roll,* fazendo uma releitura de muitos sucessos dos Beatles com a tentativa de transformar em bossa o tão famoso rock'n roll. O *Bossa'n' Beatles* acabou fazendo mais sucesso fora do Brasil, levando Rita Lee a se apresentar e fazer alguns shows pela Europa e pelas Américas.

A carreira musical de Rita Lee continuava a todo fervor, compondo e lançando grandes sucessos. Mesmo com seus períodos de crise, Rita sempre fez da música sua prioridade e, no ano de 2003, lançou mais um de seus álbuns de sucessos, o *Balacobaco*, com um repertório novo e parcerias com Zélia Ducan e Tom Zé. Neste álbum, a música que mais fez sucesso e disparou nas rádios foi a *Amor e Sexo.* Como relatado em sua autobiografia, Rita Lee fala sobre a música:

> Li um artigo do Arnaldo Jabor falando sobre as diferenças entre o amor e o sexo e imediatamente entrei em contato pedindo permissão para musicar o texto, acrescentando algumas rimas aqui e acolá, e assim nasceu "Amor e sexo", que emplacou nas rádios e nos deu um disco de ouro.[212]

Como sempre, Rita Lee alcançava grandes públicos em várias cidades do país, mas demorou quase dez anos para lançar o álbum que encerrou sua carreira. Na apresentação que

[210] O Prêmio Shell de Teatro foi criado em 1988, para contemplar, todos os anos, os artistas e espetáculos de melhor desempenho nas temporadas teatrais do Rio de Janeiro e de São Paulo.
[211] O Prêmio Sharp é oferecido pelo Grupo Machline desde 1987, para os melhores nas categorias canção popular, clássico, infantil, instrumental, MPB, pop/rock, regional e samba.
[212]LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016. p. 255.

declarou sua aposentadoria, sem deixar de lado sua personalidade rebelde Rita Lee foi presa por contestar de cima do palco o ataque de alguns policiais violentos que repreendiam seus fãs por estarem usando maconha e relata em sua autobiografia, Rita Lee, reforça que a ação da polícia foi violenta e desnecessária. Em sua defesa, Heloísa Helena, vereadora pelo partido do Psol, se pronunciou afirmando que a ação de Rita foi provocada pelos policiais que circulavam entre seus fãs na frente do palco com o intuito de censurá-los. “A imprensa me crucificou sem perguntar o meu lado da história e absolveu publicamente a polícia”[213]. Assim, acabou dividindo opiniões nas mídias entre sua defesa e a condenação com justificativa de querer causar baderna.

> Segundo o assessor de imprensa da Secretaria de Segurança Pública de Sergipe, Lucas Rosário, que estava presente no show, Rita Lee chamou os policiais de "cachorros" e "filhos da puta". Faltando cerca de 40 minutos para acabar o show, Rita Lee começou a se dirigir aos policiais", disse Lucas.
> Ela dizia que o show era dela e, em um determinado momento, ela disse: “Me dê um baseado para eu fumar aqui em cima”. O assessor ainda contou que a polícia se aproximou do palco formando um cordão, mas que ela só foi abordada após o término do show. Rita Lee foi enquadrada no crime de "desacato e apologia ao crime ou ao criminoso" art. 287 do Código Penal.[214]

Respondendo a isto, Rita Lee foi solta e, coincidentemente, dias depois, a grande estrela do rock nacional lança seu álbum *Reza (2012),* feito em parceria com Roberto de Carvalho e com a música de mesmo nome do álbum,“cuja letra exorcizava a presença nefasta dos diabólicos que vivem entre nós”[215], considerando-a uma música-oração em seus versos que pedem proteção.

Nesse contexto, mesmo depois de sua aposentadoria, Rita Lee ainda fez algumas apresentações comemorativas como a do dia 25 de janeiro de 2013, no aniversário de 459 anos de São Paulo, cidade onde nasceu e que carrega suas memórias boas e ruins de uma vida agitada como cantora, compositora e musicista.

Aposentou-se dos palcos, mas nunca da música, além de ter sido uma grande influência para o seu público, inspirou também os seus três filhos: Roberto, João e Antonio, sendo que apenas dois seguiram o ramo musical. Roberto participou de sua banda como guitarrista e compositor de 1995 a 2013, gravou dois trabalhos solos e ganhou um Grammy Latino de melhor disco de rock, além de atuar como apresentador e entrevistador. João mergulhou na sua musicalidade como DJ e produtor de música eletrônica, tendo se

---

[213] Ibidem. 2016, p. 262.
[214] G1 Globo. Rita Lee é levada à delegacia após show de despedida. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/01/rita-lee-e-levada-a-delegacia-apos-show-de-despedida.html>
[215] Ibidem, 2016, p.262.

apresentado diversas vezes fora do país. Já Antonio seguiu outro rumo, estudou Artes Plásticas e faz exposições de suas telas.

Com isso, muito mais do que cantora e compositora, Rita Lee tornou-se um símbolo feminino e ao deixar os palcos, se descobriu escritora. Além do lançamento de sua autobiografia, no ano de 2016, lançou no ano seguinte *Dropz*, um livro de contos, cheio de críticas, metáforas e ironias. Deixando a vida agitada de lado, hoje, aos 75 anos de idade, Rita Lee leva uma vida sossegada, dedicando grande parte do seu tempo ao cuidado de animais e à horta que cultiva em sua casa.

Assim, Rita Lee soube a hora de parar e que mesmo largando os palcos, ainda faz um grande sucesso com suas músicas até hoje. Em sua autobiografia, Rita conta os detalhes da sua história dos bons aos maus momentos, diz não se arrepender do que viveu e destaca:

> A coisa que eu mais quero é ter a certeza de que meu namorado Rob saiba que por mim foi amado, meus filhos Beto, Juca e Tui os mais bem vindos, a minha neta Ziza a mais aguardada, meus bichos os mais adorados, meus amigos (que conto numa mão só) os mais reconhecidos, minhas gavetas as mais arrumadinhas. A sorte de ter sido quem sou, de estar onde estou, não é nada se comparada ao meu maior gol: sim, acho que fiz um monte de gente feliz[216]

Rita Lee Jones, a eterna ovelha negra, é considerada um ícone do rock brasileiro, com sua personalidade singular e transgressora bateu recordes de vendas de discos. Rita foi uma das únicas cantoras que apesar de seus altos e baixos, nunca saiu das paradas musicais desde os anos de 1960. Como uma mulher empoderada, irônica e autêntica, fez o seu nome pela história da música e afirma ter vivido os seus anos com excelência.

[216]LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016. p. 269.

4 - A OVELHA NEGRA: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA ARTE DE RITA LEE

> *A música é um dos poucos ou quase que único elemento que tem um potencial de descentralizar o lugar da mulher por ela mesma cantada, permitindo a apresentação de sua identidade, frágil ou forte, amada ou desprezada, fiel ou traída, ignorada ou desejada, ou seja, na musica, enquanto que, no seu cotidiano a esfera social era radical quanto a sua liberdade de expressão, nas interpretações as mulheres são admiradas, permitindo-lhes a descobertas de novas experiências.*[217]

Devido a uma concepção criada culturalmente de que as mulheres são seres frágeis, imagina-se que suas composições irão apenas falar de amor, mas ao contrário do que se espera, as letras de músicas compostas por mulheres discutem temas que vão além do clichê amoroso, abordando diversas temáticas, entre elas estão à liberdade sexual feminina, direito sobre o próprio corpo, desconstrução de estereótipos de gênero, entre outros.

Diante disso, as análises das letras das músicas produzidas por Rita Lee, além de sua postura como mulher nos palcos e na sua vida pessoal, se tornam necessárias para melhor compreender sua influência nos questionamentos femininos dos padrões impostos. Assim, lutando por seus direitos sociais e a liberdade do ser e sentir, o movimento feminista tem grande influência na formação de um novo cenário para as mulheres no período de Ditadura Militar, na qual, Rita Lee se destaca com suas composições.

Sendo considerado um período de censura voltado principalmente para o campo das artes de modo geral, a música foi um dos meios que mais sofreu com as imposições dos governos autoritários. Dessa forma, Rita Lee apresenta-se como uma figura destoante diante de um ambiente que valoriza a dita "boa moral" e "bons costumes". Quebrando todas as regras, Rita Lee se destaca por seu comportamento transgressor, sendo considerada um símbolo feminino ao questionar os padrões femininos.

Sendo a década de 1960 um período de turbulências e revoluções no Brasil e no mundo, ocorreram grandes mudanças tanto no campo político como no campo cultural e social. Um desses marcos foi no ano de 1964, quando foi instaurado um golpe militar no país marcado pela violência e repreensão popular. Dessa forma, neste capítulo se indagarão as condições de existir feminina diante das censuras do governo militar e traz uma análise do surgimento dos movimentos feministas que destacaram-se nesse período. Além disso, ressaltamos a importância do estudo da música valorizando não somente suas partes, mas também todo o

[217] SILVA, Wayne Gonçalves. **Mulheres e música no brasil dos anos 1950 e 1960**. 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Wayne_Gon%C3%A7alves_da_Silva.pdf>

contexto social na qual Rita Lee está inserida, buscando pensar acerca das representações e alcances da sua música produzida no cenário musical e cultural do país. Assim, foi realizado também um breve mapeamento das letras de músicas da cantora e compositora Rita Lee, destacando algumas de suas canções que sofreram censura pelo departamento de Divisão de Censura de Diversões Pública, além de suas canções que abordam o universo feminino em diversas perspectivas, em nas suas relações amorosas e/ou sexuais, discutindo também sobre o corpo feminino e as diversas formas de ser mulher.

4.1- Ser mulher no Brasil no período de ditadura militar

Historicamente, baseada nas diferenciações de sexo, a mulher foi subjugada pela figura masculina e colocada à margem da sociedade ao longo dos anos. Dessa forma, as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, são utilizadas como forma de legitimação da dominação masculina definidos pelo patriarcado sem questionar que isto seja considerado dinamicamente efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas[218]

Diante disso, com os avanços nos estudos de gênero, é necessário que o conceito de gênero que apresenta de modo superficial a diferença entre o sexo masculino e o feminino, seja desfeito, pois como abordado por Sohiet, a discussão de gênero vai muito além das características físicas do corpo que diferenciam o sexo masculino e feminino[219], levando-se em conta as influências que o termo sofre em meio social, passando a serem vistos através de uma relação de poder, na qual, acabam colocando o sexo masculino em uma posição de destaque. Nesse contexto, Joan Scott também afirma que

> Gênero recusou a ideia de que a anatomia da mulher era o seu destino insistindo, ao contrário, que os papéis alocados para as mulheres eram convenções sociais, não ditames biológicos. A partir de que a fisiologia genital, raramente, foi invocada para explicar porque os homens fizeram o que fizeram, o sexo/gênero e a distinção natureza/cultura foram um suporte crítico no esforço de conter a discriminação contra as mulheres, sua exclusão dos mundos dos homens[220]

[218] PAWLOSKI, Cristiane. TEIXEIRA, Nincia Cecilia Ribas Borges. O ser mulher na música de Rita Lee: do rosa ao choque. **Conexão – Comunicação e Cultura**. UCS, Caxias do Sul – v. 11, n. 22, jul./dez. 2012.
[219] SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. **Gênero e Ciências Humanas:** desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, p. 95-114, 1997.
[220] SCOTT, Joan W. Usos e abusos do gênero. **Revista do programa de estudos pós-graduados de História**. Vol. 45. 2012. p.7.

Sendo assim, é possível observar que durante muitos anos a História foi narrada a partir de um ponto de vista patriarcal, na qual coloca o homem como o centro de produção do conhecimento e dessa forma, silencia e coloca à margem a história das mulheres, tornando-as submissas física e intelectualmente. Assim, as diferenciações de tratamento entre os sexos é o que evidencia a desigualdade entre eles, com comportamentos padronizados e aceitos dentro de uma dicotomia do que é feminino e masculino, o movimento feminista ganha força reivindicando o direito das mulheres entendendo que o gênero deve ser analisado levando em conta o contexto que está inserido e não somente agrupando e unificando mulheres como um grupo individual.

Sabe-se portanto que o feminismo no Brasil foi dividido em três momentos de acordo com as pautas que cada um deles reinvindicava. A chamada primeira onda teve início ao final do século XIX e início do século XX. Influenciadas pelas reivindicações populares advindas após a Revolução Francesa, as mulheres passaram a ocupar um lugar de luta por seus direitos políticos, sendo uma das causas o direito ao voto e este grupo reconhecido como As sufragistas.

> As *sufragetes* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. [221]

Como mencionado pela autora, diante a luta por direitos políticos com organizações de movimentos e projetos de lei que incluíam a mulher neste meio, o movimento inicial de lutas e protestos perderam a força por volta de 1930[222], ressurgindo com mais evidencia durante os anos de 1960 dando início a uma segunda onda do movimento feminista.

Com a mudança nos processos de industrialização e urbanização, a partir dos anos de 1960, é possível perceber uma mudança significativa na vida das mulheres, reivindicando seus direitos ao estudo, trabalho, participação política efetiva e a liberação do controle de seus corpos. Além de uma participação efetiva na sociedade, as mulheres defendem também suas liberdades afetivas e sexuais tornando-se efetivas em seu modo de agir contrário ao que lhe é imposto.

---

[221] PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 15-23, 2010.
[222] Ibidem, 2010. p.2.

> A rebeldia e a busca por igualdade de direitos e de decisões da juventude da década de 60 (séc. XX) marcam uma mudança no comportamento da mulher, que passa a assumir sua voz num discurso de liberdade e auto- afirmação presente em diferentes manifestações culturais. [223]

Em busca de seus direitos individuais e coletivos, a década de 1960 reserva às mulheres um novo momento social, na qual, já é possível percebê-las fora do ambiente doméstico que lhes era imposto. Ascendendo socialmente, cada vez mais as mulheres começaram a ingressar nas universidades e com esse avanço vieram também o questionamento por seus direitos

> As mulheres da classe dominante, na sua maioria brancas, foram as que se apropriaram mais rapidamente da informação, porque chegaram à universidade, tendo garantido o direito ao saber e ao conhecimento, direito esse não socializado, praticamente, até hoje, às mulheres das classes populares.[224]

É necessário destacar que dentro do discurso dessas mulheres, os modos de agir se diferenciam. O surgimento desses movimentos em busca de autonomia partia de mulheres advindas da classe média, já que a elas o acesso à educação era mais viável, enquanto para outras mulheres de classe mais baixa estavam reservados serviços domésticos como sua principal função. Ainda assim, mesmo com a luta por igualdade de direitos, mesmo as mulheres de classe média que conquistavam esse espaço social, a preocupação com o lar também estava entre suas atribuições.

Nesse contexto, quanto mais as mulheres se afastavam dos serviços domésticos, mais exigências morais recaiam sobre elas. O gerenciamento do seu corpo fora do ambiente familiar, lhe reservavam padrões de conduta e de suas vestimentas. Dessa forma, apesar dos avanços sociais, a participação da mulher no mercado de trabalho ainda era visto com “maus olhos”, mesmo sendo permitido, era considerado uma exceção em grande parte das famílias. Assim, sua renda era vista apenas como um complemento, cabendo ao homem da casa manter o sustento da família. Aproveitando desses discursos, muitas vezes os trabalhos femininos eram negligenciados, oferecendo condições ruins de trabalho e enorme desigualdade salarial.

Diante disso, conquistar o direito ao voto já não é suficiente, as mulheres lutam pelo reconhecimento de sua liberdade e igualdade social, assim para que isso ocorra é necessário quebrar as normas rígidas das sociedades patriarcais. Como resultado disso, pautas como o direito ao aborto, liberdade sexual, o uso de minissaias e o uso de pílulas contraceptivas entram em discussão. Como abordado por Sohiet,

---

[223] PAWLOSKI, TEIXEIRA. 2012. p. 3.
[224] PINSKY, Carla Bassanezi. 2014. p. 18.

> Além das tradicionais reivindicações no tocante à esfera profissional e à igualdade civil, reagem contra modelos idealizados que prescrevem a maternidade compulsória e imposição de beleza e delicadeza como ideais para as mulheres. Nesses movimentos, tornam públicas questões, até então consideradas da intimidade, exigindo o controle do corpo, o direito ao prazer, o reconhecimento da maternidade como uma opção e, consequentemente, o direito ao aborto e à contracepção. Igualmente, reclamam medidas contra a violência aplicada às mulheres, lançando o lema de que o 'privado é político'.[225]

Lutar por essas causas diante de um contexto que recrimina não somente a luta das mulheres, mas tudo aquilo que vai de frente com as imposições militares do período, os movimentos das mulheres tornam-se ainda mais complexos. Apesar da efervescência do movimento feminista no Brasil, essas manifestações só vieram apresentar maior impacto nos anos de 1970, quando essas mulheres ofereciam resistência lutando de frente às imposições ainda mais rigorosas da Ditadura Militar, com o decreto do AI-5.

Nesse contexto, o AI-5 foi considerado os tempos mais sombrios da ditadura militar atuando como uma ferramenta de intimidação pelo medo, sem prazo de vigência e empregado pela ditadura contra a oposição e a discordância[226]. Diante disso, com a legalidade jurídica por parte dos militares, a repressão e o autoritarismo aumentaram consideravelmente. Atigindo os veículos de livre circulação, a censura restringia o jornalismo e as artes em geral, censurando tudo aquilo que fosse contrário ao governo militar.

Dessa forma, podemos destacar que ao longo de nossa história, as mulheres sempre estiveram presentes em movimentos de protesto e mobilização, assim oferecendo também resistência no período de Ditadura Militar, na qual, uniam-se em diversos grupos, comunidades e associações em busca de seus direitos e diante os papéis tradicionais impostos às mulheres, enfrentaram uma árdua batalha em defesa de sua liberdade.

> A presença das mulheres na luta armada, no Brasil dos anos 1960 e 1970, implicava não apenas se insurgir contra a ordem política vigente, mas representou uma profunda transgressão ao que era designado à época como próprio das mulheres. Sem uma proposta feminista deliberada, as militantes negavam o lugar tradicionalmente atribuído à mulher ao assumirem um comportamento sexual que punha em questão a virgindade e a instituição do casamento, 'comportando-se como homens', pegando em armas e tendo êxito nesse comportamento.[227]

---

[225]SOIHET, Rachel. **Feminismos e antifeminismos:** mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p.10.

[226] SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 455.

[227] SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970**:** revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 35-50, 2004.

Enquanto por todo o mundo os movimentos feministas estavam em ascensão, no Brasil, essa conquista foi ainda mais difícil, pois além de lidar com o surgimento de novos movimentos, o país estava imerso em um regime ditatorial. Lutando em busca dos seus direitos, as mulheres participavam de forma efetiva de diversos grupos, alguns a favor do estabelecimento de uma imposição feminina em defesa de sua liberdade e outros mais conservadores contrários a estes movimentos.

> Enquanto na Europa e nos Estados Unidos o cenário era muito propício para o surgimento de movimentos libertários, principalmente aqueles que lutavam por causas identitárias, no Brasil o que tínhamos era um momento de repressão total da luta política legal, obrigando os grupos de esquerda a irem para a clandestinidade e partirem para a guerrilha. [228]

É nesse contexto que surgem os movimentos feministas que lutam não somente por um espaço público e político mas também por uma nova forma de se relacionar entre homens e mulheres visando uma igualdade de tratamentos, além da garantia de sua liberdade e autonomia sob o próprio corpo. Diante o golpe militar nos anos de 1964, no Brasil o movimento de mulheres sofreu séria repressão.

Destacando-se, neste contexto, o surgimento de movimento de mulheres advindas da classe média em defesa dos valores tradicionais e conservadores, que foram de fundamental importância na articulação e apoio ao golpe militar. Diante disso, mesmo sendo minoria, parcela dessas mulheres participou do movimento da Marcha da Família com Deus e pela liberdade, com manifestações públicas no período entre 19 de março de 1964 e 8 de junho do mesmo ano, em defesa da manutenção da moral e bons costumes impostos socialmente no contexto de uma sociedade essencialmente conservadora.

Apesar disso, mesmo sob o forte autoritarismo militar, as mulheres que lutavam em busca dos seus direitos passaram a ocupar espaços políticos e sociais, marcando presença também em movimentos que lutavam contra a carestia que se prolongava nos governos militares.

---

[228] PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 15-23, 2010.

IMAGEM 32: Manifestação protagonizada por mulheres durante a ditadura militar.



Fonte: https://www.portalmulheramazonica.com.br/site/noticia/conheca-a-historia-do-movimento-feminista-no-brasil/

Destacamos, portanto, que uma parcela da classe média brasileira, além do conservadorismo político que lutava contra as instituições consideradas de esquerda, marcaram também a manutenção dos costumes tradicionais contra qualquer tipo de rebeldia por parte da sociedade de modo geral. Dessa forma, neste cenário, os movimentos subversivos tais como a contracultura, destacam-se ao direcionar suas críticas à composição da família tradicional brasileira, além de críticas ao casamento e defesa das liberdades femininas.

> Os movimentos dos anos de 1960, seja na sua expressão mais propriamente política, seja na contracultural, ou mesmo nos modos em que combinaram essas expressividades, tiveram como traço característico a transgressão de padrões de valores estabelecidos. Transgressão não no sentido de uma pura negatividade, ou de uma negação absoluta dos limites estabelecidos, mas de um movimento que os atravessa afirmando novos limites. Em outros termos, um movimento que é de negação de valores estabelecidos mas que na sua face positiva se lança no risco da afirmação de novos valores. [229]

Dessa forma, diante as mudanças reivindicadas pelos movimentos contraculturais, buscava-se não somente a quebra dos padrões estabelecidos como também a formação de uma nova configuração social, na qual, evidenciava uma modificação cultural e estética dos padrões

[229] CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social,** v. 17, n. 2, p. 93-107, 2005.

de comportamento. É neste cenário, por exemplo, que teremos levantamento de discussões acerca de novas formas de se relacionar.

> Novas questões foram colocadas em suas pautas de reivindicações, distintas daquelas de feminismos anteriores, expressando o momento histórico em que estavam inseridas. Em consequência, destacam-se nas agendas feministas novas questões, como as mobilizações contra a demarcação rígida de papéis de gênero, que sobrecarregava as mulheres com a dupla jornada e os cuidados exclusivos com os filhos. As 'políticas do corpo' assumiram caráter significativo, manifestando-se as reivindicações em favor dos direitos de reprodução, buscando-se a plena assunção de seu corpo e de sua sexualidade (aborto, prazer, contracepção) e contra a violência sexual, não mais admitindo que essa fosse uma questão restrita ao privado, cabendo a sua extensão ao público.[230]

Com novas pautas em jogo, o movimento feminista passa a discutir tudo aquilo que tangenciam as causas femininas, podendo perceber dessa forma, preocupações com a participação das mulheres em sociedade questionando os padrões que lhe são impostos em relação a maternidade e o cuidado da família. Essas mulheres reivindicam seu espaço em busca do controle de seus corpos discutindo novas questões que perpassam inclusive sua sexualidade.

Conquistando um espaço público, essas questões passam a ser de interesse coletivo acelerando o processo de modificações do que antes era privado. Relações afetivas, sexuais e familiares passam a ser discutidas por esses movimentos que teve como marca a subversão inclusive com o uso de drogas como forma de uma construção de enfrentamento ao regime conservador e autoritário vigente nesse período.

Diante a luta por emancipação feminina juntamente aos movimentos feministas, as mulheres alcançaram um grau maior de visibilidade. Assim, ganhando destaque no meio político, essas mulheres conquistaram também o cenário cultural, na qual, podemos destacar a evidência de diversas artistas nesse período. Dessa forma, a partir da década de 1960 as mulheres passaram a ocupar espaços que antes lhe eram negados. Dentro do meio musical, artistas como Nara Leão, Gal Costa, Elis Regina, Maria Bethânia e Rita Lee destacaram-se nesse período sendo fundamentais diante as referências culturais femininas.

Iniciando sua carreira juntamente aos músicos de bossa nova, nos anos de 1960, Nara Leão se destacou no cenário musical interpretando canções populares. Inserida na música desde os 15 anos de idade, Nara Leão se formou dentro da bossa nova, mas não se prendeu a um único estilo musical, fazendo parte de diversos movimentos tais como o samba, o tropicalismo e até a jovem guarda.

---

[230] SOIHET, Rachel. **Feminismos e antifeminismos:** mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p.35.

Sendo um grande fenômeno musical, a bossa nova se destaca por seus arranjos minuciosos ganhando grande repercussão nos meios midiáticos. Apesar da sua desenvoltura a partir dos anos de 1950, nos anos seguintes houve uma mudança significativa nas canções que Nara Leão interpretava. Assim, como destacado por Gerolamo:

> O impacto do fenômeno bossa nova no meio musical, sua ampla repercussão nos meios midiáticos e os intensos debates da crítica em torno de suas particularidades contribuíram, de certo modo, para que jornalistas, críticos, compositores, intérpretes e poetas formassem um meio artístico relativamente integrado em torno do "movimento". No início da década de 1960, entretanto, algumas produções sinalizam o surgimento de uma dissidência dentro desse mesmo meio. Numa tentativa de politização e popularização da bossa nova, alguns compositores e intérpretes aderiram a uma postura de engajamento político.[231]

Inicialmente destacando-se com suas músicas românticas que quase sempre relatavam sua relação com o homem amado e consequentemente também seu sofrimento, a partir dos anos de 1960, as interpretações ganharam um novo tom político em resposta ao cenário nacional diante a vigência de uma Ditadura Militar.

Diante disso, Nara Leão declarou-se contra o regime militar e apesar de logo após ter retomado suas canções românticas, por achar que as canções de protesto estavam virando puro consumo[232] sempre demostrou apoio aos movimentos que se efetivavam contra o regime autoritário, dentre eles o Tropicalismo, chegando a gravar canções e participar de festivais juntamente aos integrante do grupo formado por Gilberto Gil, Mutantes, Tom Zé, Rogério Duprat, Gal Costa e Tom Zé.[233]

Neste panorama da década de 1960, Gal Costa foi outra mulher de destaque no meio musical. Fazendo parte do movimento Tropicalista, Gal fez sua história pela música. Iniciando sua carreira no início dos anos de 1960, dentro do movimento MPB, participou de diversos festivais de música do período fazendo sua primeira participação em um albúm lançado por Maria Bethânia, irmã de Caetano Veloso.

Ganhando destaque nacional, no ano de 1967 lançou seu primeiro albúm de nome "Domingo" dividindo canções com Caetano Veloso e tornando-se um nome importante para a formação do cenário musical especificamente da música popular brasileira. Assim, com

---

[231] GEROLAMO, Ismael de Oliveira. **Nara Leão:** entre a bossa nova e a canção engajada. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 66, p. 172-198, abr. 2017.

[232] Nara Leão dá voz à história do seu tempo. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/04/06/nara-leao-da-voz-historia-do-seu-tempo.>

[233] Revista Exame**. Nara Leão:** a artista que cantou de tudo e namorou quem quis. Disponível em: <https://exame.com/casual/nara-leao-a-artista-que-cantou-de-tudo-e-namorou-quem-quis/.>

engajamento político contrário a ditadura militar presente no país, Gal Costa participou do movimento Tropicalista e do lançamento do disco que teria dado início ao movimento.

> Nostálgico e atrelado à bossa nova, com interpretações que evidenciavam a devoção de ambos ao ídolo João Gilberto, historicamente o disco cumpre três pontos importantes: revela uma síntese do que havia sido processado e produzido pelos dois até o momento; denota a estreita afinidade estética entre ambos, relação que teve papel definidor para o desenvolvimento da carreira da intérprete; e é assumido por Caetano, no texto impresso na contracapa do álbum, como um certo preâmbulo do tropicalismo.[234]

Com o lançamento do seu primeiro disco, suas canções possuiam proximidade com a bossa nova, utilizando como refrência àquele que foi sua inspiração – João Gilberto. Diante disso, podemos destacar com suas canções e sua performace o que posteriormente daria início a um novo movimento.

> Com uma abordagem transgressora, o movimento espelhava a ebulição contracultural e propunha a busca por uma essência mais complexa e abrangente da cultura brasileira, reconhecendo e pondo em atrito os trunfos e mazelas do país. Sintonizada com as preocupações estético-políticas de seu círculo íntimo, especialmente de Caetano, Gal seria uma das principais "militantes" do movimento desde o disco coletivo "Tropicalia ou Panis et circencis"[235]

Sendo um marco cultural e político, o lançamento do disco *Tropicália ou Panis et Circense* marcou um período de modernização musical com canções que influenciavam os jovens do período à uma revolução dos costumes instaurados pelo regime ditatorial e conservador. Mas devido a censura, seus parceiros Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos e exilados, praticamente dando fim ao movimento. Assim, driblando a censura e com a saída dos tropicalistas de cena, Gal Costa seguiu fazendo sucesso e destacando-se não somente com suas canções, como também por seus figurinos, lançando neste momento um álbum que levava o seu nome.

> Mesmo com suas principais vozes caladas pela ditadura militar, Gal acabou sendo nesse momento difícil a voz do tropicalismo e o fez com maestria. Essa obra prima reúne músicas brilhantes de compositores ligados ou não à Tropicália, que viraram clássicos do cancioneiro popular. É o caso da "Não identificado", de Caetano Veloso, "Saudosismo" e "Baby", ambas de Caetano Veloso, "Divino, maravilhoso", parceria de Caetano e Gilberto Gil, e "Que pena (ele já não gosta mais de mim)", de Jorge Ben (sem Jor).[236]

---

[234] CONTENTE, Renato. **"Não se assuste, pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa":** a construção das personas políticas de Gal Costa e Elis Regina na ditadura militar brasileira1. 2017. Disponível em: <https://d1wqt>

[235] ARAUJO, Bruna Alves de et al. **Nara, Gal e Elis:** uma análise interpretativa durante os anos de censura. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24117.>

[236]KURUMA'TÁ. **Gal Costa (1969):** Uma-obra prima que completa 50 anos. Disponível em: <https://kurumata.com.br/2019/07/06/gal-costa-1969-uma-obra-prima-que-completa-50-anos>

Apresentando-se com pés descalços, trajes da cultura hippie e ostentando sua cabeleira[237], Gal Costa carregava consigo uma mistura de elementos, que representavam a junção da cultura nordestina, seu lugar de origem, e a diversidade estética e cultural nacional, além de influências internacionais. Assim, como mencionado por Noleto,

> A atitude vanguardista de Gal Costa provavelmente pode ter contribuído para a construção de um novo modelo feminino no Brasil, isto é, um parâmetro nacional de feminilidade e modernidade mais próximo da realidade das mulheres brasileiras – porém sem abandonar padrões de feminilidade e modernidade internacionais – no qual elas pudessem ser encorajadas a ter referências culturais plurais para construir sua identidade visual.[238]

Exercendo um papel importante durante o movimento Tropicalista, Gal Costa assume também um papel importante nas relações de gênero dentro do meio musical. Inspirando gerações e contribuindo com a formação de novas identidades femininas. Foi considerada uma das líderes do movimento contra a ditadura militar, expondo sua opinião contrária a esse regime através de sua arte com sua formação musical, apresentações de espetáculos e suas entrevistas contrariando o regime ditatorial. Dentre os principais nomes do movimento, estavam da esquerda para a direita na imagem, Jorge Ben, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee e Gal Costa; à frente, abaixados, Sérgio Dias e Arnaldo Baptista.

IMAGEM 33: Principais nomes do movimento Tropicalista



Fonte: https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/sarau-voador-homenageia-tropic%

[237] NOLETO, R. da S. "Eu sou uma fruta 'gogóia', eu sou uma moça": Gal Costa e o Tropicalismo no feminino. **Revista Acadêmica de Música**. Belo Horizonte, n.30, 2014.
[238] Ibidem, p. 5.

É possivel destacar nesse período, que o papel dessas mulheres foi de grande relevância nas lutas contra a Ditadura Militar. Apesar das letras de suas músicas nem sempre serem uma crítica direta ao regime, através dos seus comportamentos ressignificaram as formas de ser mulher e atuaram principalmente inspirando uma geração de jovens que lutava por dias melhores.

Além de sua postura crítica em relação à Ditadura militar, Gal Costa também subverteu os padrões através de sua imagem, por meio da qual desafiava os padrões de gênero dentro de uma sociedade patriarcal, utilizando dessa forma, além de seus discursos políticos fervorosos, a afronta através da moral, na qual, reforçava sua ambientação estética pautada no erotismo.

Imagem 34: Capa do disco "Índia" de Gal Costa lançado no ano de 1973.



Fonte: https://casanaturamusical.com.br/a-capa-de-gal-costa-censurada-pelo-regime-militar/

Na capa de seu álbum *Índia*, lançado no ano de 1973, Gal Costa aparece seminua, utilizando vestes de índia com uma tanga vermelha pequena, uma saia de palha e em destaque para o seu quadril. Subvertendo a prática moral, Gal Costa representa um enfrentamento ao discurso militar, aparecendo também na contra capa do seu disco com seios à mostra.

> É possível inferir que toda a fabricação dessa imagem erótica de Gal Costa visava trabalhar com a dimensão subjetiva e interior do desejo de seu público alvo. Nesse sentido, a erotização do corpo funcionava como isca para que o

> produto cultural "Gal Costa" e a estética musical tropicalista fossem assimilados por um mercado consumidor jovem.[239]

Nesse sentido, a imagem de Gal Costa era construída para suprir tanto a linha estética do tropicalismo como servia de modelo pautada na inspiração da juventude em busca da liberdade sexual que ela representava. Tendo seu disco censurado, "Índia" só foi liberado pela censura para circulação com o uso de uma capa azul que cobrisse seu conteúdo, o que teria despertado curiosidade no público e batendo um recorde de vendas. Nesse contexto, a partir da análise de capas de albuns, podemos destacar que,

> Sendo objetos visuais, traduzem representações do corpo, da música, de comportamentos, de determinados modelos que ora reforçam sentidos tradicionais enraizados nos núcleos da cultura, ora incorporam influências e informações trazidas de fora, de outras semiosferas, colocando em xeque os padrões mais arraigados. Daí a importância de concebermos a capa como texto cultural, sempre móvel, sempre deslizando sentidos e negociando representações.[240]

A partir disso, podemos refletir sobre o uso da nudez como forma de impactar seu público, assim como de confrontar a ditatura militar. Nesse sentido, entende-se Gal Costa como participante de um movimento contracultural que utiliza a fuga dos padrões e exploração da sensualidade e erostismo de modo a comunicar seus posicionamentos que são desviantes dos padrões sociais conservadores diante um comportamento feminino.

Juntamente a esses nomes já mencionados, Elis Regina, assim como Maria Bethânia, também uniu-se à essa voz feminina de força de subversão. Com declarações públicas contra o sistema opressor, sua arte representa um grande marco nesse período. Como apontado por Marcos Napolitano,

> O compositor/intérprete buscava a realização de uma educação poética e sentimental da cidadania e do consumidor cultural que se supunha crítico ao regime militar, grupo que formava a base da oposição civil. É importante notar que, mais do que desempenhar uma função política tradicional da canção de protesto – qual seja, manter a vitalidade da crítica direta, a crençano futuro inexorável e exortar a ação direta contra uma situação de opressão
> –, a canção da abertura, mesmo podendo ser vista como uma variante da canção engajada, realizava-se em outra direção: a sublimação poética da liberdade e do trauma da repressão recente.[241]

Diante disso, a atuação dessas mulheres juntamente a outros artistas no contexto de Ditadura Militar, foram de grande relevância para a manutenção da crítica ao sistema,

---

[239] NOLETO, R. da S. 2014. p. 7.
[240] CASADEI, Eliza Bachega; VARGAS, Herom. 2022. p. 7.
[241] NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). **Estudos avançados**, v. 24, p. 389-402, 2010.

sabendo-se portanto, que apesar de não causar mudança direta na política atuante, representava simbolicamente a força da resistência juvenil.

Tanto em seus comportamentos como em suas canções, Rita Lee agia de maneira subversiva, o que a tornaria um grande alvo da censura no período. Além de suas composições que abordavam o universo feminino ganharem reajustes após a censura, Rita Lee também compôs canções que criticava o sistema militar vigente.

> Não é de se estranhar que Rita Lee tenha sido a compositora mais censurada do Brasil, e não somente a da década de 80. Campeã de vendagens e com a carreira originada no rock, veio se destacando como uma espécie de símbolo da liberdade, tanto em termos de posturas (vestir-se de noiva grávida e escandalizar a família que usava longo e plumas nos Festivais), quanto de pioneirismos (integrar um grupo com dois rapazes e depois estar à frente de uma banda masculina de rock), utilizando-se do riso como desafio aos poderes estabelecidos.[242]

Dessa forma, é possivel destacar que apesar de acreditar-se que a censura partia apenas aos comportamentos engajados no sentido político, surgia principalmente àqueles que violavam as palavras de ordem da moral e dos bons costumes. Tendo sua carreira iniciada através do rock, Rita Lee sempre esteve associada às marginalidades e maus comportamentos, sendo considerada uma má influência socialmente principalmente por não seguir os padrões de comportamento.

Fazendo uma releitura de sua música *Arrombou a Festa,* que é uma composição em parceria com Paulo Coelho, destacando elogios e críticas aos personagens da Música Popular Brasileira, entre os anos de 2002 e 2004, no programa Saia Justa do canal GNT, Rita Lee, cantou esta versão denominada *Arrombou a Mídia*, programa do qual foi também apresentadora e no qual o tema central era música e mídia.[243]

> Ai ai meu Deus
> O que foi que aconteceu
> Com a Mídia Popular Brasileira
> Rádio e TV tem jabá
> Novelas ditam quem é Star
> Eu também quero ser marketeira
> Tem sempre na tela um apresentador
> Vendendo a tragédia de algum cantor
> A fé corre o risco de fugir da igreja
> No canal do bispo, comercial de cerveja
> De meia em meia hora, uma nova pesquisa
> Mas como, se ninguém nunca me analisa?
> Por sorte meu controle anda tão descontrolado

[242] LIMA, Norma. **Ditadura no Brasil e a censura nas canções de Rita Lee**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019.
[243]GONÇALVES, Francielle S. Bruschi. **Música e Televisão:** Uma análise das letras do rock nacional e seu potencial educativo. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12443050-Musica-e-televisao-uma-analise-das-letras-do-rock-nacional-e-seu-potencial-educativo.html>

> Eu mudo de canal e ele aperta o desligado...
> isto é uma vergonha![244]

Na música mencionada acima, Rita Lee tece críticas à forma como a mídia manipula seus contéudos afim de manipular seus consumidores. Em seus versos, de maneira humorada e sarcástica, relata a ausência de fatos relevantes e exposição de tragédias como entretenimento, demonstrando desinteresse por seus contéudos em *"eu mudo de canal e ele aperta o desligado"* por ser diversas vezes alvo das grandes mídias devido seu comportamento rebelde.

Em 1976, em turnê com seu álbum *Entradas e bandeiras*, Rita Lee foi proibida pela Censura Federal de se apresentar no ginásio de esportes do Colégio Marista, por, frequentemente, fustigar os militares tanto em entrevistas quanto nos palcos.[245] Seguindo suas provocações, ainda sob o governo militar no ano de 1982, Rita Lee lança a música *Vote em mim* na qual, em seus versos, discute as referências políticas das eleições para falar sobre prazer.

> Vou ser presidente do seu corpo
> Governar, anarquizar
> Minha plataforma é o prazer total
> Isso é melhor e não faz mal, já disseram
> Faço comício no hospício
> Jorro petróleo por qualquer orifício
> E sem demagogia, por pura alegria
> Quero o povo feliz
> Quero o povo feliz
> Eu quero um povo feliz
> Quero o povo feliz[246]

Como presidente do próprio corpo, o prazer se torna uma reinvidicação*"minha plataforma principal é o prazer total"* e associando-se ao prazer faz uma referência com conotação sexual em "*jorro petróleo por qualquer orifício".* Fazendo em suas canções um crítica política, Rita Lee também defende a liberdade e busca pelo prazer como indício de felicidade. Continuando sua subversão nos palcos, no ano de 1983 ao apresentar-se no extinto Estádio Pelezão com seu repertório com letras ousadas e falando sobre sexo sem apresentar pudor, atacou a opressão sofrida pelo regime militar: *"Como em Brasília gravam tudo — fazendo referência explícita ao Serviço Nacional de Informação (o famigerado SNI) — vou falar aqui em público. Finalmente, depois de oito anos exilada da cidade, estou de volta e venho propor minha candidatura. Sou candidata a levar alegria ao povo, que está de saco*

---

[244] Trecho da música "Arrombou a mídia", lançada no ano de 1982.
[245] LIMA, Irlam Rocha. **Eterna ovelha negra.** 2021. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/eternaovelha>
[246] Trecho da música *"Vote em mim",* lanaçada no ano de 1976.

cheio desses militares que comandam o país. Para a censura eu digo, é proibido proibir". [247]

Através de seus comportamentos e canções, Rita Lee asume um papel de destaque ao representar não somente a forma feminina como a rebeldia juvenil que se destaca como uma das características principais da juventude na luta contra o regime ditatorial vigente, entende-se, dessa forma, que uma canção é muito mais que uma canção. Interconectada, por linhas visíveis ou menos perceptíveis, ao seu tempo, ela é, no fundo, produto de sujeitos transindividuais.[248]Assim, revela-se como fundamental para entender o contexto no qual Rita Lee está inserida. Nos anos 2000, em sua música *Rebeldade*, Rita Lee discute o desacato como forma de subversão da juventude, na qual, o jovem rebelde é enaltecido e elogiado.

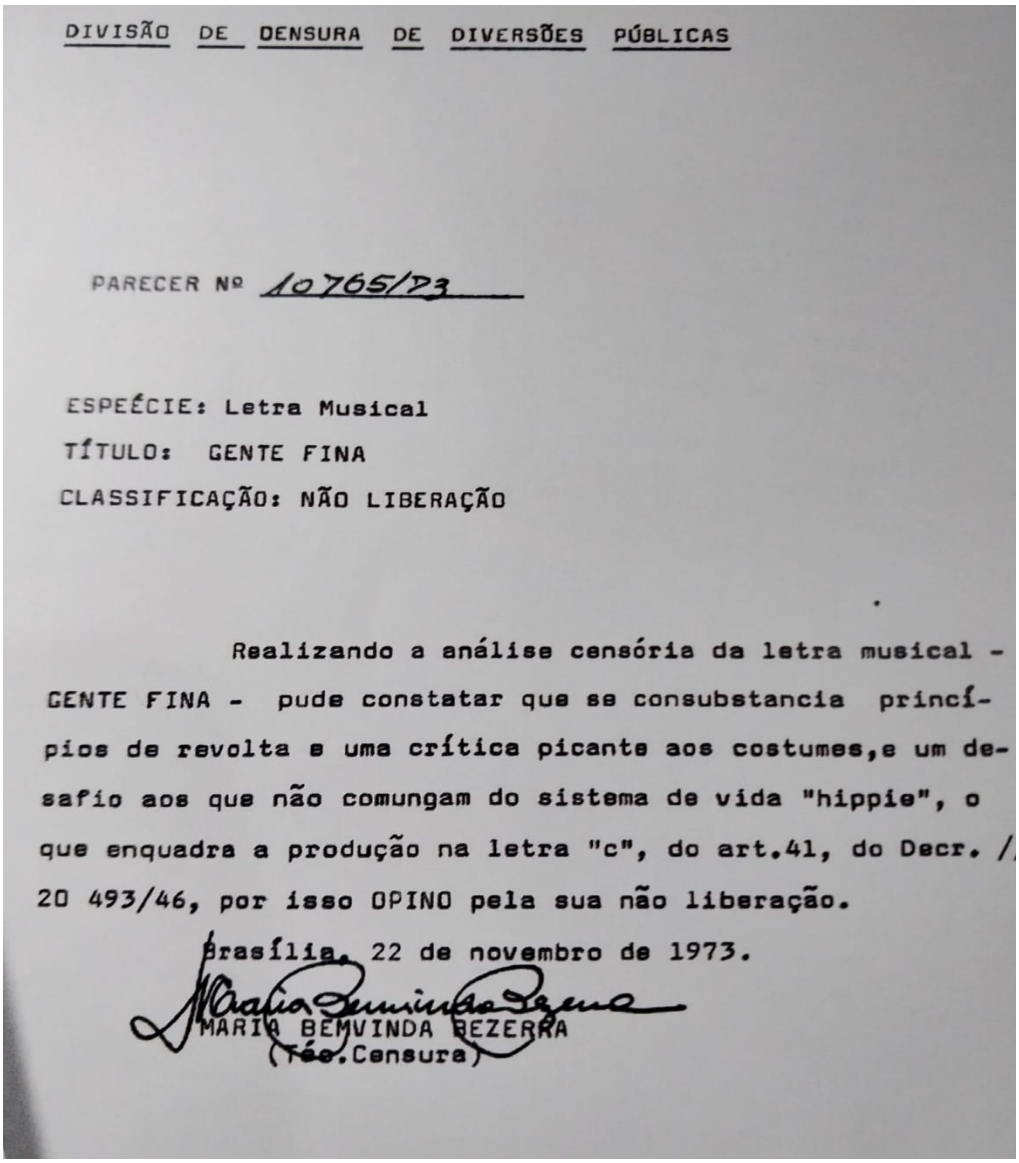
> Rebelada vedete
> E tome desacato
> Ela não joga confete
> Roda a baiana no ato
> Sem vergonha na cara
> Talentosa atitude
> A vingança da cigarra
> Anti Hollywood
> Gauche, gauche personalidade
> Rebeldade
> Gauche, gauche personalidade
> Rebeldade[249]

A mulher descrita na canção não segue regras e não é submissa. No verso *"rebelada vedete"* associa-se de forma positiva à imagem feminina de transgressão, àquela que foge as regras. Ao longo de toda canção, essa característica rebelde é reforçada nas expressões *"sem vergonha na cara"*e *"talentosa atitude"* na qual, revela o comportamento afrontoso e legitima uma personalidade transgressora com "gauche personalidade".

Assim, diante essas apresentações de destaque nesse período, aqui daremos destaque à atuação de Rita Lee, que foi considerada uma das artitas mais censuradas no período. Faremos a análise de alguns documento do Departamento de Censura que barraram por diversas vezes Rita Lee, que com seu comportamento distanciado dos padrões impostos às mulheres, foi considerada uma ameaça à sociedade moral e civil. Por vezes, mesmo sendo obrigada a modificar a letra de suas canções ou ainda proibida do lançamento de outras tantas, Rita Lee se mostra desviante. Temas como corpo, sexualidade e prazer feminino marcam suas composições.

[247] Ibidem, 2021.
[248] PARANHOS, Adalberto. Uma canção é muito mais que uma canção**. ArtCultura Uberlândia**, v. 24, n. 45, p. 7-8, jul.-dez. 2022.
[249] Techo da música "Rebeldade", lançada nos anos 2000.

IMAGEM 35: Parecer de censura da Música *Gente Fina é outra coisa (*1973)



DIVISÃO DE DENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 10765/73

ESPEÉCIE: Letra Musical
TÍTULO: GENTE FINA
CLASSIFICAÇÃO: NÃO LIBERAÇÃO

Realizando a análise censória da letra musical - GENTE FINA - pude constatar que se consubstancia princípios de revolta e uma crítica picante aos costumes,e um desafio aos que não comungam do sistema de vida "hippie", o que enquadra a produção na letra "c", do art.41, do Decr. / 20 493/46, por isso OPINO pela sua não liberação.

Brasília, 22 de novembro de 1973.

MARIA BEMVINDA BEZERRA
(Téc.Censura)

Fonte: Acervo pessoal de Rita Lee em seu livro *FavoRita.*

A música *Gente fina é outra coisa*, gravada no ano de 1973 por Rita Lee para o álbum *Tutti Frutti*, foi uma das que mais sofreram censura pelo Departamento de Censura de Diversões Públicas. Afirmando em seus versos um comportamento rebelde, critica a forma que as pessoas veem as que fogem ao padrão. Ter cabelos longos e fazer música é considerado sinal de rebeldia, nos versos podemos perceber o incentivo a liberdade juvenil de fazer o que quer semse prender a que lhe é imposto pela família.

E você escuta o papa dizendo
Que gente fina é outra coisa
Mas gente fina é outra coisa

Então você fica nessa indecisão
Papai tem razão
E não me venha dizer
Que você vai sair de casa e batalhar pra viver
É mentira
É mentira
Hoje mesmo eu te vi
Pensei que fosse o seu pai
Que decepção
Eu fiquei triste de ver
A sua vida começando pelo lado errado
E você está acreditando mesmo
Que gente fina é outra coisa
Mas gente fina é outra coisa[250]

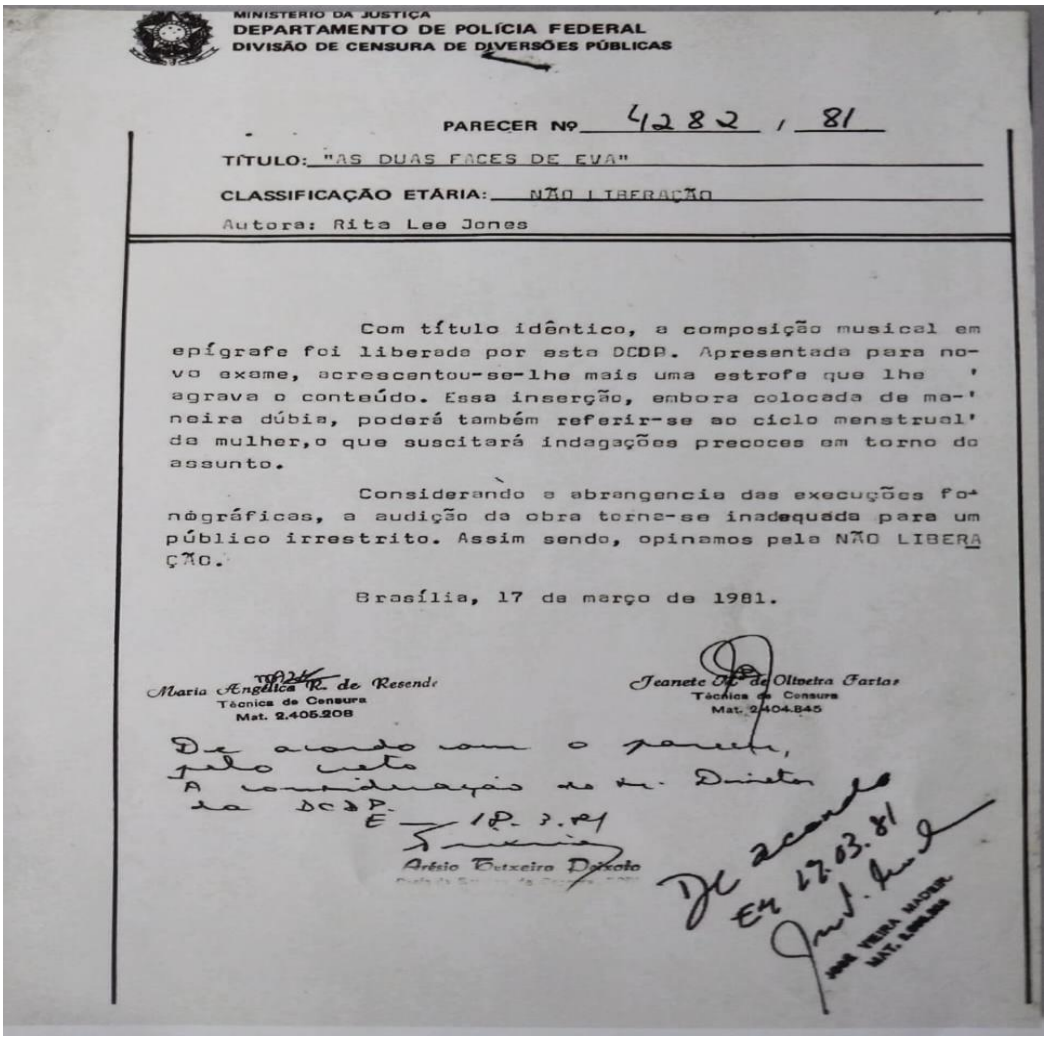
Nos versos *Hoje mesmo eu te vi/ Pensei que fosse o seu pai/ Que decepção/ Eu fiquei triste de ver/ A sua vida começando pelo lado errado/ E você está acreditando mesmo/ Que gente fina é outra coisa* associa-se a semelhança com os pais algo que deve ser contestado. "Na letra em exame uma jovem insurge-se contra o pátrio-poder, ao tentar persuadir um amigo a desacreditar de seu pai, para juntar-se a um grupo juvenil de comportamento duvidoso. Considerando tratar-se de matéria para gravação em disco, que terá grande penetração entre as diversas camadas sociais, e levando ainda em conta a sutileza dos versos, que propõem de imediato a indagação do público em torno da mensagem, manifesto-me pela sua não liberação"[251]. Considera-se, dessa forma, um risco para a sociedade o ato de rebelar-se contra as imposições da família com a possibilidade de "acarretar uma desagregação social e familiar, de consequências negativas".[252]

Já no ano de 1982, o grande sucesso de Rita Lee foi a música *"Cor-de- rosa choque"* que nos versos: Sexo frágil/ Não foge à luta/ E nem só de cama/ Vive a mulher.../ Por isso não provoque/ É Cor de Rosa Choque, Rita Lee discute a força feminina, fazendo alusão à cor rosa que é considerada uma cor feminina, mas acompanhada do "choque" representando a intensidade e força da mulher. Essa canção fez bastante sucesso e foi escolhida para ser tema

[250] Letra da música *Gente fina é outra coisa*, lançada em 1973.
[251] Trecho da carta de censura à música Gente Fina pela Divisão de Censura e Diversões Pública.
[252] LEE, Rita. **favoRita**. São Paulo: Editora Globo, 2018.

de abertura do Programa TV Mulher[253], que discutia diversos temas relacionados à mulher. Mas antes de ser liberada, essa canção foi vetada pela censura diversas vezes.

IMAGEM 36: Parecer de censura da música *As duas faces de eva (*1981)



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 4282 / 81

TÍTULO: "AS DUAS FACES DE EVA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: NÃO LIBERAÇÃO

Autora: Rita Lee Jones

Com título idêntico, a composição musical em epígrafe foi liberada por esta DCDP. Apresentada para novo exame, acrescentou-se-lhe mais uma estrofe que lhe agrava o conteúdo. Essa inserção, embora colocada de maneira dúbia, poderá também referir-se ao ciclo menstrual da mulher, o que suscitará indagações precoces em torno do assunto.

Considerando a abrangencia das execuções fonográficas, a audição da obra torne-se inadequada para um público irrestrito. Assim sendo, opinamos pela NÃO LIBERAÇÃO.

Brasília, 17 de março de 1981.

Maria Angélica R. de Resende
Técnica de Censura
Mat. 2.405.208

Jeanete M. de Oliveira Farias
Técnica de Censura
Mat. 2.404.845

De acordo com o parecer, pelo veto
A consideração do Sr. Diretor da DCDP.
Em 19.3.81
Artêio Teixeira Dorneles

De acordo
Em 17.03.81
JOSÉ VIEIRA MADEIRA
MAT. 1.390.880

Fonte: Acervo Pessoal de Rita Lee em seu livro FavoRita

Lançada incialmente com o nome *As faces de Eva*, o título da canção foi questionado, o que logo depois sofreu modificação e passou pela censura. Porém, para fazer o seu lançamento, Rita Lee havia acrescentado os seguintes versos:

"Mulher é um bicho esquisito
Todo mês sangra
Um sexto sentido maior que a razão

[253] TV Mulher, foi um programa de variedades com temática feminina, exibido pela Rede Globo, entre 1980 à 1986. Dividido em seções curtas de até cinco minutos, o programa abordava assuntos variados, que incluíam o comportamento sexual e os direitos da mulher, temas até então considerados tabus. Cada seção tinha vinheta e apresentador próprios. Disponível em: <https://tvpediabrasil.fandom.com/pt-br/wiki/TV_Mulher>

Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie em extinção"[254]

Considerados impróprios pela censura. Ao falar que "Mulher é bicho esquisito, todo mês sangra" fazendo referência à menstruação feminina, a letra segundo os censores continha "alteração inadequada" que "agrava o conteúdo", uma vez que se referia "ao ciclo menstrual da mulher, o que suscitará indagações precoces em torno do assunto".

> Todo mundo sabe que sumia gente pra caramba, que não podia fazer rodinha de amigos na calçada, que até usar chapéu na rua era suspeito [...] Aceitei fácil o mantra "hay govierno, soy contra", achava roquenrou, só não queria perder meu tempo lutando contra um filme de horror quando podia fazer da vida uma comédia, mesmo sem arrancar uma risada.[255]

Apesar de ter diversas de suas músicas censuradas, Rita Lee afirma que lutar contra o veto de suas canções era exaustivo. Como mencionado por Norma Lima, levando em conta a sua "fama de mau", Rita Lee teve uma recepção crítica em toda a sua produção, recebendo rótulos tais como "roqueira", "alienada", "viciada", "gringa"[256] faziam com que os censores estivessem sempre atentos a qualquer uma de suas composições.

> Os cacetes que levei me deram impulso, eu precisava continuar. Eu nunca quis ser o que sou, estar onde estou. Eu sinto prazer com música de uma maneira muito marginal. Nunca fui de saber quanto ganhei, quantos discos vendi, de brigar por direitos autorais, nada. Eu sempre fui muito ligada a som, é o meu brinquedo predileto até hoje. Aí, eu não entendo. Me tratavam como peste, como inimiga, como um perigo. Porra! Eu sou diabólica! As pessoas pensam que eu sou uma coisa, e eu não sou nada disso. Que loucura! [257]

Outra canção censurada foi a *Afrodite,* lançada no ano de 1981. Seus versos traziam *Em plena vagabundagem/ Em qualquer posição/ Falando muita bobagem/ Bolinando com água e sabão"* e foi acusada de possuir "um mergulho mais fundo no erotismo". Considerada de conteúdo inapropriado, a censura barrou desde o seu título, fazendo referência à deusa do amor e do sexo até os versos "em qualquer posição" e "bolinando com água e sabão", sob a alegação de ter uma conotação sexual.

Tentando burlar a censura, a música ganhou o nome "Banho de espuma" e com a modificação de alguns versos substituíram por uma versão mais branda, retirando o "qualquer posição" e "bolinando", conseguiu ser aprovada para gravação, apesar de ter sido proibida de tocar nas rádios ou na Tv.

---

[254] Trecho da música *As faces de Eva*, lançada em 1982.
[255] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016, p. 154.
[256] LIMA, Norma. **Ditadura no Brasil e a censura nas canções de Rita Lee**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019. p.14.
[257] Entrevista de Rita Lee para Geraldo Mayrink. 1980. Disponível em: <https://geraldomayrink.com.br/entrevista/rita-lee-entrevista/>

> Já era difícil lutar contra minha própria preguiça de ter que comparecer pessoalmente à sala de dona Solange driblar seus brancaleones da censura. Eram aqueles debiloides que julgavam se as atividades artísticas continham "mensagens subliminares". Antes de estrear qualquer show, filme ou peça de teatro, um par de brancaleones se sentava na plateia vazia para assistir ao espetáculo em primeira mão.[258]

Quando uma música era censurada, conseguir sua liberação era trabalhoso, sendo necessário a realização de diversas reuniões até a liberação e "se não gostassem, proibiam sem maiores explicações, dane-se o gasto com a produção. Se aprovassem, pediam uma porrada de ingressos para amigos e familiares. Finos"[259]. Sabendo disso, para evitar o transtorno, muitas vezes os artistas utilizavam-se de metáforas e trocadilhos em suas composições, prevendo que algumas palavras ou expressões já seriam banidas se mandadas ao departamento.

A música *Prometida* foi uma das primeiras composições de Rita Lee com seu parceiro Roberto de Carvalho no de 1978, nunca lançada oficialmente sua letra foi vetada por conter insinuação erótica "A letra tem mensagem erótico sexual que se acentua pelo ritmo (ouvida a gravação) e vocábulos agressivos naquela área, tais como: "bico", "vou meter a mão", 'cama', "descascar seu caroço" etc."[260]

Citando o nome de diversas personas famosas, Rita Lee faz críticas políticas na letra da música *Arrombou o cofre* e de acordo com a censura *"*Em tom de deboche, tece críticas à situação política e econômica brasileira, além de dirigir ataques ofensivos e nominais a autoridades constituídas".[261]

Maluf se cala mais a Luftfalla
Ivete dá bandeira que seu sonho é ser vedete
Filoporquequilo Jânio é sempre o mesmo grilo
Galã de várzea vai pro trono Andreazza
Governadores, deputados, vereadores
Saqueando bancos e bancando defensores
Ninguém se ilude mais que a comida está no fim
Olhem só a pança do sinistro Delfin
Tá cheia de cupim
Oh, oh, Brasil

[258] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016. p.156.
[259] Ibidem, p.
[260] LEE, Rita. 2018. p. 52.
[261] Trecho da música "Prometida" vetada pela censura no ano de 1978.

Quem te vê e quem te viu

Pra frente, pra frente que até caiu

"Mantenho a interdição da letra musical, considerando que seus versos, de linguagem depreciativa e ofensiva, ridicularizam diretamente autoridades constituídas".

Cabeças vão rolar que tal a gente apostar

Incêndio! Incêndio! Pegou fogo o berço

esplêndido.[262]

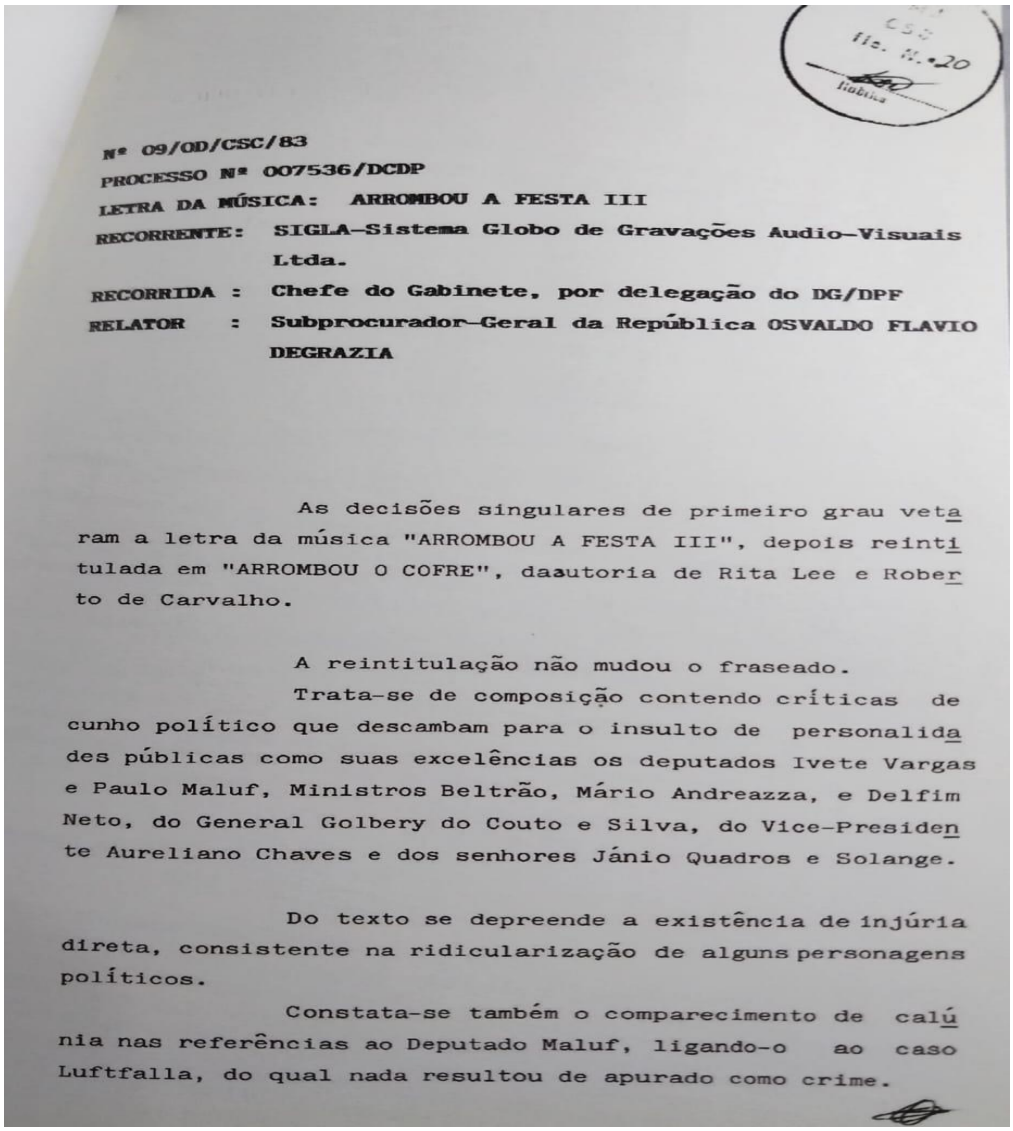
"Há nítida incitação à rebelião popular, o que é vedado no 8 8º, do art. 153, da Constituição Federal, constituindo infração à Lei de Segurança Nacional".[263] Rita é considerada incitadora de rebelião popular.

> Bons tempos chatos os da ditadura. Bom para quem gostava de rock. Chato para quem morava no Brasil. Bom para tomar ácido e assistir ao cabeludo José Dirceu num palanque imaginando-o um astro de rock [...] Sexo, Drogas & Rock'n'roll não combinava com Tradição, Família & Propriedade, ou você era esquerdette ou direitette. Para acomodar quem me cobrava uma posição política, me assumi "hiponga comunista com um pé no imperialismo".[264]

"Nos versos finais: Cabeças vão rolar que tal a gente apostar/ Incêndio! Incêndio! Pegou fogo o berço esplêndido. Há nítida incitação à rebelião popular, o que é vedado no 8 8º, do art. 153, da Constituição Federal, constituindo infração à Lei de Segurança Nacional". Mesmo com o veto, Rita e Roberto gravaram a música em 1983 e o álbum em que foi lançado de nome *"Bombom"* foi considerado destinado para maiores de 18 anos.

[262] Trecho da música *Arrombou o cofre*, lançada no ano de ??????????
[263] LEE, Rita**. favoRita**. São Paulo: Editora Globo, 2018.
[264] LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016. p. 71.

IMAGEM 37: Parecer de censura da Música *Arrombou a festa III ou Arrombou o cofre.*



Nº 09/OD/CSC/83
PROCESSO Nº 007536/DCDP
LETRA DA MÚSICA: ARROMBOU A FESTA III
RECORRENTE: SIGLA-Sistema Globo de Gravações Audio-Visuais Ltda.
RECORRIDA : Chefe do Gabinete, por delegação do DG/DPF
RELATOR : Subprocurador-Geral da República OSVALDO FLAVIO DEGRAZIA

As decisões singulares de primeiro grau vetaram a letra da música "ARROMBOU A FESTA III", depois reintitulada em "ARROMBOU O COFRE", daautoria de Rita Lee e Roberto de Carvalho.

A reintitulação não mudou o fraseado.
Trata-se de composição contendo críticas de cunho político que descambam para o insulto de personalidades públicas como suas excelências os deputados Ivete Vargas e Paulo Maluf, Ministros Beltrão, Mário Andreazza, e Delfim Neto, do General Golbery do Couto e Silva, do Vice-Presidente Aureliano Chaves e dos senhores Jânio Quadros e Solange.

Do texto se depreende a existência de injúria direta, consistente na ridicularização de alguns personagens políticos.
Constata-se também o comparecimento de calúnia nas referências ao Deputado Maluf, ligando-o ao caso Luftfalla, do qual nada resultou de apurado como crime.

Fonte: Acervo Pessoal de Rita Lee em seu livro *FavoRita*.

Lançada na mesma época, a música *Papai me empresta o carro*, trazia em seus versos a rebeldia em forma de "caricatura-homenagem à inocente problemática jovem dos anos 1950/1960 com um quê de Elvis e Little Richard".[265] Nos versos destacados abaixo, nota-se o teor sexual implícito nas expressões.

Papai me empreste o carro
To precisando dele pra levar
Minha garota ao cinema
Papai não crio problema
Não tenho grana pra pagar

[265] LEE, Rita. 2018. p.54.

Um motel, não tenho grana
Não sou do tipo que frequenta
Bordel, você precisa
Então me empreste o carro
Papai me empreste o carro
Pra poder tirar um sarro com
Meu bem!
Papai eu não fumo
Papai eu não bebo
Meu único defeito é não ter medo
De fazer o que gosto[266]

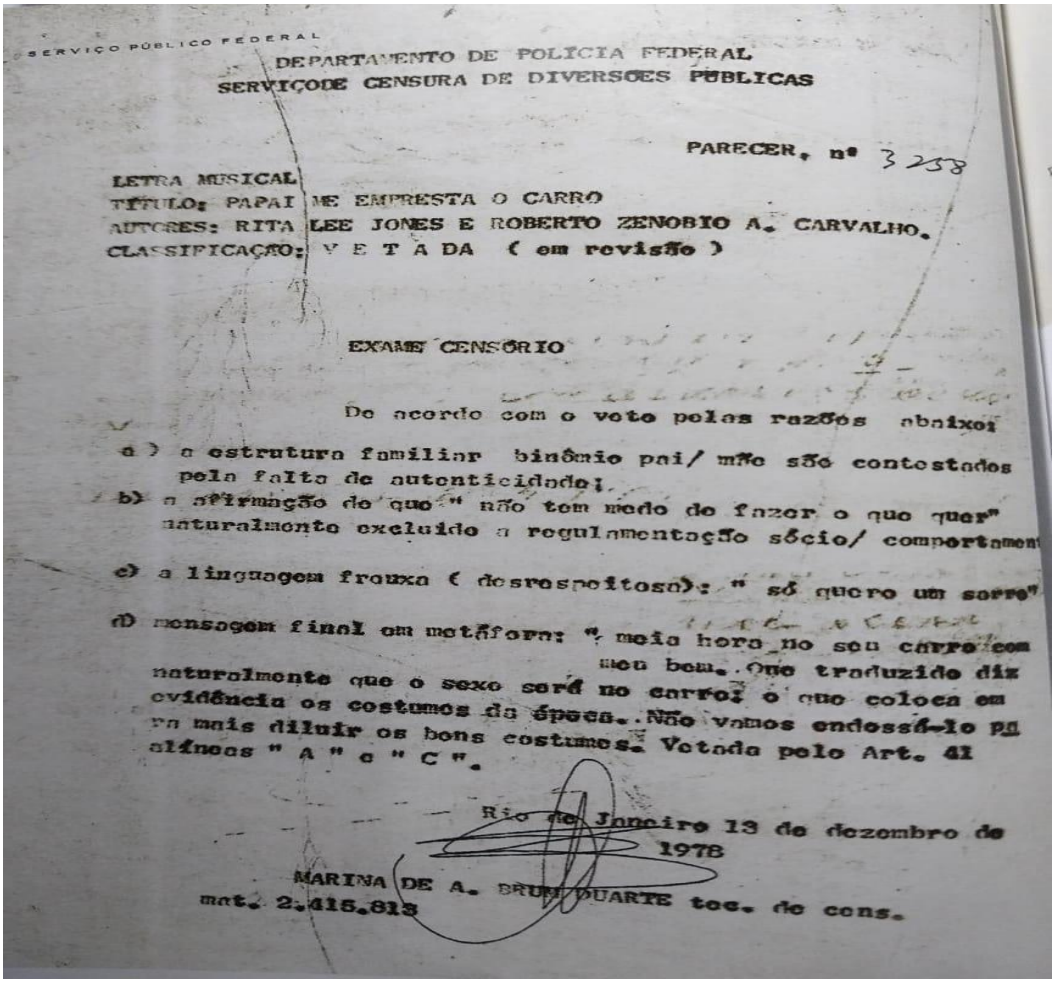
Vetada pela censura, por possuir a estrutura mencionada abaixo, a música conseguiu ser liberada.

> a) a estrutura familiar binômio pai/ mãe são contestados (sic) pela falta de autenticidade;
> b) a afirmação de que "não tem medo de fazer o que quer" naturalmente excluído (sic) a regulamentação sócio/ comportamental;
> c) a linguagem frouxa (desrespeitoso): 'só quero um sarro";
> d) mensagem final em metáfora: "meia hora no seu carro com meu bem. " Que traduzido diz naturalmente que o sexo será no carro: o que coloca emevidência os costumes da época. Não vamos endossá-lo para mais diluir os bons costumes.[267]

O eu lírico da canção afirma que, apesar de não beber ou fumar, não tem medo de fazer o que gosta, insinuando em seus versos sua rebeldia. Em um pedido de autorização para usar o carro do pai, entende-se que pretende utilizar o carro para se relacionar com seu parceiro nos versos "não tenho grana pra pagar um motel/ não sou do tipo que frequenta bordel". Dessa forma, de modo geral, descobrindo sua sexualidade, o jovem precisaria então de um local privado para ficar com sua namorada. Tratando-se de um período de censura militar, foi barrada inicialmente, mas conseguiu ser liberada depois.

[266] Trecho da música *Papai me empresta o carro*, lançada em 1979.
[267] LEE, Rita. **favoRita**. São Paulo: Editora Globo, 2018.

IMAGEM 38: Parecer de censura da Música *Papai me empresta o carro (*1978)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER, nº 3258

LETRA MUSICAL
TITULO: PAPAI ME EMPRESTA O CARRO
AUTORES: RITA LEE JONES E ROBERTO ZENOBIO A. CARVALHO.
CLASSIFICAÇÃO: V E T A DA (em revisão)

EXAME CENSÓRIO

De acordo com o voto pelas razões abaixo:

a) a estrutura familiar binômio pai/ mãe são contestados pela falta de autenticidade;
b) a afirmação de que " não tem medo de fazer o que quer" naturalmente excluido a regulamentação sócio/ comportamen
c) a linguagem frouxa (desrespeitosa): " só quero um carro"
d) mensagem final em metáfora: " meia hora no seu carro com meu bem. Que traduzido diz naturalmente que o sexo será no carro; o que coloca em evidência os costumes da época. Não vamos endossá-lo pa vn mais diluir os bons costumes. Vetada pelo Art. 41 alíneas " A " e " C ".

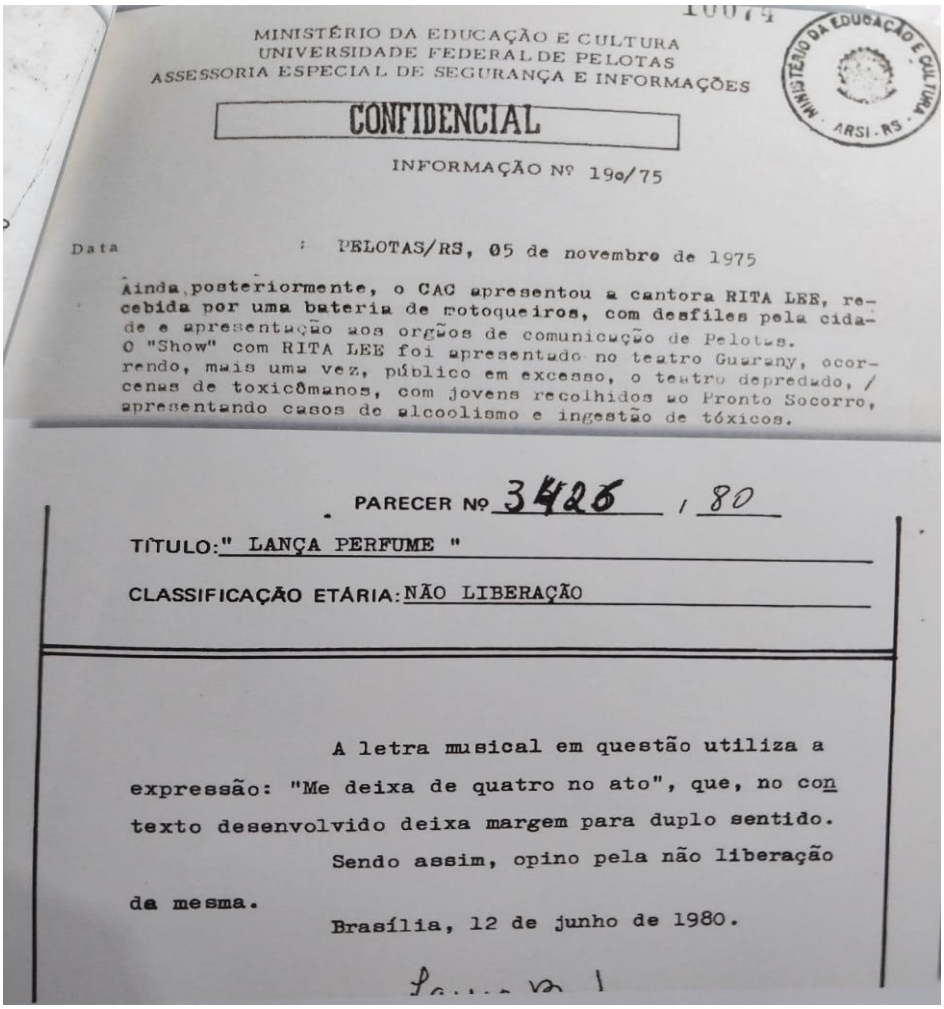
Rio de Janeiro 13 de dezembro de 1978

MARINA DE A. BRUM DUARTE tec. de cens.
mat. 2.415.813

Fonte: Acervo Pessoal de Rita Lee em seu livro *FavoRita*.

Após o fim da ditadura, números revelados em meados dos anos 1980, mostraram que Rita foi a artista que mais teve músicas proibidas na época. Sendo o álbum Bombom (1983) o mais censurado entre eles. Com as músicas "Arrombou o Cofre" e "Degustação". Na primeira discos de vinis, as faixas chegaram a ser riscadas com lâminas. E a capa do disco vinha com um aviso: o LP não podia ser vendido para menores de 18 anos.

IMAGEM 39: Parecer de censura da Música *Lança Perfume (*1980)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ASSESSORIA ESPECIAL DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

CONFIDENCIAL

INFORMAÇÃO Nº 190/75

Data : PELOTAS/RS, 05 de novembro de 1975

Ainda posteriormente, o CAC apresentou a cantora RITA LEE, recebida por uma bateria de motoqueiros, com desfiles pela cidade e apresentação aos orgãos de comunicação de Pelotas.
O "Show" com RITA LEE foi apresentado no teatro Guarany, ocorrendo, mais uma vez, público em excesso, o teatro depredado, / cenas de toxicômanos, com jovens recolhidos ao Pronto Socorro, apresentando casos de alcoolismo e ingestão de tóxicos.

PARECER Nº 3426 / 80

TÍTULO: " LANÇA PERFUME "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: NÃO LIBERAÇÃO

A letra musical em questão utiliza a expressão: "Me deixa de quatro no ato", que, no contexto desenvolvido deixa margem para duplo sentido.

Sendo assim, opino pela não liberação da mesma.

Brasília, 12 de junho de 1980.

Fonte: Acervo Pessoal de Rita Lee em seu livro *FavoRita*.

Composta em 1979 e lançada em 1980, *Lança Perfume,* feita em parceria com seu companheiro Roberto de Carvalho, apresenta em seus versos uma declaração de amor dotada de conotação sexual. Implorando pelo prazer, destaca-se a liberdade feminina ao sentir e declarar o seu prazer “Me vira de ponta cabeça”. Apesar de ser considerado um tabu, Rita Lee aborda o assunto de maneira natural e espontânea sem pretensões de gerar polêmica, mas diante uma sociedade conservadora, é barrada pela censura.

Vem cá, meu bem
Me descola um carinho
Eu sou neném
Só sossego com beijinho
Vê se me dá o prazer
De ter prazer comigo

Me aqueça
Me vira de ponta cabeça
Me faz de gato e sapato
E me deixa de quatro no ato
Me enche de amor, de amor[268]

"A letra musical em questão utiliza a expressão: Me deixa de quatro no ato, que, no contexto desenvolvido deixa margem para o duplo sentido. Sendo assim, opino pela não liberação da mesma".[269] *Lança Perfume* revela então essa vontade de fazer a revolução pelo prazer, enfrentando o moralismo imposto pelo regime militar.

4.2- Para além do "amor e sexo": relações de gênero na música de Rita Lee

As músicas de Rita expõem diversas temáticas, mas em todas é possível perceber um protagonismo feminino nas relações sociais e amorosas. Sendo assim, para melhor compreender a importância da figura de Rita Lee e suas composições para o fortalecimento feminino, algumas de suas letras foram selecionadas para que sejam analisadas aqui.

Nas letras de suas músicas, Rita Lee valorizou o ser mulher, por vezes abordando suas fragilidades e por outras mostrando sua força, inclusive a sexual. As músicas analisadas a seguir reafirmam a postura de Rita Lee como consciente do poder de controle sobre o próprio corpo, assim como defende a existência das diversidades femininas e da necessidade de agir conforme os desejos individuais, independente das barreiras enfrentadas em uma sociedade essencialmente machista. Nesse sentido, é possível destacar que,

> No contexto social e histórico, em que se inseriram os diálogos culturais que Rita Lee estabeleceu, ocorre o auge do movimento feminista e de um pensamento libertário e, ao mesmo tempo, as restrições políticas e de liberdade de expressão e organização impostas pelo regime militar e ditatorial no Brasil. Essas eram algumas das forças que impactavam na produção cultural da época no país[270]

Dessa forma, Rita Lee caracteriza-se por ser uma mulher rebelde que enfrenta as dificuldades de ser mulher de maneira bem humorada e debochada, sendo por muitas vezes vista como uma ameaça à ordem imposta pela ditadura militar atuante no período em que ela deu início a sua carreira.

---

[268] Trecho da música *Lança Perfume*, lançada em 1980.
[269] LEE, Rita. **favoRita.** São Paulo: Editora Globo, 2018.
[270] ANAZ, Sílvio A. L. **A erotização do imaginário do pop-rock brasileiro nas canções de Rita Lee.** *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 3, v. 1, p. 80-100, jul.-dez. 2014. p. 134

Nessa perspectiva, como abordado por Marcos Napolitano[271], é necessário atentar-se que tanto a letra como a melodia devem ser interpretadas em seus contextos, sendo importante destacar além do conteúdo da canção, suas rimas, seus lugares de fala, a ocorrência de figuras e gêneros literários, visando uma análise musical mais completa sem fazer juízo de valor.

Dentre toda a obra de Rita Lee produzida desde o início da sua carreira musical, foram selecionadas algumas canções que darão voz às mulheres ao falar do universo feminino. Dessa forma, as canções abaixo irão destacar as composições de Rita Lee, abordando aspectos da imagem feminina que irão variar entre aquelas que irão caracterizar o comportamento das mulheres e outras que darão mais ênfase para o contexto afetivo e sexual.

Entre as selecionadas iniciaremos com a música *"Ovelha Negra"* que lançada em 1975 representa a postura de rebeldia assumida por Rita Lee ao escolher a música como profissão, sendo essa atitude criticada por seus pais que consideravam a música apenas um passatempo. Assim, Rita Lee comenta que passou a ser vista como *"ovelha negra"* devido a sua rebeldia assumida, nos versos da canção.

> Levava uma vida sossegada.
> Gostava de sombra e água fresca.
> Meu Deus! Quanto tempo eu passei. Sem saber!
> Foi quando meu pai me disse:
> Filha, você é a ovelha negra da família.
> Agora é hora de você assumir.
> Uh! Uh! E sumir...[272]

Como mencionado anteriormente, a letra dessa canção que pode ser interpretada de várias maneiras, mostra também uma desconstrução de estereótipos do gênero, já que nos anos de 1970 com os conservadorismos em alta, o ato de rebeldia não era considerado uma atitude feminina e sim masculina. Dessa maneira, é possível constatar mais uma vez a quebra de Rita Lee com os padrões da época sempre de maneira bem humorada.

No mesmo ano, foi lançada também a música *"Luz del fogo",* composta por Rita Lee em homenagem à famosa dançarina Dora Vivacqua, que ficou conhecida por ser uma representante da causa feminista na década de 50, destacando-se nos palcos por ser adepta do naturalismo e do nudismo, na qual apresentava seus espetáculos quase sem roupa exalando sua sensualidade, sendo este comportamento muito criticado na época. Rita Le faz então essa homenagem, defendendo a coragem mostrada por Luz del fogo – apelido dado a dançarina.

---

[271] NAPOLITANO, Marcos. **História e música:** história cultural da música popular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

[272] Trecho da música "Ovelha Negra" lançada no ano de 1975.

Eu hoje represento a loucura
Mais o que você quiser
Tudo que você vê sair da boca
De uma grande mulher
Porém louca!
Eu hoje represento o segredo
Enrolado no papel
Como luz del fuego
Não tinha medo
Ela também foi pro céu, cedo!
Eu hoje represento uma fruta
Pode ser até maçã
Não, não é pecado,
Só um convite
Venha me ver amanhã
Mesmo![273]

Com a letra da canção destaca-se, portanto a representatividade da força feminina assumida por Dora Vivacqua que apesar da censura à mulher do período, mostrou-se a frente do seu tempo sendo uma mulher que *"não tinha medo"*, que mostrava seu estilo ousado não apenas nos palcos, como também socialmente ao defender, por exemplo, o divórcio antes mesmo de ser instaurado no país. Nos versos *"eu hoje represento a loucura*" é possível destacar que,

> A loucura é um dos principais rótulos para mulheres que lutam por liberdade, porque as afasta do círculo da "normalidade", neutralizando, assim, as consequências de seus enfáticos discursos. Esse rótulo, como tantos outros, serve como estratégia de manutenção do sistema dominador masculino.[274]

Outra canção de Rita Lee que fez sucesso nos anos de 1975 foi a *"Agora só falta você"* que defende a liberdade de fazer apenas escolhas que dão prazer, mostrando a importância da força da voz feminina na tomada de decisões.

Um belo dia resolvi mudar
E fazer tudo o que eu queria fazer
Me libertei daquela vida vulgar
Que eu levava estando junto a você
E em tudo que eu faço
Existe um porquê
Eu sei que eu nasci
Sei que eu nasci pra saber
E fui andando sem pensar em voltar
E sem ligar pro que me aconteceu

[273] Trecho da música *Luz del Fuego",* lançada em 1975.

[274] MELO, Ana Karla Marcelino de; COSTA, Edson Tavares. As mulheres de Rita: quebra de estereótipos femininos em letras de canções de Rita Lee. **Discursividades,** ISSN 2594-6269. Vol. 5. N. 2 - Dez. 2019, p. 6.

Um belo dia vou lhe telefonar
Pra lhe dizer que aquele sonho cresceu
No are que eu respiro
Eu sinto prazer
De ser quem eu sou
De estar onde estou
Agora só falta você [275]

Nos trechos acima, é possível perceber também a independência da mulher ao questionar que nem sempre o casamento considerado sagrado vale a pena quando para isso a liberdade de expressão feminina precisa ser suprimida, como mencionado nos versos *"Me libertei daquela vida vulgar que eu levava estando junto a você".* Nesse sentido, nesta canção, o eu lírico feminino mostra sua independência ao fazer uma escolha em nome de seus desejos.

A música "Fruto proibido" também lançada em 1975 traz em sua letra uma alusão à história bíblica que traz a maçã representando o fruto proibido por este ser o símbolo do pecado. Na sua letra, é possível perceber que com um tom irônico e debochado, Rita Lee desconstrói a imagem de que o pecado deve ser algo a ser evitado.

Não é nada disso, alguém fez confusão!
Vou dar um tempo, preciso distração
Às vezes cansa minha beleza
essa falta de emoção e de sensação
Quem foi que disse que eu devo me cuidar?
Tem certas coisas que a gente não consegue controlar
Comer um fruto que é proibido,
você não acha irresistível?
Nesse fruto está escondido o paraíso, o paraíso.
Eu sei que o fruto é proibido,
mas eu caio em tentação
Acho que não![276]

Nesse sentido, em seus versos, Rita Lee faz uma crítica à permanência do julgamento feito por sociedade conservadora que preza pelo dito "bom comportamento", julgando tudo aquilo que não segue às regras, principalmente no cenário feminino, na qual a mulher deve manter-se comportada e reclusa diante dos prazeres da carne. Assim, em sua canção, Rita Lee defende a liberdade de se fazer o que quiser sendo destacado no verso *"Nesse fruto está escondido o paraíso",* mostrando que o prazer está no ato de cometer o pecado.

Compondo o seu álbum solo, outra canção que podemos destacar é *"Esse tal de roque enrow"* composta em parceira com Paulo Coelho no ano de 1975. Em seus versos, Rita Lee traz a mãe, a filha e um sujeito chamado "Roque Enrow" como protagonistas, na qual, destaca

[275] Trecho da música "Agora só falta você", lançada no ano de 1975.
[276] Trecho da música "Fruto proibido", lançada em 1975.

a relação da mulher com o rock e a construção de mais um personagem feminino rebelde e transgressor.

> Ela nem vem mais pra casa, doutor, ela odeia meus vestidos
> Minha filha é um caso sério, doutor
> Ela agora está vivendo com esse tal de Roque Enrow!
> Roque Enrow, Roque en...
> Ela não fala comigo, doutor, quando ele está por perto
> É um menino tão sabido, doutor, ele quer modificar o mundo
> Esse tal de Roque Enrow, Roque Enrow
> (...) Ela não quer ser tratada, doutor, e nem pensa no futuro
> A minha filha está solteira, doutor
> Ela agora está lá na sala com esse tal de Roque enrow
> Roque enrow, Roque em...
> (...) Ela dança o dia inteiro, doutor e só estuda pra passar
> E já fuma com essa idade
> Doutor, desconfio que não há mais cura
> Pra esse tal de Roque Enrow (é ele)
> Roque Enrow (quem?)
> Roque Enrow[277]

Em vários trechos, podemos destacar que uma mulher atuante na música foge do lugar que lhe é destinado nesse período conservador no Brasil. De maneira humorada, Rita Lee em seus versos retrata as reclamações de uma mãe para um terapeuta devido ao mau comportamento da filha depois do envolvimento dela com o rock. Dentro dessa relação, a mãe mostra-se preocupada com a filha pois esta faz tudo ao contrário daquilo que se espera do comportamento de uma mulher, retratando assim a fuga de um casamento, o descaso com os estudos e vida boêmia de modo geral.

Já no ano de 1978, em uma parceria de Rita Lee com Roberto de Carvalho e Nelson Mota, é lançada a música *"Perigosa",* que iria se destacar através da banda "As Frenéticas". Sendo este um grupo de mulheres organizado por Nelson Mota, elas adotavam um discurso feminista com a defesa da liberdade sexual.

> Sei que eu sou
> Bonita e gostosa
> E sei que você
> Me olha e me quer
> Eu sou uma fera
> De pele macia
> Cuidado, garoto,
> Eu sou perigosa!
> Eu tenho veneno
> No doce da boca
> Eu tenho um demônio
> Guardado no peito
> Eu tenho uma faca
> No brilho dos olhos

[277] Trecho da música "Esse tal de roque enrow", de 1975.

Eu tenho uma louca
Dentro de mim...
Eu posso te dar
Um pouco de fogo
Eu posso prender
Você meu escravo
Eu faço você
Feliz e sem medo[278]

Como se pode observar, a letra da canção é carregada de uma autoafirmação do eu lírico como uma mulher dona de si e que segue suas próprias regras, sendo esta dotada, além disso, de uma sensualidade ao afirmar a presença do desejo sexual, demostrando também o conhecimento sobre o seu corpo e do domínio de suas escolhas como uma mulher forte e independente.

Nos versos de *Miss Brasil 2000*, grande sucesso do seu álbum Babilônia, Rita Lee traz em seus versos "Um corpo de veludo, as pernas de cetim/ A boca de cereja e os dentes de marfim/ Um beijo envenenado, onde já se viu?/ Miss Brasil 2000/ Será que ela vai continuar uma tradição?/ Será que ela quer modificar uma geração?/ Lá vem ela!/Miss Brasil 2000!"[279], Rita Lee utiliza-se da referência do evento para criticar a imposição dos padrões femininos, classificando-o como "um rock-cheguei, descrevendo como imaginava a primeira Miss Brasil do século XXI, acreditando que o país então já estaria em plena era *The Jetsons*"[280], assim em seus versos, posiciona-se como uma mulher que esbanja sensualidade e faz questionamentos acerca desta representação universal de beleza considerando isto ultrapassado.

No ano de 1979, outras duas músicas fizeram sucesso ao tratar da sensualidade e do sexo de uma maneira poética. Nas composições de *"Chega mais"* e *"Mania de você"* Rita Lee fala dos desejos e de tudo que envolve o ato sexual. Se hoje, falar de sexo ainda é tabu, nesse período era ainda mais e de uma forma ousada e divertida, a rainha do rock consegue trazer à tona a discussão sobre sexo de uma maneira leve e agradável.

> A gente, eu e o Roberto, tinha acabado de transar. Estávamos suados. O Roberto pegou um violão que estava ao lado da cama e eu ainda fiquei meio zoneando, feliz da vida, explodindo os corações todos. E aí ele começou a fazer aquele lance de melodia e de música. De repente eu falei assim: "Eu conheço essa música". Eu estava um pouco no futuro, assim como aquela sensação de já conhecer uma música apesar de nunca ter ouvido. Foi uma coisa muito leve. Ninguém puxou nada. Mania de você foi um fundo musical para uma situação de profundo tesão, de amor às últimas consequências. Foi a mesma coisa que transar, ter transado. A gente ficou apaixonada pela gente

[278] Trecho da música "Perigosa", lançada no ano de 1978.
[279] Trecho da música "Miss Brasil 2000" lançada no ano de 1978.
[280] LEE, Rita, 2013. p. 177.

> mesma. Foi uma das poucas vezes em que perdi aquela autocrítica que eu tenho e que destrói tudo, completamente.[281]

Na canção "Chega mais", é possível notar nos versos "Eu conheço essa cara/ Essa fala, esse cheiro/ Essa tara de louco/ Esse fogo, esse jeito/ Escandaloso! / Você é guloso/ E quer me sequestrar/ Ah ah ah ah ah!/ Chega mais, chega mais!"[282], a maneira sútil e ao mesmo tempo ousada ao descrever uma cena de desejo.

Já na letra da música "Mania de você", pode-se interpretar através dos seguintes versos "Meu bem, você me dá água na boca/ Vestindo fantasias, tirando a roupa/ Molhada de suor de tanto a gente se beijar/ De tanto imaginar loucuras/ A gente faz amor por telepatia/ No chão, no mar, na lua, na melodia/ Mania de você/ De tanto a gente se beijar/ De tanto imaginar loucuras"[283] que Rita Lee descreve o ato sexual, distanciando-se dos pudores e mostrando o sexo em grande parte de suas canções como algo natural, tanto para o sexo masculino como para o feminino.

> Meu bem, você me dá água na boca
> Vestindo fantasias, tirando a roupa
> Molhada de suor de tanto a gente se beijar
> De tanto imaginar loucuras
> A gente faz amor por telepatia
> No chão, no mar, na lua, na melodia
> Mania de você
> De tanto a gente se beijar
> De tanto imaginar loucuras
> Nada melhor do que não fazer nada
> Só pra deitar e rolar com você
> Nada melhor do que não fazer nada
> Só pra deitar e rolar com você
> (...) A gente faz amor por telepatia
> No chão, no mar, na lua, na melodia
> Mania de você
> De tanto a gente se beijar
> De tanto imaginar loucuras
> (...) Rolar, rolar, rolar, rolar com você
> Rolar, rolar, rolar, rolar com você.[284]

Rita Lee não só inspirou uma geração de mulheres como também teve suas influências femininas, entre elas a da diva Elvira Pagã, que foi atriz, cantora, compositora e vedete brasileira. Conhecida por sua ousadia, Elvira Pagã esteve envolvida em muitas polêmicas ao

---

[281] Entrevista de Rita Lee para Geraldo Mayrink. 1980. Disponível em: <https://geraldomayrink.com.br/entrevista/rita-lee-entrevista/>
[282] Trecho da música "Chega Mais", lançada nos anos de 1979.
[283] Trecho da música "Mania de você", lançada no ano de 1979.
[284] Trecho da música "Mania de você", lançada no ano de 1979.

representar um símbolo sexual nacional ao aparecer usando biquínis pequenos no palco, prática esta recriminada no período e apesar de ter sido muito criticada frente aos costumes conservadores da sociedade brasileira, nunca deixou de demonstrar sua sensualidade e sexualidade à flor da pele, ganhando uma homenagem feita por Rita Lee, com uma canção que leva o seu nome.

> Todos os homens desse nosso planeta
> Pensam que mulher é tal e qual um capeta
> Conta a história que Eva inventou a maçã
> Moça bonita, só de boca fechada,
> Menina feia, um travesseiro na cara,
> Dona de casa só é bom no café da manhã
> Então eu digo:
> Santa, santa, só a minha mãe (e olhe lá!)
> É canja-canja,
> O resto põe na sopa pra temperar![285]

Assim, na letra dessa música é possível perceber mais uma vez o tom debochado tão presente nas músicas de Rita Lee e com isso, o eu lírico, critica a visão masculina de que a mulher deve ser comportada e atender os desejos do homem. Ao contrário do que se espera, a mulher retratada na canção mostra semelhança à sua homenageada, sendo uma mulher polêmica, dona de si e que luta por seus direitos e sua liberdade. Como mencionado nos versos acima, na prática nem a figura materna goza do status de santa, e essa não correspondência aos anseios de uma sociedade machista não é algo negativo, não causa grande preocupação para uma mulher como ela. “Santa, santa, só a minha mãe, (e olhe lá!) é canja-canja…”.[286]

No ano de 1979, em parceria com Roberto de Carvalho, Rita Lee continua a explorar sua sexualidade nas canções. Com um disco intitulado de “Rita Lee”, podemos destacar que em suas músicas discutiu o universo feminino abordando temas como o desejo e a busca por prazer. Assim, podemos analisar a mensagem passada nos versos de *Doce Vampiro*.

> Venha me beijar
> Meu doce vampiro
> Ou, ou
> Na luz do luar
> Venha sugar o calor
> De dentro do meu sangue
> Vermelho
> Tão vivo, tão eterno
> Veneno

[286]SANTOS, José Antônio Barbosa Alves. **As faces de Eva:** o universo feminino no léxico de Rita Lee. 2013. 102 páginas. Dissertação (Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

Que mata sua sede
Que me bebe quente
Como um licor
Brindando a morte
E fazendo amor
(...), mas nada disso importa
Vou abrir a porta
Pra você entrar
Beija a minha boca
Até me matar de amor![287]

Em seus versos, podemos observar a expressão da sensualidade, na qual, destacamos uma mulher que deseja se satisfazer com o seu parceiro e com isso faz um convite provocativo à ele. Diferente do que se imagina, a relação com um "vampiro" não lhe provoca medo, trazendo em seus versos o ato de ser mordida por um vampiro como um desejo sexual associado ao prazer e à relação calorosa de entrega ao momento Sendo inspirada no seu romance com Roberto de Carvalho, Rita Lee seguindo a parceria com seu atual marido, falou de amor e sexo em suas canções o que teria feito ela se distanciar do gênero rock e se aproximar do pop e balada romântica.

No ano de 1993, Rita Lee lançou seu álbum de nome *"Todas as mulheres do mundo"* em homenagem a Leila Diniz, que representa mais um símbolo feminista na década de 60. Leila Diniz, foi uma atriz de muito sucesso e se destacou também por ser uma das precursoras das transformações sociais da condição da mulher, na qual ela, defendia a liberdade sexual. Dessa forma, representando toda essa força feminina, Rita Lee compôs esta canção.

Elas querem é poder!
Mães assassinas, filhas de Maria.
Polícias femininas, nazijudias.
Gatas gatunas, kengas no cio.
Esposas drogadas, tadinhas, mal pagas.
Toda mulher quer ser amada.
Toda mulher quer ser feliz.
Toda mulher se faz de coitada.
Toda mulher é meio Leila Diniz.[288]

Diante disso, na música de mesmo nome do álbum, Rita Lee destaca as mais variadas personalidades femininas, sendo estas aquelas que lutam em busca do reconhecimento da sua liberdade de expressão assim como em seus comportamentos mostrando-se livres para fazer suas escolhas sejam elas sociais ou amorosas. Ser "meio Leila Diniz" é agir com liberdade, sem medos. Ser donas do próprio corpo, e da própria alma é o que merecem "todas as mulheres do

[287] Trecho da música "Doce Vampiro", lançada no ano de 1979.
[288] Trecho da música "Todas as mulheres do mundo", lançada no ano de 1993.

mundo"[289]. Assim, destacamos a inspiração de Rita Lee em Leila Diniz, por representar a subversão feminina, na qual, seus comportamentos são vistos como uma ameaça aos princípios da moralidade e um retrato das transformações dos papéis femininos da época.

Ainda no mesmo álbum citado anteriormente, outras três músicas também fizeram sucesso, principalmente ao tratar de temas considerados tabus, entre essas canções temos a *"Menopower"*, *"Deprê"* e *"Benzadeusa"*. Na letra da música "menopower", mencionada abaixo, Rita Lee irá tratar sobre a menstruação e a menopausa, além de mencionar também o desconforto do uso dos contraceptivos que são impostos para as mulheres Dessa forma, nessa canção Rita Lee destaca a menopausa como sendo uma representação da força feminina.

> O "chico" é tão incoerente
> Ah, me deixa tiririca ao chegar
> O "chico" quando vem é absorvente
> E quando falta só rezando pra baixar
> Menopower!
> Pra quem foge às regras
> Menomale quando roça e ah, ah, ah...
> Menopower!
> Pra quem nunca se entrega
> Melancólicas, você são piegas
> Tampax, tabelinha, ora pílulas, ora DIU
> Diafragma, camisinha, vão pra mãe que não pariu
> Chega do creme de aveia da véia perereca da vizinha
> Chega do bom caldo e da "sustância" da galinha
> Yeah![290]

Como se pode observar, uma das características das canções de Rita Lee é que ao tratar de assuntos polêmicos, o seu bom humor sempre se mostra presente, deixando a música leve sem deixar de falar de assuntos importantes que ainda são pouco comentados devido ao conservadorismo da população ao falar de questões femininas.

> Em Menopower, eu anunciava que estava ansiosa para ficar " sempre livre " de derramamentos de sangue, derrubando de vez o assunto tabu que tanto constrangia as colegas contemporâneas. Menopausa também faz parte da feitiçaria e é quando entramos na fase da feminilidade sutil que se alimenta de presságios e sopros, a observação do mundo ao redor, uma observação mais etérea, mas não menos envolvente o corpo físico perde espaço para o corpo astral, *hay que tener cojones* para trocar o tesão sexual pelo existencial.[291]

Na música "Deprê", Rita Lee fala sobre a liberdade feminina com seu corpo através da masturbação, sendo a mulher capaz de se dar prazer sem necessariamente ter uma presença masculina. Nos versos "faz de mim teu violão" e "me toca um blues", Rita Lee associa os gestos

[289] MELO, Ana Karla Marcelino de; COSTA, Edson Tavares. As mulheres de Rita: quebra de estereótipos femininos em letras de canções de Rita Lee. **Discursividades**, ISSN 2594-6269. Vol. 5. N. 2 - Dez. 2019.
[290] Trecho da música " Menopower", lançada no ano de 1993.
[291] LEE, Rita. **favoRita.** São Paulo: Editora Globo, 2018.

musicais ao que seria o movimento de um toque em si mesma, declarando o prazer como algo natural, sensualiza e convida o parceiro em "geme comigo de dor e prazer". Sendo a masturbação ainda hoje considerada um "assunto proibido", Rita Lee burlou todas as regras com suas letras de músicas carregadas da essência feminina.

> Faz de mim teu violão, mete a mão
> Me toca um blues
> Me leva pra farra, quero ser tua guitarra
> Estou à tua mercê
> Tédio de tudo, em tudo falta um quê
> Tédio do mundo, desse ser e não ser
> Abraço o travesseiro, me dou o prazer
> Transo comigo pensando em você.
> Estou aqui, meio blasé
> Estou aqui, sabe assim deprê
> Até que não é tão mal
> Curtir esse down
> Geme comigo de dor e prazer
> Até amanhecer[292]

Já em "Benzadeusa", nos versos mencionados abaixo, percebe-se uma discussão feita em torno da independência feminina, sendo a mulher capaz de tomar decisões mesmo que por vezes seja dependente da figura masculina. Dessa forma, o eu lírico feminino mostra-se forte e decidido que saber o que quer ("hoje eu sou tua heroína").

> E a gente se casa por um segundo
> Por um século talvez
> Até que a vida, a morte
> O mundo, nos separe outra vez
> Faz amor comigo
> Sempre fica meu amigo
> Amanhã viro bandida, mal fudida
> Te dou um tiro no escuro, você vai ver
> Hoje sou tua heroína
> Mergulha na menina dos olhos meus[293]

Na música de nome *Pagu*, lançada no ano de 2000 em parceria com Zélia Duncan, Rita Lee brinca em seus versos ao retratar a força feminina e utiliza-se dos contextos históricos para tal composição. Em seus versos "mexo, remexo na inquisição" faz relação direta com a culpabilização de mulheres que foram mandadas para a fogueira no período de Inquisição, assim com sua postura reafirma-se como dententora do controle sobre si.

> Como enunciado em Pagu, ter "fama de porralouca, tudo bem", quando essa fama diz respeito a uma mulher que se comporta preocupada mais consigo mesma do que com a correspondências a padrões comportamentais vindos da

[292] Trecho da música "Deprê", lançada em 1993.
[293] Trecho da música "Benzadeusa", lançada em 1993.

> sociedade, muitas vezes machista e opressora com relação a seu gênero social.[294]

Entendendo a nova formação social do ser mulher, destaca-se a mulher não apenas como uma representante de fragilidade e delicadeza, na qual, destaca a beleza e estética como características principais, mas sim com sua força sendo capaz de lutar e conquistar aquilo que deseja, historicamente, tendo a força como símbolo masculino destaca que esta nova mulher é "mais macho que muito homem" e destaca sua autonomia em qualquer lugar seja no "tanque" ou no palaque como uma Pagu indignada.

> Mexo, remexo na inquisição
> Só quem já morreu na fogueira
> Sabe o que é ser carvão
> Eu sou pau pra toda obra
> Deus dá asas a minha cobra
> Hum hum hum hum
> Minha força não é bruta (adoro essa frase)
> Não sou freira, nem sou puta
> Porque nem toda feiticeira é corcunda
> Nem toda brasileira é bunda
> Meu peito não é de silicone
> Sou mais macho que muito homem
> Sou rainha do meu tanque
> Sou Pagu indignada no palanque
> Hanhan hanhan
> Fama de porra louca, tudo bem
> Minha mãe é Maria ninguém
> Hu huhuhu[295]

Já no ano de 2003, Rita Le lança sua música "Amor e sexo", baseada numa Crônica de Arnaldo Jabor[296]. Nessa canção, Rita deixa clara a existência dos desejos sexuais tanto masculinos como femininos e, de uma maneira inteligente, aborda na música as diferenças entre amor e sexo, sem deixar de mostrar o lado bom de ambas às partes. Como destacado no trecho abaixo:

> Amor é cristão. Sexo é pagão.
> Amor é latifúndio. Sexo é invasão.
> Amor é divino. Sexo é animal.
> Amor é bossa nova. Sexo é carnaval.
> Amor é para sempre. Sexo também.
> Sexo é do bom. Amor é do bem.[297]

---

[294] SANTOS, José Antônio B. A. 2013. p. 80.
[295] Trecho da música "Pagu", lançada nos anos 2000.
[296] Cineasta e jornalista brasileiro, escrevia colunas abordando os mais variados temas (cinema, artes, sexualidade, política nacional e internacional, economia, amor, filosofia, preconceito), além de intervenções "apimentadas" na televisão e em suas colunas que lhe renderam admiradores e muitos críticos.
[297] Trecho da Música "Amor e sexo", lançada no ano de 2003.

É possível perceber que enquanto o amor é visto como algo mais profundo, o sexo é visto como carnal, um desejo que deve ser atendido em nome do prazer. Dessa forma, essa canção é marcada mais uma vez pela presença da sexualidade feminina, na qual o sexo é visto como algo natural, cabendo a cada um a realização dos seus desejos seja por amor ou apenas por sexo.

Diante disso, é possível perceber que as músicas compostas por Rita Lee apresentavam um caráter inovador e que através de suas canções discutiu temas considerados tabus, como o sexo, a menopausa, a masturbação, além disso, a força feminina, sendo a mulher livre para ser o que quiser.

> Nas canções de Rita Lee em que a temática do erotismo aparece, é perceptível a presença de um eu poético feminino que se lança à efetivação do desejo com o intuito exclusivo de obtenção de prazer. Essa busca - negada, muitas vezes, às mulheres - é feita a despeito de sutilezas, uma vez que as ações e desejos são expostos, na maior parte das vezes, abertamente. Assim, o cu poético de Rita se lança "sem culpa nenhuma" a um território histórico e culturalmente marcado, para as mulheres, pela interdição.[298]

Assim, Rita Lee sempre descreveu a mulher como um ser forte, independente e foi através de seus comportamentos transgressores que enfrentou os tabus sem se importar com as limitações da sociedade machista e conservadora que limita os espaços femininos. Dessa forma, com suas letras tratando de assuntos polêmicos de uma maneira didática, Rita Lee conquistou muitos fãs e até os dias atuais é considerada um símbolo de força feminina.

Imagem 40: Rita Lee abraçada à bandeira de São Paulo em seu último show em 2013.



Fonte: https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2013/01/rita-lee-se-apresenta-no-aniversario-de-sao-paulo.html

[298] SANTOS, S. Cristina. 2019, p. 47

Nascida e criada no estado de São Paulo, em seu último show no ano de 2013, comemorou o aniversário da cidade e declarou sua paixão: "Eu amo essa cidade. Moro aqui há 67 anos! Daqui eu não saio. (...) Se não fosse São Paulo, o Brasil seria bem menos"[299], afirmou Rita, que, na verdade, estava com 65 anos e aumenta a idade. “459 anos, Sampa... Quase tão velha quanto eu".[300] Seu amor por São Paulo está registrado em suas memórias, pois parte da personalidade de Rita é fruto de suas experiências e vivências daquele lugar-espaço. Identificação essa que mereceu destaque:

> Eu queria mesmo era dançar o último tango da minha vida em São Paulo, cidade onde nasci, de onde nunca saí, onde meus pais escolheram como terra prometida, onde fui muito amada e odiada, onde meu mundindo na música começou. Dia 25 de janeiro de 2013, no aniversário de 459 anos da cidade, eu entrei no palco do Anhangabaú enrolada na bandeira paulistana e durante toda a apresentação a santa de casa fez, enfim, o milagre de ser ovacionada. Missão cumprida au grand complet.[301]

Reconhecendo sua importância para a história da música popular brasileira, Rita Lee com sua autenticidade e subversão “fez um monte de gente feliz”, tornando-se um símbolo feminino de força, resistência e que através de sua arte inspirou toda uma geração. Sendo uma eterna mutante, experenciou diversas fases, desde o auge de sua carreira, períodos de internação e sua atual reclusão. Viveu intensamente sua infância, juventude e maturidade e com suas canções ousadas e cheios de ritmo, revolucionou o universo feminino.

[299] Revista QUEM. Rita Lee se apresenta no aniversário de São Paulo: "Daqui eu não saio". 2013. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2013/01/rita-lee-se-apresenta-no-aniversario-de-sao-paulo.html>
[300] Ibidem, 2013.
[301] LEE, Rita. 2016. p. 264.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a infância, Rita Lee apresentou-se como alguém destoante, que foge às regras. Passando por altos e baixos ao longo de sua vida, Rita tem a subversão como marca da sua trajetória, sendo uma das primeiras mulheres a se destacar no segmento musical do rock. Com seus comportamentos rebeldes e transgressores, além de suas composições ousadas e que traziam à tona toda a força e subjetividade feminina, marcou toda uma geração.

Nascida no ano de 1947, período de intenso desenvolvimento industrial e de consolidação da classe burguesa, o sujeito "mulher" tem certas prescrições de espaços e comportamentos, cabendo-lhes os serviços domésticos e cuidados com a família. Em defesa da moral e dos bons costumes, à mulher está reservado o espaço privado que estaria sempre sujeito a uma vigilância com discursos moralizantes.

Tendo as revistas femininas como guias de comportamento, a publicidade também refletia os valores sociais dominantes, na qual, reafirmava o ambiente doméstico como exclusivo da figura feminina, destacando inclusive que ao sair do meio privado para o público, o ambiente familiar estaria sob prejuízo. Assim, as revistas atuam como manutenção dos padrões de comportamentos femininos, considerando o espaço doméstico como algo natural.

Apesar de lhe ser destinado um papel grandioso do cuidado com a família, isso acaba por ser apenas um discurso, na qual, limita o feminino colocando-o em um espaço de controle. Dessa forma, as pautas que giram em torno da mulher acabam sendo restritas, negando-lhe inclusive o direito sobre o próprio corpo e à sua sexualidade facilitando assim os níveis de controle doméstico e social por parte de uma sociedade essencialmente conservadora.

Diante disso, podemos destacar que o tempo, no interior do qual viveu e atuou Rita Lee, foi marcado por limitações a diferentes formas de existir. Limitações que apareceram sobre as mulheres e relacionado às questões de gênero. A sociedade com a qual Rita Lee conviveu era profundamente reacionária. Dando destaque por exemplo, as "marchas da família com Deus e pela liberdade" que foram uma marca da infância/adolescência de Rita Lee.

Iniciando no ano de 1964, uma Ditadura Militar é instaurada no Brasil e perdurando por quase vinte anos foi um momento de intensa repressão popular e censura. Dentre as imposições realizadas, a manutenção da ordem a partir da defesa da moral e dos bons costumes se destacou. Apesar do cenário extremamente conservador, um movimento contrário surge nesse período. Com o destaque dos movimentos feministas ao redor do mundo, no Brasil, a luta das mulheres

em busca de igualdade e liberdade, enfrenta este cenário lutando por mudanças tanto no campo político como individuais que atravessam o universo feminino.

A chegada da pílula anticoncepcional, assim como a intensificação das lutas feministas, ganha espaço socialmente, apesar dos conservadorismos em evidência. Nota-se, portanto, uma dualidade, na qual à medida que avança e se estabelece uma linha conservadora no período de ditadura militar, é também um momento de destaque para as mudanças sociais frutos da modernização que estavam em ascensão por todo o mundo.

Ganhando notoriedade em um período de ditadura militar, Rita Lee se destacou como uma das principais artistas influentes do período. Com a transgressão fazendo parte de seus comportamentos e de seu repertório musical, Rita desafia a moral e a imposições dos padrões de comportamento feminino.

Como artista, mãe e esposa, Rita Lee assume diversos papéis ao longo de sua vida. Mesmo se tornando um símbolo feminino ao defender as liberdades e variedades do ser mulher, vivencia também um modelo familiar padrão. Com suas diversas formas de ser e sentir, Rita Lee consegue em meio a censura militar produzir espetáculos e canções que quebram as barreiras que lhes foram impostas.

Sendo uma das artistas mais censuradas no período de Ditadura Militar, Rita Lee sofreu uma espécie de perseguição pela mídia. Devido ao seu comportamento transgressor, teve diversas de suas canções censuradas além de ter sido presa injustamente devido ao autoritarismo militar que usou sua prisão para exibir a punição àqueles que fugiam ou desrespeitavam à ordem da moral e dos bons costumes. Porém, diante às adversidades, com suas canções e performances, torna-se um símbolo de resistência feminina além de inspirar uma juventude que tinha sede por mudança e via na arte uma forma de resistir aos tempos de censura e repressão.

Dessa forma, é necessário compreender que, para a realização de um estudo histórico utilizando a música como objeto de pesquisa, foram levadas em consideração as subjetividades da compositora, intérprete, assim também como a do ouvinte. Nesse sentido, ao longo dos anos, a pesquisa de História e Música se faz cada vez mais necessária e devido a seu caráter heterogêneo, foi possível se realizar tanto por meio da análise dos gêneros musicais, como do estudo de seus grandes movimentos.

Deste modo, ao analisar o contexto em que Rita Lee está inserida, a música ganhou bastante destaque na luta contra as repressões atuantes no período de Ditadura Militar, destacando, assim, o surgimento de diversos movimentos contrários ao governo. Com letras provocativas e performances atrevidas, outras mulheres tais como Nara Leão, Elis Regina, Gal Costa e Maria Bethânia também se destacaram com comportamentos transgressores. Apesar de nem todas as

manifestações serem apresentadas de forma direta contra o regime autoritário, foram de fundamental importância no incentivo e influência social para os jovens que lutavam por mudanças.

Apesar de nunca ter se associado de maneira direta aos movimentos feministas, em suas ações Rita Lee defendeu o ser mulher e a liberdade de fazer escolhas. Falar sobre corpo e sexualidade, ainda hoje é considerado tabu, mas Rita Lee discutiu e cantou esses temas de forma naturalizada com suas letras carregadas de sensualidade e prazer.

Dessa forma, além do contexto no qual Rita Lee está inserida, a partir da análise das letras de suas músicas, é possível destacar a atuação feminina, tanto através do romance e suas relações pessoais como a atuação feminina a partir de sua sexualidade, atitudes estas que eram consideradas uma afronta à moral e os bons costumes impostos às mulheres.

Deste modo, conclui-se que a arte de Rita Lee é um signo histórico carregado de profundidade, uma linha de fuga, portanto, um personagem que rompe barreiras, que com sua rebeldia constrói uma arte que transcende a arte, pois se transforma em um movimento concreto, um elemento de unidade na luta para a rompimento de paradigmas já consolidados.

Dotada de uma transgressão orientada, ela aparece com a sua espontaneidade como uma artista, que apesar de independente, consegue com a sua música, elencar novas formas de ser mulher, o que se evidencia como uma forma de ligação na construção de novos padrões de corpo, gênero, sexualidade, família e juventude, tornando-se assim um símbolo de representatividade.

A persona Rita Lee é então, nesse sentido, um movimento vivo que nos permite diversas discussões sobre as formas do fazer artístico, aparecendo como um ponto fora da curva e mais um elemento nessa teia, que marca uma época e demonstra o poder da música nacional na busca por liberdade e democracia. A sua persona contribui para que a arte possa servir ao propósito de dar sentido à vida e as novas configurações sociais que surgiam naquele momento histórico.

Assim, seu trabalho como artista, e seu pioneirismo no rock do Brasil, se destaca até os dias atuais no cenário musical brasileiro, inspirando e influenciando diversos artistas, inclusive femininas no meio musical.

6 - REFERÊNCIAS E FONTES

6.1 Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Angela Teixeira de. **Música, gênero e dor de amor:** as composições de Dolores Duran e Maysa (1950-1974). Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. 2017.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares; WEIS, Luiz. Carro-Zero e Pau-de-Arara: O Cotidiano da Oposição de Classe Média ao Regime Militar. In: NOVAIS, A. (org). **História da Vida Privada no Brasil:** Contrastes da Intimidade Contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 319-409.

ALVES, Adalto. **A herança roqueira de Rita Lee.** 2013. Disponível em: <https://adaltoalves.wordpress.com/2013/08/20/a-heranca-roqueira-de-rita-lee/>

ANAZ, Sílvio A. L. A erotização do imaginário do pop-rock brasileiro nas canções de Rita Lee. **Música Popular em Revista,** Campinas, ano 3, v. 1, p. 80-100, jul.-dez. 2014.

ARAUJO, Bruna Alves de et al. **Nara, Gal e Elis:** uma análise interpretativa durante os anos de censura. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24117>

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22, p. 70-77, 2002.

ARTIÈRES, P. Arquivar a Própria Vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, 1998. p.01-26.

ASSIS, Ana Cláudia; et al. Música e História: desafios da prática interdisciplinar. In: BUDASZ, Rogério (Org.). **Pesquisa em música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas.** Vol. 1. Goiânia: ANPPOM, 2009, p. 05-39.

AVANCINI, Marta. **Na era de ouro das cantoras do rádio.** Luso-Brazilian Review, p. 85-93, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3514198>

AZAMBUJA, Cristina Spengler. O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista *O Cruzeiro*. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 3, n. 1, 2006. p.01-10.

BARTSCH, Henrique**. Rita Lee mora ao lado:** uma biografia alucinada da rainha do rock. São Paulo: Panda Books, 2006.

BORGES, Giuliana Paola**. Cantoras do rádio e mulheres:** um estudo sobre representações femininas no Brasil na década de 1950 construídas pela Revista do Rádio. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502287340_ARQUIVO_ANPUH.pdf

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BRAZIL, Daniel. **A mulher protagonista na música brasileira,** 2015. Disponível em: <http://www.revistamusicabrasileira.com.br/homenagens/mulher-protagonista-na-musicabrasileira.>

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALADO, Carlos. **A Divina Comédia dos Mutantes**. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Tropicália:** a história de uma revolução musical. São Paulo: Editora 34, 1997, 333p.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social,** v. 17, n. 2, p. 93-107, 2005.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes antropológicos**, v. 9, p. 283-302, 2003.

CASADEI, Eliza Bachega; VARGAS, Herom. A representação da masculinidade nas Capas de Disco do Rock Brasileiro da Década de 1960. **ArtCultura.** Uberlândia, v. 24, n. 45, p. 112-126, jul.-dez. 2022.

CAVERSAN, Luiz. **Conselhos de revistas femininas dos anos 50 e 60.** Folha Online. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult528u42.shtml.>

CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo: Brasiliense/Nova Cultural, 1982.

CONTENTE, Renato. **"Não se assuste, pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa":** a construção das personas políticas de Gal Costa e Elis Regina na ditadura militar brasileira1. 2017. Disponível em: <https://d1wqt>

DE ASSIS, Ana Cláudia; et al. Música e História: desafios da prática interdisciplinar. In: BUDASZ, Rogério (Org.). **Pesquisa em música no Brasil:** métodos, domínios, perspectivas. Vol. 1. Goiânia: ANPPOM, 2009, p. 05-39.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Mary. **Histórias íntimas:** sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FARIA, Lia. **Ideologia e utopia nos anos 60:** um olhar feminino / Lia Faria. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997. 176p.

FAVARETTO, Celso. **Ainda o tropicalismo**. Jornal da USP, 2016. Disponível em: <http://jornal.usp.br/artigos/ainda-o-tropicalismo/.>

FAVARETTO, Celso. **Tropicália, Alegria, Alegoria**. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2000.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio**.** Intelectualidade e escritas de si**:** traços (auto) biográficos na obra de O. G Rego de Carvalho. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, **v**. 28, n. 4, p. 167-194. 2019.

_____. A Letra e o Tempo: a escrita de O. G. Rego de Carvalho entre a ficção e a história da literatura. Teresina: EDUFPI, 2017.

GEROLAMO, I. de O. (2017). **Nara Leão:** entre a bossa nova e a canção engajada. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, (66), 172-198.

GOHL, J. W. **Meu trabalho é o roque enrow :** A alteridade de Rita Lee nas narrativas da imprensa. Caderno Espaço Feminino, [S. l.], v. 28, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/28357>. Acesso em: 7 fev. 2023.

GONÇALVES, Francielle S. Bruschi. **Música e Televisão:** Uma análise das letras do rock nacional e seu potencial educativo. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12443050-Musica-e-televisao-uma-analise-das-letras-do-rock-nacional-e-seu-potencial-educativo.html>

GONÇALVES, Francielle Sthefane Bruschi Cordeiro. **Uma análise das letras do rock nacional e seu potencial educativo.** 2013. Disponível em: https://docplayer.com.br/12443050-Musica-e-televisao-uma-analise-das-letras-do-rock-nacional-e-seu-potencial-educativo.html.

GUIMARÃES, Solange Alves. A mulher e o fim do casamento entre 1924 e 1950. **Anais do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade**. Poções, Bahia, 2012.

HOLLANDA. Heloísa Buarque de**. Impressões de Viagem:** CPC, Vanguarda e desbunde. 1960/1970. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2004.

HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. **As Cantoras do Rádio:** símbolo da nascente industrial cultural brasileira. São Paulo: Senac Editoras, 2009.

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, Brasil, n. 66, p. 172-198, abr. 2017

LEE, Rita. **favoRita.** São Paulo: Editora Globo, 2018.

LEE, Rita. **Rita Lee:** uma Autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.

LEJEUNE, Phelipe. **Je Est un Autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

LIMA, Norma. **Ditadura no Brasil e a censura nas canções de Rita Lee.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2019.

MELO, Ana Karla Marcelino de; COSTA, Edson Tavares. As mulheres de Rita: quebra de estereótipos femininos em letras de canções de Rita Lee. **Discursividades**, ISSN 2594-6269. Vol. 5. N. 2 - Dez. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música:** história cultural da música popular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). **Estudos avançados**, v. 24, p. 389-402, 2010.

NETA, M. C. M. M; BRITO, F. L. C. B. Ovelha negra: Rita Lee e as experiências contraculturais no Brasil dos anos 1970. In: MOTA, Carlos Alberto de Melo Silva; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco (Orgs.). **Retalhos históricos:** espaços, corpos e cultura. Teresina: Cancioneiro, 2021.

NOLETO, R. da S. "Eu sou uma fruta 'gogóia', eu sou uma moça": Gal Costa e o Tropicalismo no feminino. **Revista Acadêmica de Música**. Belo Horizonte, n.30, 2014.

PARANHOS, Adalberto. Mulher, Políticas do Corpo e Sexualidade na Música Popular (Brasil:1970 – 1980). **XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis, 2015.

PARANHOS, Adalberto. Uma canção é muito mais que uma canção. **ArtCultura.** Uberlândia, v. 24, n. 45, p. 7-8, jul.-dez. 2022

PAWLOSKI, Cristiane. TEIXEIRA, Nincia Cecilia Ribas Borges. O ser mulher na música de Rita Lee: do rosa ao choque. **Conexão – Comunicação e Cultura**. UCS, Caxias do Sul – v. 11, n. 22, jul./dez. 2012.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **Revista História Oral,** 3, 2000, p. 117-27.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.,** Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15. 2010

_____. Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RICOEUR, Paul et al. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papirus, 1994.

RODRIGUEZ, Luciana da Silva; CARRETEIRO, Teresa Cristina Othenio Cordeiro. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. **Psicologia & sociedade**, v. 26, p. 746-755, 2014.

SALERNO, Laura Peretto et al. Discursos para o feminino em páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações. **Educar em Revista**, p. 127-139, 2011.

SANTOS, José Antônio Barbosa Alves. **As faces de Eva:** o universo feminino no léxico de Rita Lee. 2013. 102 páginas. Dissertação (Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

SANTOS, S. Cristina**. Fruto Proibido:** erotismo e censura em Rita Lee. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. 2019.

SANTOS, Thainá Saranholi dos. **Anos Dourados no Brasil:** A Imprensa e o ideário feminino na década de 1950. 2016. Disponível em: <https://unisagrado.edu.br/uploads/2008/anais/historia_2016/AnosdouradosnoBrasil.>

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 35-50, 2004.

SCHIBELBEIN, Ralph. **Tropicalismo**: uma interpretação do Brasil. Revista Digital – Buenos Aires. Ano 14 - Nº 134 – Julho de 2009. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd134/tropicalismo-uma interpretacao-do-brasil.html.

SCHMIDT, Benito Bisso**.** A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção de "contexto". In: GUAZZELLI, César B.; PETERSEN, Sílvia RF; SCHIMIDT, Benito B. **Questões de teoria e metodologia da História.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, Joan W. Usos e abusos do gênero. **Revista do programa de estudos pós-graduados de História**. Vol. 45. 2012.

SILVA, L. H. O. S. "Não falem dessa mulher perto de mim": representação da mulher na mídia e na música popular na década de 1950. **Fênix - revista de história e estudos culturais,** v. 14, n. 1, 30 jun. 2017.

SILVA, Wayne Gonçalves. Mulheres e música no brasil dos anos 1950 e 1960. 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Wayne_Gon%C3%A7a>

SOIHET, Rachel. **Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SOIHET, Rachel, AGUIAR, Neuma. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, p. 95-114, 1997.

TATIT, Luiz. **O século da Canção.** Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

6.2. Sites

LEE, Rita. "Não nasci para casar e lavar cuecas". Depoimento de Rita Lee em entrevista para a Revista Rolling Stones. 2008. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/edicao/15/nao-nasci-para-casar-e-lavar-cuecas-revela-rita-lee/>

Conselhos de revistas femininas dos anos 50 e 60. Folha Online. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult528u42.shtml.>

DAPIEVE, Artur. Rita Lee em Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/rita-lee/critica.>

LISBOA, Mel. Depoimento da atriz Mel Lisboa sobre Rita Lee em entrevista a Revista QUEM. 2018. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2016/11/famosos-prestigiam-lancamento-de-autobiografia-de-rita-lee-em-sp.html>

ZÉ, Tom. Depoimento de Tom Zé sobre Rita Lee em entrevista para a Revista Rolling Stones. 2008. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/edicao/15/nao-nasci-para-casar-e-lavar-cuecas-revela-rita-lee/>

Elis Regina e Rita Lee cantam: "Doce de Pimenta". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PU2hPq1_sls>

Em 36 anos de vida, a cantora gravou 27 LPs, 14 compactos simples e seis duplos. Um total de quatro milhões de cópias vendidas. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/elis-regina-ditadura-e-lula.>

Emilinha Borba: A eterna majestade do rádio brasileiro. Disponível em: <https://www.musicaehistoria.com.br/2021/10/01/emilinha-borba/>

LEE, Rita. Entrevista de Rita Lee para Geraldo Mayrink. 1980. Disponível em: <https://geraldomayrink.com.br/entrevista/rita-lee-entrevista/>

LEE, Rita. Entrevista de Rita Lee para o podcast Papo de Jeepeiro. Disponível em: <https://www.pqn.com.br/portal/jeepeira-rocknroll-rita-lee-estreia-a-3a-temporada-do-podcast-papo-de-jeepeiro/>

Nara Leão dá voz à história do seu tempo. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/ 04/06/nara-leao-da-voz-historia-do-seu-tempo.>

O vírus da AIDS assombrou a década de 80. <https://www.camara.leg.br/radio/programas/348227-o-virus-da-aids-assombrou-a-decada-de-80-0734/>

Podcast Grandes Nomes do Rock #17: Mutantes. Disponível em: <https://www.consultoriadorock.com/2011/05/02/podcast-grandes-nomes-do-rock-17.>

Presos há 45 anos, Gil e Caetano foram vítimas do AI-5 e tiveram que se exilar. Disponível em: <www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/presos-ha-45-anos-gil-e-caetano-foram-vitimas-do-ai-5-e-tiveram-que-se-exilar,9b62d3a863c03410VrEgnVCM20000099cceb0aRCRD.ht>

Revista Marie. Mostrar a bunda é normal, envelhecer que é tabu. Disponível em: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/blogs/notas-omg/mostrar-bunda-%C3%A9-normal-envelhecer-%C3%A9-que-%C3%A9-190021681.html>

LEE, Rita. Rita Lee fala sobre libido aos 73 anos. Entrevista para o jornal O Globo. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/em-rara-entrevista-rita-lee-fala-sobre-libido-aos-73-anos-tenho-mais-prazer naalma.com>

Rita Lee relembra suas músicas que foram censuradas na ditadura. Jornal Estadão. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,em-novo-livro-rita-lee-relembra-suas-musicas-que-foram-censuradas-na-ditadura,70002343713>

Rita Lee reúne multidão de fãs em lançamento do livro "favoRita". Disponível em: <https://www.radiorock.com.br/2018/06/14/rita-lee-reune-multidao-de-fas-em-lancamento-do-livro-favorita/>

Rita Lee: "Para sobreviver a uma ditadura só tomando muito LSD". Observador. 2017. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/entrevista-autobiografia-rita-lee/>

Rita Lee: 10 curiosidades sobre a Rainha do Rock Brasileiro. Disponível em: https://www.dci.com.br/dci-mais/celebridades/rita-lee-10-curiosidades-sobre-a-rainha-do-rock-brasileiro/135207/.

Sarau Voador homenageia Tropicália nesta quarta-feira em Porto Alegre. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/sarau-voador-homenageia-tropic%>

TV Mulher - Rita Lee fala sobre o casamento com Arnaldo Baptista e com Roberto de Carvalho. 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oA3P_rJltNk>

6.3 Discografia

LEE, Rita. **3001.** São Paulo: Universal, 2000. Disco digital (CD), estéreo.

LEE, Rita. **Bossa n'roll.** São Paulo: Som Livre, 1991.

LEE, Rita. **Build up.** São Paulo: Polydor, 1970. 33rpm, sulco, mono.

LEE, Rita. **Todas as mulheres do mundo**. São Paulo: Som Livre, 1993. 33rpm, sulco, estéreo.

LEE, Rita. **Babilonia.** São Paulo. Som Livre, 1978 33rpm, sulco, estéreo.

LEE, Rita. **Fruto proibido.** São Paulo Som Livre, 1975. 33rpm, sulco, estéreo.

LEE, Rita, CARVALHO, Roberto de. **Aqui, ali, em qualquer lugar.** São Paulo: Abril Music, 2001. Disco digital (CD), estéreo.

LEE, Rita. **Balacobaco.** São Paulo: Som Livre, 2003 Disco digital (CD), estéreo.

LEE, Rita. **Bom bom.** São Paulo Som Livre, 1983 33rpm, sulco, estéreo.

LEE, Rita**. Flerte fatal.** São Paulo: EMI, 1987. 33rpm, sulco, estéreo,

LEE, Rita. **Reza.** São Paulo Biscoito Fino, 2012 Disco digital (CD), estéreo.

LEE, Rita. **Rita Lee e Roberto de Carvalho.** São Paulo: Som Livre, 1982. 33rpm, sulco, estéreo.

6.2 Músicas analisadas

LEE, Rita. **Gente fina é outra coisa (1973)**

LEE, Rita. **Agora só falta você (1975)**

LEE, Rita. **Fruto proibido (1975)**

LEE, Rita. **Ovelha negra (1975)**

LEE, Rita. **Luz del fuego (1975)**

LEE, Rita. **Esse tal de Roque Enrow (1975)**

LEE, Rita. **Prometida (1978)**

LEE, Rita. **Papai me empresta o carro (1978)**

LEE, Rita. **Perigosa (1978)**

LEE, Rita. **Chega Mais (1979)**

LEE, Rita. **Mania de você (1979)**

LEE, Rita. **Elvira Pagã (1979)**

LEE, Rita. **Doce Vampiro (1979)**

LEE, Rita. **Lança perfume (1980)**

LEE, Rita. **Banho de espuma (1981)**

LEE, Rita. **Cor-de-rosa choque (1982)**

LEE, Rita. **Vote em mim (1982)**

LEE, Rita. **Arrombou a festa III (1983)**

LEE, Rita. **Todas as mulheres do mundo (1993)**

LEE, Rita. **Menopower (1993)**

LEE, Rita. **Deprê (1993)**

LEE, Rita. **Benzadeusa (1993)**

LEE, Rita. **Pagu (2000)**

LEE, Rita. **Miss Brasil 2000 (2000)**

LEE, Rita. **Rebeldade (2000)**

LEE, Rita. **Arrombou a mídia (2002)**

LEE, Rita. **Amor e Sexo (2003)**

LEE, Rita. **Reza (2012)**

LEE, Rita. **Change (2021)**